



**ÁREA DO CONHECIMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – HABILITAÇÃO EM JORNALISMO**

REGINA DE FÁTIMA LAIN

**A LINGUAGEM JORNALÍSTICA COMO REPRESENTAÇÃO DA MULHER
NA SOCIEDADE**

**CAXIAS DO SUL
2019**

REGINA DE FÁTIMA LAIN

**A LINGUAGEM JORNALÍSTICA COMO REPRESENTAÇÃO DA MULHER
NA SOCIEDADE**

Trabalho de conclusão de curso para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, da Universidade de Caxias do Sul.

Orientadora: Prof.^a Dra.: Maria Luiza Cardinale Baptista.

CAXIAS DO SUL

2019

REGINA DE FÁTIMA LAIN

**A LINGUAGEM JORNALÍSTICA COMO REPRESENTAÇÃO DA MULHER
NA SOCIEDADE**

Trabalho de conclusão de curso para obtenção
do grau de Bacharel em Comunicação Social –
Habilitação em Jornalismo, da Universidade de
Caxias do Sul.

Aprovado em ____ / ____ / ____.

Banca examinadora

Prof.^a Dra. Maria Luiza Cardinale Baptista
Universidade de Caxias do Sul - UCS

Prof.^a Ma. Adriana dos Santos Schleder
Universidade de Caxias do Sul - UCS

Prof.^a Ma. Marliva Vanti Gonçalves
Universidade de Caxias do Sul - UCS

Dedico à minha mãe, mulher que lutou todos os dias
para que eu pudesse estar aqui.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas que acreditaram em mim e no meu potencial e suportaram, junto comigo, os desafios encontrados em cada uma das etapas da minha vida acadêmica. Foram longos períodos de atenção desviada, esquecimento na hora de responder e convites recusados, mas família e amigos continuaram comigo, acolhendo meus defeitos e virtudes. Mais do que conteúdo, cada página escrita nesta monografia simboliza um degrau a menos na luta contra depressão.

À professora Malu, minha orientadora, por compreender todo caos de uma pesquisadora novata em um mundo cheio de demandas.

Agradeço também aos jornalistas que tentam, da melhor forma possível, produzir conteúdo de qualidade, sem se deixar abater pela frequente desvalorização da profissão, do conhecimento e das rotinas de trabalho.

E mais do que tudo, agradeço às pessoas que acreditam em um mundo igualitário, feminista e com menos violência. A causa das mulheres já evoluiu muito, mas ainda precisa de debate para que novos direitos possam ser conquistados.

*“Querendo falar de mim, percebi que precisava
descrever a condição das mulheres.”*
Simone de Beauvoir

RESUMO

Este trabalho dedicou-se a analisar a linguagem jornalística em matérias relacionadas à mulher. A base teórica deste estudo é composta pelo estudo da linguagem em si e da formação da linguagem jornalística, a história e o papel da mulher na sociedade e a relação entre a linguagem e a construção da mulher na sociedade. Nesta monografia é realizada uma análise com base em uma amostragem de dez matérias distintas, divididas em quatro categorias: *mulher em foco*, *mapa da violência*, *em destaque* e *mulher e informação*. A estratégia metodológica baseia-se na Cartografia dos Saberes, proposta por Baptista (2012), e envolve a produção de conteúdos originais, o levantamento bibliográfico, a identificação e coleta dos materiais e a análise dos textos encontrados. Após o estudo, verificou-se que, independentemente da categoria, a linguagem jornalística mostrou breves sinais de melhora em relação a abordagens antigas de matérias sobre mulheres, principalmente no que diz respeito às pautas produzidas; no entanto, o discurso ainda traz um preconceito velado e caracterizações estereotipadas do feminino.

Palavras-chave: Jornalismo. Linguagem Jornalística. Mulher.

ABSTRACT

The present work is dedicated to the analysis of the journalistic language employed in news stories related to women. The theoretical basis of this study is found in the study of language itself and the formation of journalistic language, the history and role of women in society and the relationship between language and the construction of the concept of women in society. The sample provided for the analysis consists in ten distinct news pieces, divided into four categories: *women in focus* (seasonal motive), *a map of violence*, *women in the spotlight* (personal approach), and *women as source of information*. The methodological strategy is based on Knowledge Mapping, an approach proposed by Baptista (2012), which involves personal input, literature review and the identification and collection of materials and analysis of texts found in the news pieces. After the study, it was found that, regardless of the category, journalistic language showed brief signs of improvement in relation to approaches in older news stories about women, especially in respect to the agendas set; however, the discourse employed still carries veiled biases and stereotyped characterizations of the feminine.

Key words: Journalism; Journalistic Language; Women

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - construção da notícia.....	46
Figura 2 - Todas elas em uma: como será a mulher do futuro?	59
Figura 3 - IBGE: mulheres recebem, em média, 79,5% do salário dos homens.....	64
Figura 4 - Jovem que foi estuprada durante anos pelo pai e teve filho com ele contrata advogado para tirá-lo da cadeia.....	70
Figura 5 - Mais de 10 ocorrências de violência contra mulher foram registradas nas últimas horas em Caxias.....	74
Figura 6 - Torneio de Tênis em Madri anuncia competição mista contra a violência de gênero	76
Figura 7 - Ex-BBB Fani Pacheco é aprovada em vestibular de medicina.....	79
Figura 8 - Marcela Temer: bela, recatada e “do lar”	81
Figura 9 - Bem-estar em primeiro lugar.....	85
Figura 10 - formação sem escola 1	87
Figura 11 - Formação sem escola 2.....	88
Figura 12 - comentários 1	92
Figura 13 - comentários 2	93
Figura 14 - comentários 3	94
Figura 15 - comentários 4	94
Figura 16 - comentários 5	95

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Todas elas em uma: como será a mulher do futuro?	61
Quadro 2 - IBGE: mulheres recebem, em média, 79,5% do salário dos homens	67
Quadro 3 - Jovem que foi estuprada durante anos pelo pai e teve filho com ele contrata advogado para tirá-lo da cadeia.....	71
Quadro 4 - Mais de 10 ocorrências de violência contra mulher foram registradas nas últimas horas em Caxias.....	74
Quadro 5 - Torneio de Tênis em Madri anuncia competição mista contra a violência de gênero	76
Quadro 6 - Ex-BBB Fani Pacheco é aprovada em vestibular de medicina.....	79
Quadro 7 - Marcela Temer: bela, recatada e “do lar”	82
Quadro 8 - Bem-estar em primeiro lugar.....	86
Quadro 9 – Formação sem escola	88
Quadro 10 - comentários	91

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2. ASPECTOS METODOLÓGICOS.....	17
2.1 PESQUISA QUALITATIVA.....	18
2.1.1 Cartografia dos Saberes	19
2.1.1.1. Trilha dos Saberes Pessoais	20
2.1.1.2. Trilha dos Saberes Teóricos	21
2.1.1.3. Usina de Produção	22
2.1.1.3.1. Aproximações investigativas	22
2.1.1.4. Dimensão intuitiva da pesquisa	24
3. NÃO ESTÁ NA MANCHETE: A INVISIBILIDADE FEMININA NA HISTÓRIA DO JORNALISMO	25
3.1. TEORIAS DO JORNALISMO	31
3.1.2. Valores-notícia.....	34
3.1.3. Ética e Responsabilidade Social	36
4. SINALIZADORES PARA UMA COMUNICAÇÃO FEMINISTA	37
4.1. LINGUAGEM.....	38
4.2. ROMANTIZAÇÃO E CONSENTIMENTO	38
4.3. JULGAMENTO.....	38
4.4. OBJETIFICAÇÃO E ESTEREÓTIPOS	39
4.5. DIVERSIDADE	39
5. LINGUAGEM – DISCURSO E INTERPRETAÇÃO SOCIAL	41
5.1. O TEXTO JORNALÍSTICO.....	43
5.1.2. A Construção da Notícia	45
5.1.2.1 Objetos Textuais	45
5.1.2.2 Objetos Visuais	47
5.1.2.3 Agentes Sociais.....	49
6 CONSTRUÇÃO E SUBJETIVIDADE - A MULHER NA SOCIEDADE	50
6.1 VIOLÊNCIA DE GÊNERO - SER MULHER NO BRASIL.....	53
6.2 SOB UMA ÓTICA FEMINISTA	55

7. ANÁLISE: A MULHER NA VISÃO DO JORNALISMO BRASILEIRO	58
7.1. MULHER EM FOCO.....	59
7.2. MULHER EM FOCO.....	64
7.3. MAPA DA VIOLÊNCIA	70
7.4. MAPA DA VIOLÊNCIA	73
7.5. MAPA DA VIOLÊNCIA	75
7.6. EM DESTAQUE	78
7.7. EM DESTAQUE	81
7.8. MULHER E INFORMAÇÃO.....	85
7.9. MULHER E INFORMAÇÃO.....	87
7.10.COMENTÁRIOS.....	91
7.11. PERCEPÇÕES SOBRE A ANÁLISE	95
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	97
REFERÊNCIAS	99
ANEXO A – MATÉRIAS NA INTEGRA: ANEXO EM CD	106
APÊNDICE – PROJETO DE MONOGRAFIA: ANEXO EM CD	107

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda os aspectos de linguagem jornalística em matérias¹ relacionadas à mulher.

O objeto desta pesquisa surgiu como uma necessidade em externar condições que me causavam desconforto, tanto no âmbito pessoal quanto no profissional. Além disso, tem como base as características da Ciência, proposta pelo grupo de pesquisa AMORCOMTUR! Grupo de Estudos em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiese, em alinhamento a autores contemporâneos, na perspectiva complexo-ecossistêmica. Nesse sentido, há a valorização de diálogos comunicacionais, baseados na amorosidade, como ética da relação e do cuidado, e na apresentação clara do lugar de fala de cada pesquisador.

Descobri muito jovem que era incômodo, para mim, ser mulher. Sentia-me incompreendida, quando, ainda criança, precisava arcar com responsabilidades que não eram estendidas ao meu irmão mais velho. A comumente busca por uma igualdade, mesmo desconhecendo qualquer sinônimo de feminismo ou luta em defesa das mulheres, tornava-se desgastante e, de certa forma, frustrante, por gerar conflitos desnecessários dentro de casa.

Em uma família tradicionalmente italiana, a ordem do pai sempre foi palavra final. Qualquer contestação dessa realidade tornava-se uma forma de afronta aos princípios familiares e de bom senso. Não poder participar de esportes masculinos e a partilha desigual das tarefas domésticas foram fatores que me fizeram pensar, por muito tempo, que não gostaria de ter nascido mulher. Hoje, reflito que isso decorre, de fato, do funcionamento de um sistema patriarcal.

Com o passar dos anos e a assimilação de linguagens padronizadas, deparei-me com a proposição de uma mulher ideal. Ao mesmo tempo que interiorizava isso, era impossível, para mim, perceber-me dentro desse ciclo vicioso. Apesar das brigas, nada impediu que eu jogasse futebol e ganhasse pernas repletas de hematomas. Todas as atitudes e os discursos externos fizeram com que os homens, ao meu redor, vissem em mim duas propostas: ou como mais um garoto ou como a menina mais legal e diferente, por não ter “manhas e manias de qualquer outra” (frase dita inúmeras vezes pelos mesmos). No início, sendo jovem demais para perceber, sentia-me lisonjeada, por ser muito legal, mas, com o passar do tempo, as afirmações passaram a me incomodar. As duas visões, entretanto, possuíam uma clara similaridade: quanto menos mulher eu parecesse, melhor seria tratada.

Conforme fui crescendo, percebi que o que menos importava, para as outras pessoas, era o que eu sabia ou deixava de saber. Indiferentemente do quanto eu tentasse

¹ “O que é publicado ou se destina a ser publicado em veículo de comunicação”. (LAGE, 1993, p.73)

fugir das atitudes consideradas femininas, era colocada em uma bolha pré-concebida sobre o que se esperava de uma mulher. Já não compreendia o motivo de julgarem as mulheres ao meu redor e não concordava com as mais diversas declarações acerca do que eu deveria escolher na minha vida.

Foi e ainda é um longo processo de desconstrução e entendimento, de dinâmicas que sempre estiveram presentes, mas que nunca foram uma opção. Quando entrei na faculdade, passei a ter interesse pela teoria feminista - movimento político e social iniciado no final do século XIX, relacionado com a justiça social e união das mulheres na defesa dos seus direitos (BARBA, 2016) e pude compreender um pouco mais sobre como a nossa comunicação afeta diretamente a vida de muitas mulheres.

Esse descontentamento com a condição das mulheres sempre foi presente, mas nunca havia sido considerado por mim, para a produção de uma pesquisa inteiramente dedicado a ele. Durante a jornada acadêmica e profissional, percebi, a mim e a outras mulheres em situações de assédio ou desvalorização, sem outros motivos, além da diferenciação de gênero.

A problemática feminista passou a ganhar espaço em minha vida, influenciando a forma de lidar com as mais diversas relações do meu dia a dia, bem como o entendimento da minha própria valorização pessoal. Foi apenas durante a descoberta d' *O Livro Negro da condição das mulheres*, obra organizada pela jornalista Christine Ockrent (2011) (o livro traz artigos de intelectuais de todo o mundo, apresentando as mais diversas situações nas quais ainda é preciso lutar em nome da igualdade de gênero), que percebi o quanto as lutas e o histórico de percepção de ser mulher ainda causavam impactos reais na minha forma de ver o mundo.

Ao vivenciar diariamente áreas distintas do Jornalismo, entendi que, mais do que simplesmente expor situações e provocar reflexões em outras pessoas, precisamos, também, interpretar e discutir as problemáticas internas da profissão. Ao analisar os discursos que circulam, tanto nos jornais, quanto na vida, pude perceber que existem motivos para aprendermos a sintaxe² na escola. A língua não apenas informa, mas transmite o ponto de vista pelo qual estamos observando e vivenciando uma situação.

Ao longo da graduação, pude compreender melhor a não existência do Jornalismo imparcial, ao mesmo tempo que sofria com incômodos frequentes, em análises de matérias que tratavam sobre violência contra a mulher. Isso demonstrava que o discurso (por trás do discurso) continuava visualizando por trás de lentes preestabelecidas na sociedade.

² FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário da Língua Portuguesa. 2019. "Parte da linguística que se dedica ao estudo das regras e dos princípios que regem a organização dos constituintes das frases". Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/sintaxe>> . Acesso em: 08 de abril de 2019.

Por meio do ideal de uma linguagem que contasse mais histórias, conheci o conceito de Jornalismo Amoroso (BAPTISTA, 2012), proposto fora de um sistema mercadológico e que trouxesse afeto aos sujeitos. Neste conceito, tive meu primeiro contato com o Grupo de Estudo AMORCOMTUR!. Apesar de não ter participado ativamente do grupo de forma imediata, percebi que muito do meu interesse pela pesquisa surgiu da necessidade de me tornar uma profissional de qualidade, que trouxesse isso de uma forma muito mais subjetiva do que possíveis números para um veículo de comunicação.

Dessa forma, o presente trabalho propõe uma visão amorosa e ética para e com o outro, bem como um ponto de vista feminista também sobre o Jornalismo. Tem como objetivo geral: analisar os aspectos de linguagem jornalística, em matérias relacionadas à mulher. Por necessidade de me expressar, tanto como sujeito a ser pesquisado quanto como pesquisadora, proponho uma união da profissional com o pessoal, criando, assim como Shoshana Felman (1975), o desafio de “falar não somente contra, mas fora da estrutura falocêntrica especular, estabelecer um discurso cujo status não seja mais definido pela falicidade do pensamento masculino” (FELMAN, 1975, apud HOLLANDA, 1994, p 37).

O processo de escolha do objeto de pesquisa foi doloroso e complexo, trazendo mais experiências pessoais de descoberta do significado do sujeito mulher do que, necessariamente, um embasamento teórico que pautasse de forma prática a presente monografia. Ser mulher é construção de um papel social. Conforme a escritora francesa Simone de Beauvoir, no prólogo de seu livro *Segundo Sexo*, “ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (BEAUVOIR, 1980, p 9), propondo que a significação do feminino e masculino surge de uma apresentação social de diferenciação entre os sexos. A discussão sobre a igualdade de gênero e o empoderamento feminino gira em torno das motivações que levam à perpetuidade de uma cultura com características machistas.

Os dados brasileiros apenas reforçam essa problemática. Em 2016, o jornal O Estado de S. Paulo constatou que o Metrô da cidade de São Paulo registrava quatro casos de assédio sexual semanalmente. Já no âmbito doméstico, O Instituto Maria da Penha destaca violência no país a cada 7 segundos, tendo aumentado aproximadamente 20% nos últimos 10 anos. (SOARES, 2017).

Na sociedade pós-industrial, não há bem mais valioso que a informação (PENA, 2012, p 11). Dessa forma, a linguagem e o jornalismo são altamente relacionados à forma e interpretação que a sociedade olha para os problemas sociais. “A questão é, se, no capitalismo tardio, a informação é tão estratégica, quem serão seus mediadores? Nesse ponto é que o jornalismo assume função vital” (PENA, 2012, p 120). É nesse momento que o papel do profissional de comunicação surge como mediador da informação e propositor de frequentes desconstruções, acerca dos temas apresentados, promovendo impactos reais na sociedade. Assim, os aspectos de linguagem jornalística, relacionados à mulher, afetam a

dimensão subjetiva do leitor, que passa a assimilar, por repetição e aceitação, o *status quo* apresentado, reforçando novamente traços de violência.

Dessa forma, é preciso localizar discursos dúbios, que possam representar atitudes de preconceito, identificá-los e solucioná-los na prática da profissão. Heloisa Buarque de Hollanda, em seu livro *Tendências e Impasses - O Feminismo como crítica da Cultura*, discute a importância de uma escrita feminina, que funcione dentro do discurso 'masculino', mas trabalhe incessantemente para desconstruí-lo: “para escrever o que não pode ser escrito e para quebrar os estereótipos que reforçam uma subcondição do feminino” (HOLLANDA, 1994, p 37). Como jornalista e feminista, entendo o que observo em matérias relacionadas à mulher e, constantemente, questiono a mim e aos outros se essa abordagem é a mais adequada para as situações apresentadas.

Partindo dessa problematização, os objetivos específicos do presente trabalho são:

- Discutir os aspectos básicos da linguagem jornalística;
- Identificar matérias relacionadas à mulher;
- Analisar a linguagem nas matérias relacionadas à mulher;
- Propor narrativas jornalísticas sobre a mulher com base em sinalizadores feministas.

Em suma, o presente trabalho é desenvolvido com a intenção de abordar os aspectos de linguagem jornalística, em matérias relacionadas à mulher.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, as estratégias metodológicas utilizadas partem da utilização da Cartografia dos Saberes, proposta por Baptista (2014), com o desenvolvimento de uma pesquisa formulada em quatro grandes eixos: trilhas de saberes pessoais, saberes teóricos, laboratório de pesquisa e dimensão intuitiva da pesquisa.

Foram utilizados referenciais teóricos que auxiliem na análise dos objetos de estudo. Como principais parâmetros sobre jornalismo e linguagem, o livro *O Discurso das Mídias*, de Patrick Charaudeau (2009), aborda a influência do jornalismo como um fenômeno e o peso das palavras utilizadas nas matérias e *A Teoria do Jornalismo* (2012), de Felipe Pena, trabalha com todos os conceitos e pensamentos acerca da profissão. No âmbito da mulher, as principais influências foram: *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir (1980) para análise da mulher e sua condição em todos os âmbitos: social, política, psicológica e social, e Heloisa Buarque de Hollanda (1994), na obra *Tendências e Impasses: O Feminismo como Crítica da Cultura*, para ilustrar quais os caminhos e as alternativas do movimento feminista na contemporaneidade.

Após o desenvolvimento e explicação dos aspectos metodológicos que influenciam na criação e concepção de ciência nesta monografia, o presente trabalho inicia

conceituando as informações apresentadas por meio do referencial teórico. Inicialmente são abordados os aspectos históricos do Jornalismo, bem como a participação feminina na profissão e a apresentação do jornalista como mediador do ecossistema. No quarto capítulo, passamos para a questão da linguagem, trazendo o seu conceito geral, o texto jornalístico e suas características. Tratamos, então, no quinto capítulo, sobre a mulher: concepção do feminino, aspectos de violência de gênero e feminismo. A partir daí, é desenvolvida a análise - com as aproximações e ações investigativas. O fechamento se dá com uma proposta de jornalismo amoroso e comunicação feminista em matérias relacionadas à mulher.

2. ASPECTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa foi desenvolvida visando verificar a inserção e realizar a análise jornalística de um ponto de vista feminino. Para tanto, foi utilizada, como estratégia metodológica, a Cartografia dos Saberes (BAPTISTA, 2014), baseada na estruturação científica de um conjunto de saberes – possibilitando, ao pesquisador, o envolvimento direto com seu objeto de pesquisa, aproximando a relação entre os assuntos e inserindo a produção científica em todas as dimensões da vida do pesquisador.

Acredita-se que essa estratégia auxilie na produção de uma pesquisa voltada a um olhar pessoal-social da violência contra a mulher, bem como propicie uma aproximação direta com o objeto de estudo, retratando a importância da profissão jornalista para a contextualização da sociedade, aceitação ou não das violências e da produção de conteúdos de qualidade. No entanto, nesse tipo de abordagem, foi necessário despir-me de pré-julgamentos, que pudessem tornar-se o chamado “Bias do pesquisador”, ou preconceitos adotados na pesquisa científica. Eles dão a sustentação do convencionalismo e de expectativas que marcam a vivência do pesquisador (GOLDENBERG, 2004, p.47). Dessa forma, os caminhos da pesquisa são direcionados por meio de:

- Pesquisa Qualitativa:
 - Cartografia dos Saberes, dividida em:
 - A. Trilha dos Saberes Pessoais: produção de cunho pessoal, com anotações e produções diretamente relacionadas às vivências do pesquisador;
 - B. Trilha de Saberes Teóricos: anotações e referências bibliográficas dos autores, livros e materiais científicos de auxílio para a produção da pesquisa;
 - C. Usina de Produção: pesquisa propriamente dita, na qual o pesquisador vai a campo e coloca em prática as teorias estudadas nas trilhas anteriores. Divide-se em aproximações e ações investigativas;
 - D. Dimensão intuitiva da pesquisa: registros que emergem no decorrer da pesquisa, valorizando as ideias que acontecem de forma espontânea.

Por intermédio dessa estratégia metodológica, firma-se, curiosamente, uma proposição, não de um método único de fazer pesquisa, mas sim a utilização de critérios de orientação para adequação e desenvolvimento, tanto da pesquisa quanto do pesquisador

(BAPTISTA, 2012). O trabalho enlaça diferentes técnicas para construção de um ambiente propício de análise, considerando a noção de ecossistema³ como contribuição para os futuros desdobramentos da pesquisa, sem desconsiderar, contudo, que o próprio pesquisador está inserido nesse ecossistema.

Por conseguinte, em coerência com a Cartografia dos Saberes, faz-se uso da primeira pessoa do singular, quando necessário, visto que, nessa perspectiva, o autor também é sujeito do processo de descoberta do objeto. Assim, a estratégia busca valorizar as construções realizadas e que serviram de auxílio para descoberta do objeto de pesquisa.

2.1 PESQUISA QUALITATIVA

Em função da temática do trabalho, a Pesquisa Qualitativa foi escolhida como principal guia de orientação para escolha de uma estratégia metodológica, porque se entende que esta é essencial ao estudo das relações sociais, devido à pluralidade que cada esfera possui (FLICK, 2009). A Pesquisa Qualitativa é de extrema importância para o estudo do atual contexto social, de luta e valorização da mulher, visto que a frequente mudança social e diversificação das esferas da vida faz com que “os pesquisadores sociais enfrentem novos contextos e perspectivas sociais” em seus objetos de estudo (FLICK, 2009, p 21).

Segundo Flick (2009), a pesquisa qualitativa não se baseia em um único conceito metodológico. Pelo contrário, diversos pontos de vista e abordagens auxiliam no processo de discussão dos objetos de estudo, sendo que os pontos de vista subjetivos constituem um primeiro ponto de partida. Da mesma forma, são pensadas, paralelamente, estratégias de interação do pesquisador com a sua pesquisa, ao mesmo tempo que se buscam reconstruir e analisar, de forma contínua, o campo social no qual a pesquisa está sendo desenvolvida.

A opção pela Pesquisa Qualitativa não ignora os dados da Pesquisa Quantitativa (esta aparece principalmente nos processos de investigação) A escolha, no entanto, consiste na busca adequada por métodos e teorias convenientes; no reconhecimento e na análise de diferentes perspectivas; nas reflexões dos pesquisadores a respeito de suas pesquisas, como parte do processo de produção de conhecimento; e na variedade de abordagens e métodos. (FLICK, 2009).

³ Aqui utiliza-se ecossistema baseado no conceito de ecologia profunda, proposto por Fritjof Capra em seu livro *A Teia da Vida*. O autor acredita em um mundo integrado de interdependência entre os fenômenos, na qual todos os processos para criação, ambientação e vivência são considerados dentro da comunidade na qual estes estão inseridos. (CAPRA, 1996) A abordagem está presente, também, no projeto de pesquisa *Ecossistemas Turístico-Comunicacionais-Subjetivos*, desenvolvido no Amorcomtur! (BAPTISTA, 2018).

De modo diferente da pesquisa quantitativa, os métodos qualitativos consideram a comunicação do pesquisador em campo como parte explícita da produção de conhecimento, em vez de simplesmente encará-la como uma variável a interferir no processo. A subjetividade do pesquisador, bem como daqueles que estão sendo estudados, tornam-se parte do processo de pesquisa. As reflexões dos pesquisadores sobre suas próprias atitudes e observações em campo, suas impressões, irritações, sentimentos, etc., tornam-se dados em si mesmos, construindo parte de interpretação e são, portanto, documentados em diários de pesquisa ou em protocolos de contexto. (FLICK, 2009, p. 25)

Jornalismo e pesquisa são campos que envolvem processos que possuem o ato político como natureza comum. Isso significa abordar temáticas que fazem parte da vida do pesquisador e que possuem importância social. Nesse âmbito, a pesquisa qualitativa também auxilia o pesquisador a não ignorar o contexto no qual está incluído, seu lugar de fala e seus posicionamentos, acerca das possibilidades metodológicas de pesquisa.

Qualquer pesquisa, em qualquer nível, exige do pesquisador um envolvimento tal que seu objetivo de investigação passa a fazer parte de sua vida; a temática deve ser realmente uma problemática vivenciada pelo pesquisador, ela deve lhe dizer respeito. Não, obviamente, num nível puramente sentimental, mas no nível da avaliação da relevância e da significação dos problemas abordados para o próprio pesquisador, em vista de sua relação com o universo que o envolve. A escolha de um tema de pesquisa, bem como a sua realização, necessariamente é um ato político. Também, neste âmbito, não existe neutralidade. (FLICK, 2009, p. 145)

Descobrir as situações que envolvem o ecossistema ao redor do objeto de pesquisa é estudar o conhecimento e também as práticas dos participantes (FLICK, 2009). Por meio da pesquisa qualitativa, no seguinte trabalho, pretende-se compreender tanto os fatores que favorecem os discursos de violência de gênero, bem como analisar e contextualizar o jornalismo brasileiro e as coberturas neste âmbito.

2.1.1 Cartografia dos Saberes

A produção científica é formada por uma trama de trilhas, ou pistas, que cada pesquisador compõe, ao compreender, de forma mais profunda, os fenômenos e objetos estudados em uma pesquisa (BAPTISTA, 2012). A Cartografia dos Saberes, proposta de Baptista, serve como uma “orientação para o estabelecimento de uma estratégia metodológica” (BAPTISTA, 2014, p. 343). Assim, utiliza de diversos saberes para aplicação das técnicas necessárias e convenientes à elaboração de cada pesquisa. Dessa forma, a Cartografia dos Saberes faz uso dos conhecimentos já produzidos por outros investigadores, sem ignorar a vivência pessoal e de campo do próprio pesquisador.

A Cartografia dos Saberes segue a mesma lógica de definição da cartografia por si só. A técnica, definida “conjunto de estudos e operações científicas, técnicas e artísticas que orienta os trabalhos de elaboração de cartas geográficas” (MORAES, 2011, p 12), pode ser adaptada para outras áreas de conhecimento, como a comunicação. A intenção dessa estratégia metodológica é oferecer uma variedade de alternativas, unindo-as com a percepção do pesquisador dentro de seu objeto de pesquisa.

Isso significa, ao mesmo tempo, permeabilidade na interação dos saberes – por isso, a palavra ‘saberes’, no plural – e, também, flexibilização no conceito de método, que deixa de ser ‘o’ caminho, para ser direcionado à perspectiva plural e complexa, a que venho me referindo. Isso não significa o abandono dos conhecimentos metodológicos consolidados, mas, ao contrário, implica a sua consideração abrangente para a realização de escolhas. A Cartografia de Saberes é particularmente recomendada à perspectiva da pesquisa qualitativa ou que busca a profundidade e complexidade de abordagens, mesmo que utilize, também métodos e técnicas quantitativas. A questão é mais de orientação epistemológico-teórica, do que metódica, propriamente dita. (BAPTISTA, 2012, p 344)

Com isso, a Cartografia dos Saberes como proposta metodológica faz uso de diversas estratégias, para que o pesquisador aproveite ao máximo o processo de construção da monografia. Utiliza-se saberes devido à flexibilização do conteúdo e possibilidade de o pesquisador seguir mais de um caminho, com o uso de trilhas de pesquisa que utilizam conhecimentos práticos, teóricos e empíricos.

2.1.1.1. Trilha dos Saberes Pessoais

O ponto de partida surge com a trilha dos Saberes Pessoais, como uma forma, também, de entender o sujeito como parte reconhecida do processo de produção científica. (BAPTISTA, 2012). Inicia-se a pesquisa com a produção de materiais de cunho livre e pessoal, buscando compilar as diversas informações que o autor já possui sobre os assuntos tratados em relação à pesquisa.

Com isso, “o investigador deve procurar refletir sobre o que sabe sobre o assunto” (BAPTISTA, 2012, p 350). Essa estratégia possibilita transformar os saberes pessoais nos primeiros rascunhos de conhecimento, guiando o que já é sabido sobre o assunto e orientando outras necessidades sobre o assunto a ser estudado. Isso porque racionaliza os conhecimentos latentes e possibilita que estes sejam agrupados e aproveitados para além do fator empírico.

Estes textos são livres, uma espécie de sondagem de si mesmo, sem julgamento. Eles vão ajudar o próprio aluno a se dar conta a respeito do que sabe, do que pensa e do seu interesse de direcionamento da sua prosa e, também, o orientador a ter um ponto de partida, ou seja, a situar em relação

ao conhecimento/pensamento/sentimento do pesquisador iniciante. (BAPTISTA, 2012, p 351)

Para construção dessa trilha, busquei categorizar, analisar e expor todos os conhecimentos acerca das temáticas *mulher, jornalismo e linguagem*, assuntos que posteriormente foram transformados nos capítulos centrais da presente monografia. A Trilha de Saberes Pessoais mostra muito mais do que um conjunto de opiniões; esse caminho apresenta as principais motivações para a pesquisa e os assuntos que já percorremos em outros momentos da vida e que podem ser relacionados à pesquisa. Dessa forma, a utilização dos saberes pessoais para início do processo de produção do trabalho possibilitou compreender a abrangência do tema já conhecido anteriormente e a ampliação dos conhecimentos, junto às outras trilhas de saberes da cartografia.

2.1.1.2. Trilha dos Saberes Teóricos

Paralelamente à produção dos textos da trilha de saberes pessoais, a segunda trilha, dos Saberes Teóricos, constrói o conhecimento com o auxílio de outros autores que já abordaram os assuntos tratados. Com isso, as informações se complementam e ficam mais claras durante o processo de produção.

Então, uma vez definidas as temáticas inerentes ao objeto (quer dizer, uma vez reconhecidos os 'conceitos', núcleos conceituais que eu chamo de trilhas investigativas), proponho que o pesquisador monte um quadro com os assuntos e as referências teóricas encontradas sobre cada um deles. Esse quadro é importante, porque ajuda a visualizar a cartografia teórica e suas linhas investigativas. Para cada subtemática expressa nas palavras-chave, o pesquisador deve ter referências bibliográficas que direcionem o trabalho teórico. Trata-se, aqui, também, de um quadro-esboço cartográfico que se refaz o tempo todo, destacando os textos já lidos, já trabalhados efetivamente. (BAPTISTA, 2014, p 351)

A relação com os autores escolhidos para referencial bibliográfico é o principal eixo para construção da segunda trilha. Na presente monografia, os capítulos foram construídos com base no jornalismo - aspectos históricos e mediação social, linguagem - conceituação, poder e utilização de discurso implícito, e o eixo que interliga toda a pesquisa: mulher - concepção do feminino, a situação da mulher no Brasil, a violência de gênero e o fortalecimento do feminismo. Para conceituar esses eixos, buscam-se os autores que conversem com o objeto de pesquisa, de modo que os assuntos possam ser aprofundados.

Pesquisa bibliográfica, num sentido amplo, é o planejamento global inicial de qualquer trabalho de pesquisa [...]. Num sentido restrito, é um conjunto de procedimentos que visa identificar informações bibliográficas, selecionar os documentos pertinentes ao tema estudado [...] (STUMPF, 2014, p. 51)

Nesse contexto, os saberes teóricos tornam-se base para o fazer ciência. “À medida que o indivíduo vai lendo sobre o assunto de seu interesse, começa a identificar conceitos que se relacionam até chegar a uma formulação objetiva e clara do problema que irá investigar” (STUMPF, 2014, p. 53). Desde a concepção do trabalho, com identificação do problema, até a finalização, com as possíveis conclusões retiradas da análise, a revisão de literatura permite a comparação de opiniões acerca do objeto.

É importante ressaltar que a revisão bibliográfica aparece na presente pesquisa como mais uma alternativa metodológica para o estudo científico. Geralmente utilizada como base, ou até mesmo como única fonte de construção, os saberes teóricos são utilizados como parte do contexto proposto pela totalidade da Cartografia dos Saberes. Sendo assim, mesmo fazendo uso da bibliografia para um dos pilares essenciais da pesquisa, a individualidade e autonomia do sujeito perante o próprio objeto não são ignoradas.

A trilha de saberes teóricos possibilitou a ampliação da pesquisa em si. Foi através dos autores estudados que o diálogo e a problematização puderam construir o desenvolvimento do trabalho, de forma a representar os ideais de estudo da pesquisadora, mas também gerando novas áreas de estudo que fortaleceram a produção.

2.1.1.3. Usina de Produção

Já a terceira trilha investigada é representada como usina de produção científica. Isso porque é ali que “envolve a criação de situações para que o pesquisador viva a pesquisa” (BAPTISTA, 2012, p 351). Na última trilha, a teoria e prática se unem para que a ciência possa ser propriamente realizada. Conforme Bueno (2017, p.28),

A usina de produção é subdividida em dois momentos: aproximações e ações investigativas. O primeiro está relacionado às incursões que permitem ao pesquisador estabelecer ou ampliar contato com o campo de trabalho. Cabem aqui visitas prévias, conversas informais com possíveis fontes, busca preliminar por materiais, além de discussões ou seminários teóricos. Já no segundo momento – as ações investigativas, propriamente ditas – ocorre o mergulho ao campo de pesquisa, que mescla planejamento prévio e abertura ao inesperado.

2.1.1.3.1. Aproximações investigativas

A relação com esta monografia iniciou muito antes da sua concepção em si. Como uma pessoa interessada pelo feminismo e também uma consumidora assídua de notícias, o tempo encaminhou-se por criar a relação de descontentamento com grande parte das produções jornalísticas que faziam referência à mulher. Desde o início da faculdade,

imaginei tratar, no trabalho de conclusão, alguma temática que fosse relacionada ao formato como o sexo feminino é tratado na mídia.

A decisão pelo atual tema se deu após acompanhar, em diversos veículos de comunicação, matérias que claramente possuíam caráter machista, e que, desta forma, geravam um descontentamento generalizado nos receptores deste material. O contato inicial e de armazenamento de matérias que traziam a temática “violência contra a mulher” iniciou antes mesmo da produção efetiva da pesquisa. Guardei, durante cerca de um mês, todas as matérias e links que tivessem a mulher como um dos itens de destaque. Já com orientação, passei a acompanhar periodicamente os jornais, inicialmente com a ideia de trabalhar veículos específicos - Zero Hora, Portal G1, Pioneiro e Portal Leouve.

No entanto, apenas de matérias separadas por categorias (explicação abaixo) foram contabilizadas 450 reportagens, notas e notícias dos mais diversos sites, impressos e produtos audiovisuais. Com a grande quantidade de material para decupagem, optei por trabalhar com uma amostragem, visto que as notícias possuíam, no geral, informações em comum. As categorias foram nomeadas e são apresentadas abaixo:

- A MULHER EM FOCO
- MAPA DA VIOLÊNCIA
- EM DESTAQUE
- MULHER E INFORMAÇÃO

A categoria **MULHER EM FOCO** representa as reportagens que exaltam e enaltecem as mulheres. São matérias sazonais, utilizadas principalmente no Dia da Mulher e Dia das Mães. Busca-se uma valorização da personagem e geralmente possui um caráter que relembra uma homenagem. Foram encontradas 120 notícias nesta categoria e, apesar de a maioria ter sido produzida em datas comemorativas, 20 matérias apresentaram conotação negativa.

A categoria **MAPA DA VIOLÊNCIA** apresenta reportagens que tratam, exclusivamente, do tema “violência contra a mulher”. A temática liderou o número de pautas nos veículos analisados. Foram contabilizadas 202 matérias, podendo ainda ser divididas em subcategorias:

- A vítima: notícias específicas de mulheres que sofreram algum tipo de violência - 172 matérias
- Informativas: notícias que trazem dados sobre violência contra mulher ou violência de gênero - 13 matérias
- Combate: notícias sobre novas propostas na prevenção da violência de gênero - 17 matérias

EM DESTAQUE trouxe 75 pautas em que a mulher aparece como o assunto/evento principal da notícia. Conta a história de mulheres, traz perfis, ou novidades sobre alguma mulher ou algo que ela tenha feito. O principal critério de divisão era a proibição de matérias que envolvessem a violência, visto que estas já estariam categorizadas em **MAPA DA VIOLÊNCIA**. Outro destaque importante é que nesta categoria, especificamente, não há necessidade de a mulher ser a fonte de informação, visto que muitos perfis apenas contam algo sem a participação direta do agente social citado. No geral, as matérias em que as mulheres ganham espaço são em editorias de cultura, comportamento, curiosidades sobre celebridades e em pautas que falem sobre a temática feminina.

Por último, na categoria **MULHER E INFORMAÇÃO** foram catalogadas matérias em que as mulheres aparecem como fonte de informação em notícias que não dizem respeito à violência ou ao universo feminino. O objetivo era procurar os assuntos universais em que as mulheres contribuem com seu saber. A principal diferença entre **EM DESTAQUE** e **MULHER E INFORMAÇÃO** é no assunto abordado – enquanto a primeira traz a temática mulher ou alguma mulher como objeto principal, a segunda faz exatamente o oposto e traz as mulheres falando sobre assuntos que não são elas mesmas. Nesta categoria foram encontradas 53 notícias nas quais as mulheres aparecem, principalmente representadas com alguma relação a outro ser: como por exemplo mãe, esposa e filha. Também foi perceptível a ausência de fontes femininas na área dos esportes e da política.

2.1.1.4. Dimensão intuitiva da pesquisa

A quarta trilha de saberes busca valorizar de forma integral todo o processo o pesquisador percorre até sua conclusão. A Dimensão Intuitiva da Pesquisa envolve o registro das ideias que surgem na caminhada da pesquisa. Essa trilha acredita que independentemente dessa sistematização ser utilizada ou não, promove a valorização das ideias que surgem de forma espontânea sobre o objeto de estudo. Baptista (2014) ressalta, a importância dos registros sistemáticos da intuição e a consideração de que esse registro, na prática, inscreve um texto interno, pleno de intensidades abstratas, saberes presumidos pelas vivências e pelos entrelaçamentos vários (BAPTISTA, 2014, p. 352).

O pesquisador não encontra uma obrigatoriedade de uso desse material, mas se beneficia de todas as maneiras, para entrelaçar suas ideias com a dos autores, fortalecendo ainda mais sua pesquisa e tornando-a cada vez mais pessoal.

O encontro de todas essas estratégias tornou possível uma pesquisa convergente, que une estudos, orientação, trabalho de campo e a utilização de técnicas para os melhores resultados.

3. NÃO ESTÁ NA MANCHETE: A INVISIBILIDADE FEMININA NA HISTÓRIA DO JORNALISMO

“A história da oposição dos homens à emancipação das mulheres é mais interessante talvez do que a história da própria emancipação”.

Virgínia Woolf, Um Teto Todo Seu, 1929

Não é muito difícil entender as motivações de uma jovem estudante para uma análise mais aprofundada sobre a relação do Jornalismo com a participação da mulher na sociedade. Assistindo, em pleno século XXI, a importância da profissão decair cada vez mais perante à sociedade, bem como perceber como as lutas das mulheres tornarem-se ações que já não são mais consideradas importantes, pensar sobre a trajetória do jornalismo e da comunicação é de extrema relevância social. Antes de pensar na profissão ‘Jornalismo’, é preciso refletir sobre o que é a comunicação. Esta é a “troca de informações (estímulos, imagens, símbolos, mensagens) possibilitadas por um conjunto de regras explícitas ou implícitas, a que chamaremos de código. (SODRÉ, 1972, p. 11).

Como afirma Sodré em *A Comunicação do Grotresco (1972)*, compreendendo o sistema de comunicação de uma sociedade é possível ter uma base sobre o país no qual essas pessoas estão inseridas; a comunicação serve como “barômetro do desenvolvimento econômico [...] e como espelho de suas características sócio-político-culturais” (SODRE, 1972 p.13). Considerando esse contexto, é possível afirmar que a evolução do jornalismo é mais do que a ampliação dos veículos de mídia, mas a tentativa de decifrar uma cultura, que é representada por um código de mensagem (SODRÉ, 1972). Da mesma forma, não é possível entender o contexto atual sem olhar para a história e perceber as características e contrastes da criação de um setor.

Se considerarmos, então, o comunicador como alguém que representa a sociedade na qual está envolvido, percebe-se que um dos fatores que ainda influencia diretamente nas redações brasileiras é a entrada tardia da mulher no jornalismo. É possível pensar o jornalismo no Brasil a partir de 1808, com o surgimento da imprensa (BAHIA, 1990). Desde o início, “[...] a imprensa é a mais eloquente testemunha das mudanças políticas, sociais e econômicas que a energia popular gera no país” (BAHIA, 1990, p 52). Por representar a voz de uma sociedade, bem como suas paixões e virulências (BAHIA, 1990), o jornalismo no Brasil serve como um intérprete e agente de mudanças sociais no Brasil, nos séculos XVII e XVIII.

O jornalismo sempre atuou de forma ativa nas questões sociais da época, como a abolição da escravidão, o processo de independência e a transição da Monarquia para a República (SILVA, 2015). Nesse período, os jornais eram formados - tanto em sua fundação

quanto na atuação - principalmente por escritores, padres, ex-militares, personagens políticos e revolucionários vinculados aos movimentos sociais e políticos do momento. (RIBEIRO, 2003; SODRE, 1966). Geralmente a profissão estava ligada à complementação da renda ou até mesmo um espaço de destaque em meio à sociedade da época.

Seja em função da falta de presença feminina no meio, ou apenas porque os jornalistas da época não estavam preocupados com essa pauta, as mulheres no geral eram excluídas dos espaços de pensamento. Antes mesmo das mulheres, outros profissionais, principalmente os escritores (homens), ganharam espaço dos jornais, escrevendo e produzindo matérias. “Os ‘homens de letras’, como eram comumente designados os literatos, procuravam encontrar nos jornais a notoriedade e a recompensa econômica que não encontravam nos livros” (PETRARCA, 2005, p. 4). Além da consagração, os literatos também buscavam uma representação da realidade brasileira conforme seus pontos de vista, criando a figura de um repórter como “[...] agente histórico que vai aventurar-se em busca de um Brasil autêntico, que irá desvendá-lo, mostrar suas peculiaridades, suas características próprias, sua realidade” (SILVA, 2015, p 3).

Essa característica de uma visão de mundo moldou, de fato, o jornalismo no país. Em meio à transformação da profissão, ainda havia uma grande lacuna a ser preenchida, tanto nas redações quanto sobre as pautas. As mulheres trilhavam novas etapas, por meio de embates, para garantir o direito à expressão e a defesa da cidadania. Buscavam-se direitos que, atualmente, são considerados básicos, como a leitura e a escrita.

A consolidação do jornalismo, como conhecemos hoje, segundo Bahia (1990), tem suas raízes no século XIX. Foi durante esse século que surgiram as primeiras características da mídia de massa, bem como se verificou a expansão dos jornais e a ampliação de empregos. Outra diferença é a prática integral da profissão. A partir de então, o jornalista passou a ser visto como um fornecedor de informação.

Este novo paradigma será a luz que viu nascer valores que ainda hoje são identificados com o jornalismo: a notícia, a procura da verdade, a independência, a objetividade, e uma noção de serviço ao público - uma constelação de ideias que dá forma a uma nova visão do "pólo intelectual" do campo jornalístico. (BAHIA, 1990, p 34)

Com a efetivação do jornalismo como profissão, a notícia passou a ser um material que além de mediar o interesse do público, também passou a ser considerado parte de uma indústria.

O jornalismo que conhecemos hoje nas sociedades democráticas tem as suas raízes no século XIX. Foi durante o século XIX que se verificou o desenvolvimento do primeiro mass media, a imprensa. A vertiginosa expansão dos jornais no século XIX permitiu a criação de novos empregos neles; um número crescente de pessoas dedica-se integralmente a uma

atividade que, durante as décadas do século XIX, ganhou um novo objetivo - fornecer informação e não propaganda. Este novo paradigma será a luz que viu nascer valores que ainda hoje são identificados com o jornalismo: a notícia, a procura da verdade, a independência, a objetividade, e uma noção de serviço ao público - uma constelação de ideias que dá forma a uma nova visão do "pólo intelectual" do campo jornalístico. (TRAQUINA, 2005. p 34)

De qualquer forma, mesmo buscando esse espaço em veículos tradicionais e da grande mídia, os registros da participação das mulheres na comunicação surgem posteriormente a partir de uma mídia alternativa. Isso porque, na primeira metade do século XIX, as publicações destinadas às mulheres, cujo conteúdo voltava-se para literatura, moda, beleza e regras de comportamento, eram escritas por homens. Mesmo antes da fundação do primeiro jornal feminino, em 1850, muitas mulheres atuavam como colaboradoras nos jornais, ainda que, em alguns casos, sob o disfarce de pseudônimos masculinos. A partir dessas mulheres, gradativamente foi-se abrindo espaço para a escrita feminina. Segundo Muzart (2003, p 227), uma das motivações para a criação de periódicos de mulheres “[...] partiu da necessidade de conquistarem direitos. Em primeiro lugar, o direito à educação; em segundo, o direito à profissão e, bem mais tarde, o direito ao voto”.

A motivação acontece porque no século XIX, o direito à educação ainda era dirigido ao casamento e filhos. Em algumas situações, de acordo com Muzart (2003), também era incluído o direito de frequentar escolas, o que acabava por agregar o direito à profissão. Além da dúvida na permissão da educação fora de casa, a profissionalização das mulheres também sofria preconceitos. É possível perceber o posicionamento social acerca dos direitos das mulheres no artigo “O Eterno Feminino”, publicado na Revista Ilustrada, em 1886, em que se diz que sua esfera de ação profissional deve ser ampliada, mas não muito. “E que a mulher não deve se intrometer em lutas políticas” (BUIIONI, 1981, p.18, apud CASADEI, 2011), dando a dimensão da luta empreendida por essas mulheres periodistas do século XIX. (CASADEI, 2011)

As mulheres que alcançavam o desejo de escrever e, conseqüentemente, produziam o jornalismo feminino ainda no século XIX eram consideradas claramente feministas, já que buscavam a igualdade e luta por direitos. Para Peters (1996), é provável que a mulher que penetra no mundo profissional do jornalismo nessa época, com alcance tradicionalmente masculino, se conscientize como feminista em sua luta por defender o direito a escrever e a ocupar um posto na imprensa. Já Muzart (2003) afirma que já havia um feminismo incipiente nessas mulheres, independente do conteúdo:

No Brasil, as atividades de mulheres em jornais também foram expressivas, ainda no século XIX. No mesmo momento em que surgiam publicações voltadas ao público feminino, que se ocupavam de assuntos como moda, culinária e cuidados domésticos, também eram criados espaços que

problematizavam a 'condição da mulher'. Segundo Céli Pinto, este tipo de manifestação das mulheres através da mídia aponta para a “existência de um incipiente movimento de construção de espaços públicos na sociedade brasileira e, no caso, por parte de pessoas que estavam completamente excluídas do campo da política e das atividades públicas” (MUZART, 2003, p. 33).

O primeiro periódico brasileiro dirigido e escrito por mulheres foi lançado em 1855 e se chamava *Jornal das Senhoras*. O periódico abordava temas como moda, literatura, belas-artes, teatro e crítica. Conforme Woitowicz (2008), entretanto, existe uma controvérsia no que seria o primeiro periódico feito por mulheres. “Zahidé Muzart, ao recuperar a história da poetisa, escritora, professora e jornalista Maria Josefa Barreto Pereira Pinto, nascida em Viamão/RS, diz ela que ela pode ser considerada como feminista e fundadora do primeiro jornal dirigido por uma mulher” (WOITOWICZ, 2008, P. 3). A criação de Maria Pinto seria *Belona Irada contra os Sectários de Momo (o Belona)*, cujo primeiro número foi publicado em novembro de 1833 e trazia assuntos a frente de seu tempo, no qual “[...] provavelmente não trazia nem bordados, nem culinária, nem boas maneiras” (MUZART, 2003, p. 230). Era, portanto, um jornal político, diferente do *Jornal das Senhoras*. Impasses à parte, essas mulheres serviram de inspiração para o desenvolvimento de uma ‘imprensa feminina’ no país. (WOITOWICZ, 2008).

Segundo Buitoni (1981), as publicações até o final do século XIX giravam em torno de dois pontos principais: valorização da mulher em sua imagem de mãe-esposa e a conquista de direitos e emancipação feminina. Segundo Casadei (2011), no que diz respeito ao segundo modelo pode-se observar:

[...] certo atraso brasileiro neste aspecto. Na Argentina, por exemplo, já existiam jornais femininos similares desde 1830 (com a fundação do *La Aljaba* por Petrona Rosende de Sierra). É sobre algumas dessas experiências que gostaríamos de nos deter por um momento, para que possamos pensar na inserção da mulher no jornalismo de uma forma mais global. (CASADEI, 2011, p 5)

Somente a partir do século XX surgem os primeiros cursos superiores. A prática jornalística já não é mais uma atividade artesanal, “[...] mas uma nova potencialidade social, influente, [...] de modo a limitar, condicionar comportamentos e atitudes dos indivíduos, em particular, e da sociedade, em geral” (BAHIA, 1990, p. 216). Por isso, busca-se a necessidade por padrões de apuração e encadeamento de informações, em resposta ao sensacionalismo. (LAGE, 2001, p.18)

Estabeleceu-se que a informação jornalística deveria reproduzir os dados obtidos com as fontes; que os testemunhos de um fato deveriam ser

confrontados uns com os outros para que se obtivesse a versão mais próxima possível da realidade (a lei das três fontes: se três pessoas que não se conhecem nem trocaram impressões contam a mesma versão de um fato que presenciaram, essa versão pode ser tomada por verdadeira); que a relação com as fontes deveria basear-se apenas na troca de informações; e que seria necessário, nos casos controversos, ouvir porta-vozes dos diferentes interesses em jogo.

Neste momento, a influência que os jornais tinham sobre a sociedade passou a ser discutida. Inicialmente, com base em Alsina (2009), acreditava-se que a imprensa era uma entidade que impunha a “verdade” dos fatos para um público totalmente passivo; depois, os autores atribuíam aos receptores a seleção e absorção das informações; somente em um terceiro momento foi entendido que existe uma relação entre emissor e receptor, seja por relevância ou devido ao mercado, que influencia diretamente no contexto social no qual o conteúdo jornalístico está sendo analisado.

Ao longo do século XX, conforme as mulheres foram se incorporando aos veículos de comunicação, iniciaram-se abordagens mais diretas sobre participação política das mulheres e suas condições de trabalho, por exemplo. Além disso, também passaram a ser registradas outras temáticas voltadas ao âmbito feminino, com um viés de contestação. Em 1922, por exemplo, “[...] a realização da Semana da Arte Moderna, em 1922, provoca o questionamento sobre determinados padrões culturais e artísticos” (WOITOWICZ, 2008, p. 5). A conquista do voto feminino e a Legislação Trabalhista, na década de 1930, foram outras importantes referências, na trajetória das lutas das mulheres, em que se verificou a atuação da imprensa na disseminação de ideais feministas.

O processo de regulamentação da profissão ocorre somente na metade do século XX. A primeira lei sobre a profissão surge em 30 de novembro de 1938, pelo Governo Getúlio Vargas, que objetivava regulamentar as condições de trabalho dos profissionais. Segundo Silva (2015), o jornalista era considerado um trabalhador intelectual, que atuava desde a busca pela informação até a redação de notícias e artigos. “O decreto também definia as principais funções ocupadas pelos jornalistas: redator-chefe, secretário, subsecretário, chefe e subchefe de revisão, chefe de oficina, de ilustração e chefe de portaria.” (SILVA, 2015, p 5).

A profissão, entretanto, iniciou em crise. O Estado Novo, também dentro do governo de Getúlio Vargas (de 1937 a 1946), censurou e controlou a imprensa, por meio da criação de departamentos especializados. Esse período impossibilitou a existência de jornais sem grandes recursos e, em contrapartida, favoreceu aqueles que contavam com apoio financeiro (PETRARCA, 2005, p.11). Esse processo se repete também durante a Ditadura Militar (1964-1985), o momento de maior tensão e censura aos profissionais da comunicação. Mesmo com a situação crítica para os jornalistas, o período de ditadura

transformou-se no momento de maior destaque para o jornalismo alternativo feminino ocorre. Já com a consolidação de grupos feministas no país, em meio à segunda onda feminista⁴, surgiram publicações, entre o final dos anos 1970 e o início dos 1980, que permeiam o debate sobre diversas questões feministas, principalmente no âmbito político e intelectual, com o intuito de criar um discurso próprio, capaz de fazer questionamentos e promover mudanças.

A partir da década 1970, conforme Barsted (1983), observa-se a criação de novos espaços voltados à voz das mulheres. São criados espaços em meios variados, como revistas, boletins, jornais alternativos, rádio, televisão e cinema. Para a autora, “[...] os veículos de comunicação se apresentam inseridos numa estratégia de educação do movimento feminista, de recriação da identidade social da mulher e de resgate de nossa história.” (BARSTED, 1983, p. 16). Foram criados cada vez mais espaços, para debater as causas das mulheres.

Entre estas experiências de imprensa alternativa feminista, destacam-se os jornais Brasil Mulher (1975-1979), Nós Mulheres (1976-1978) e Mulherio (1981-1987), que tiveram uma inegável contribuição para o debate em torno da necessidade de enfrentar novos desafios em uma sociedade marcada pela diferença e pela desigualdade entre os sexos, fortalecendo diversas reivindicações do movimento feminista. (WOITOWICZ, 2008, p 6)

Segundo Woitowicz (2008), o marco para as discussões relativas à mídia e aos contextos femininos pode ser considerado o *Encontro do Movimento das Mulheres no Brasil*, realizado no Rio de Janeiro em agosto de 1981. No evento, foi discutido o papel educativo dos meios de comunicação, considerando que cumprem “[...] não apenas o seu sentido conservador de reprodução da ideologia dominante, mas também, o seu sentido de mudança enquanto focos de resistência e propagadores das novas ideias e valores” (BARSTED, 1983, p.13).

Mesmo consolidado, o mercado de trabalho jornalístico foi, por muito tempo, um ambiente exclusivamente masculino. A situação foi alterando-se lentamente. Em 1986, as mulheres já ocupavam 36% dos quadros profissionais do país e, dez anos mais tarde, esse número chegava a pouco mais de 40% (ROCHA, 2005 apud CASADEI, 2011). Segundo a última pesquisa de “Perfil do Jornalista Brasileiro”, promovida pela FENAJ - Federação Nacional do Jornalistas em 2013, já naquele ano, o quadro de atuação das mulheres nesse

⁴ Com início em 1960, a Segunda Onda Feminista é a continuidade da Primeira Onda Feminista. Já marcada pela conquista anterior de alguns direitos. A segunda fase possuiu um caráter mais político ao movimento. Com o slogan “o pessoal é político” criado pela norte-americana Carol Hanish, a nova fase identificava problemas como a desigualdade, problemas estruturais, sociais e culturais, e até mesmo a inserção das mulheres no mercado de trabalho. (BEAUVOIR, 1980)

mercado se inverteu. Cerca de 64% dos profissionais da área são mulheres. Mais do que uma necessidade de inserção em um mercado de trabalho, a participação das mulheres no jornalismo também simboliza a busca pela equidade e por representação de suas ideias, dentro de uma disputa simbólica por poder.

Ainda hoje, mesmo com o advento da internet e as tecnologias que provocam cada vez mais os profissionais de comunicação, a atuação vive em altos e baixos. A obrigatoriedade do diploma foi abaixo em 2009, pelo Supremo Tribunal Federal (STF), colocando em xeque o conteúdo produzido por profissionais da área e os que possuem outras atuações. Da mesma forma, a pauta das mulheres continua em busca para conquistar espaço em todos os âmbitos, mesmo já tendo evoluído significativamente.

Foram diversas experiências da história das mulheres, da conquista de direitos e da ampliação do feminismo no país, que auxiliaram a posição da imprensa como um local de resistência e construção de identidade. Ao longo dos períodos históricos, observasse que, da mesma forma que foi se ganhando espaço na imprensa, viveu-se uma contínua luta, por cada vez mais igualdade social, política e comunicacional.

3.1. TEORIAS DO JORNALISMO

Para entender melhor a visão tida sobre o jornalista no ecossistema em que está inserido, é preciso conhecer as principais teorias acerca do tema. Para análise, esta monografia utiliza, principalmente, as Teorias do Jornalismo apresentadas por Felipe Pena e Nelson Traquina. A partir daí, foram selecionadas as principais teorias, que podem ser aplicadas na atual pesquisa e serão apresentadas, conforme o nível de importância do profissional jornalista em sua atuação na produção de conteúdo.

Para Pena (2012), essas teorias buscam resolver duas questões:

1) por que as notícias são como são? 2) quais são os efeitos que essas notícias geram? a primeira parte preocupa-se fundamentalmente com a produção jornalística, mas também envereda pelo estudo da circulação do produto, a notícia. Esta, por sua vez, é resultado da interação histórica e da combinação de uma série de vetores: pessoal, cultural, ideológico, social, tecnológico e midiático. (PENA, 2012, p 17-18)

O primeiro conceito apresentado por Traquina (2005) parte de um ponto de vista exclusivo do jornalista. A teoria da **ação pessoal** (ou *gatekeeper*) acredita em uma posição praticamente psicológica e individualizada do profissional em relação ao conteúdo e ao processo de produção, “[...] individualizando uma função que tem uma dimensão burocrática inserida numa organização. No nível individual, a teoria avança uma explicação quase exclusivamente psicológica”. (TRAQUINA, 2005, p.151).

[...] Uma série de escolhas onde o fluxo de notícias tem de passar por diversos gates, isto é, "portões" que não são mais do que áreas de decisão em relação às quais o jornalista, isto é o gatekeeper, tem de decidir se vai escolher essa notícia ou não. Se a decisão foi positiva, a notícia acaba por passar pelo "portão", se não for, a sua progressão é impedida. (TRAQUINA, 2005, p.150-151).

No mesmo pensamento "dominador" do jornalista, é possível encontrar as teorias de **Agendamento e Democrática**. A teoria do **Agendamento** (*agenda-setting*) pressupõe que é a imprensa que constrói o pensamento na sociedade. "As investigações recentes explorando as consequências da marcação de agenda e do enquadramento dos media sugerem que os media não só nos dizem no que pensar, mas também como pensar nisso e, conseqüentemente, o que pensar (TRAQUINA, 2005, p 16).

Na **teoria democrática**, a função do jornalista é informar seu público sem censura. Essa definição implica diretamente na forma como a profissão é vista: imparcial e necessária. Nela, o jornalismo, "[...] inicialmente identificado apenas com a imprensa, deve ser um veículo de informação para equipar os cidadãos com as ferramentas vitais ao exercício dos seus direitos e voz na expressão das suas preocupações" (TRAQUINA, 2005, p 129). No entanto, junto à teoria democrática também podemos considerar como uma subcategoria o pensamento da **ação política**, visto, que em função da grande expectativa acerca da imparcialidade e da democracia nos jornais, também existe grande exigência por parte do grupo receptor em relação ao conteúdo recebido. Na teoria da ação política, "[...] o estudo do jornalismo debruça-se sobre as implicações políticas e sociais da atividade jornalística, o papel social das notícias, e a capacidade do quarto poder em corresponder às enormes expectativas em si depositadas pela própria teoria democrática" (TRAQUINA, 2005, p 161).

Na seqüência, há as teorias que consideram o jornalista como um intermediário entre a sociedade e o pensamento crítico. A **teoria do Newsmaking** fala sobre a rotina de produção dentro dos jornais. Entende-se que existe um processo de produção da notícia que segue os parâmetros industriais, em uma ordem específica de seleção, abordagem e organização temporal da matéria (PENA, 2012). A teoria, portanto, não acredita em um profissional soberano, que define exatamente o que a sociedade é ou o que deve ser.

O jornalismo está longe de ser o espelho do real. É, antes, a construção social de uma suposta realidade. Dessa forma, é no trabalho da enunciação que os jornalistas produzem os discursos, que, submetidos a uma série de operações e pressões sociais, constituem o que o senso comum das redações chama de notícia. assim, a imprensa não reflete a realidade, mas ajuda a construí-la. (PENA, 2012, p 128)

Da mesma forma como tenta construir a realidade, o jornalista também faz parte dessa realidade. A **Teoria Etnográfica** mostra também o lado humano do profissional, que, apesar de tentar abandonar suas próprias convicções, no momento da produção, também está sujeito ao meio em que está inserido. Para Pena (2012),

[...] um dos maiores desafios de qualquer jornalista é tentar enxergar os fatores por diferentes pontos de vista. Em outras palavras, ele deve despir-se de suas visões estereotipadas e conceitos "pré-formados" para enxergar diferentes angulações e contextos. a famosa metáfora dos óculos é perfeita para o jornalismo. Ver com as lentes do outro é fundamental nesta profissão. Entretanto, estamos condicionados por nossa própria cultura. Ela é a nossa lente. temos linguagens, costumes, rituais, valores. (PENA, 2012, p.150)

Já em um ponto de vista construcionista, encontram-se as teorias estruturalista e interacionista. Ambas defendem que “as notícias são o resultado de processos complexos de interação social entre agentes sociais: os jornalistas e as fontes de informações; os jornalistas e a sociedade; os membros da comunidade profissional, dentro e fora da sua organização” (TRAQUINA, 2005, p.173).” A **teoria estruturalista** reforça que o jornalismo atua na construção da sociedade e não só pressupõe a natureza consensual da sociedade como sublinha o papel das notícias no reforço da construção da sociedade como consensual (TRAQUINA, 2005). Para o autor, na **teoria interacionista**, no entanto, o jornalista é submetido às condições do tempo e fluxo de produção.

Em uma terceira categoria, com as teorias **Organizacional** e **do Espelho**, o meio interfere mais na construção da notícia do que o posicionamento do jornalista.

A **teoria organizacional** fala sobre a influência que a estrutura dos próprios veículos midiáticos tem sobre a produção jornalística. O fator econômico e editorial é ditador da atividade do profissional e a carga econômica ganha mais importância do que a notícia em si. (TRAQUINA, 2005)

Por último, a **teoria do espelho** propõe que o jornalismo nada mais é que um reflexo da sociedade. Dessa forma, as notícias são do jeito que as conhecemos porque a realidade assim as determina. A imprensa funciona como um espelho do real, apresentando um reflexo claro dos acontecimentos do cotidiano. (PENA, 2012, p. 125)

Essa resume o papel do jornalista como um agente passivo diante de uma realidade que autodetermina e define a notícia, sem, portanto, influência subjetiva na reprodução do acontecimento. As notícias são como são porque a realidade assim as determina, Central à teoria é a noção-chave de que o jornalista é um comunicador desinteressado, isto é, um agente que não tem interesses específicos a defender e que o desviam da sua missão de informar, procurar a verdade, contar o que aconteceu, doa a quem doer. (TRAQUINA, 2005, 146-149)

A teoria do espelho, no entanto, é considerada apenas como uma representação empírica, “pobre e insuficiente”, para muitos autores. (TRAQUINA, 2005).

3.1.2. Valores-notícia

Além da perspectiva sobre qual a intenção do jornalismo, os critérios para criação das notícias também são discutidos regularmente. Esses critérios chamam atenção, pois representam os assuntos que estão inseridos na mídia, porque possuem maior destaque entre todas as temáticas que podem ser apresentadas em um universo de possibilidades. Essa seleção, mais conhecida como valores-notícia (TRAQUINA, 2005), é o que determina um acontecimento, tornando-o notícia ou sendo considerado merecedor de ser transformado em matéria noticiável. Para Traquina, os valores-notícia são um “aspecto fundamental da cultura profissional” (TRAQUINA, 2005, p. 62-63).

Para Galtung e Ruge (1993) apresentados por Traquina (2005) em seu livro Teorias do Jornalismo, são doze os principais tópicos para a caracterização do valor notícia:

1) frequência, ou seja, a duração do acontecimento 2) a amplitude do evento 3) a clareza ou falta de ambiguidade 4) a significância 5) a consonância, isto é, a facilidade de inserir o novo numa velha ideia que corresponda ao que se espera que aconteça 6) o inesperado 7) a continuidade, isto é, a continuação como notícia do que já ganhou noticiabilidade 8) a composição, isto é, a necessidade de manter um equilíbrio nas notícias com uma diversidade de assuntos abordados 9) a referência a nações de elite 10) a referência a pessoas de elite, isto é, o valor-notícia da proeminência do ator do acontecimento 11) a personalização, isto é, a referência às pessoas envolvidas e 12) a negatividade, ou seja, segundo a máxima *"bad news is good news"* (GALTUNG E RUGE, 1993, in TRAQUINA, 2005, p 69 -70)

Entre os fatores que influenciam na significância do valor-notícia estão a relevância do acontecimento e seu impacto e a proximidade, seguindo a máxima da localidade jornalística (ou proximidade geográfica e/ou cultural). (TRAQUINA, 2005, p 71).

Traquina (2005) define alguns critérios que podem ser considerados para estabelecer o que são valores-notícia. Estes são divididos em grupos: valores-notícia substantivos, contextuais e de construção. O primeiro grupo trata-se de uma avaliação dos acontecimentos e inclui:

- A. **Notabilidade:** relacionado à capacidade de ser visível do acontecimento, como situações de falta de materiais ou grande número de atingidos em uma determinada situação. É definido pelo autor como "a qualidade de ser visível" (TRAQUINA, 2005, p. 82)

- B. **Notoriedade:** a importância, ou a fama do personagem principal de um conteúdo jornalístico;
- C. **Relevância:** “Este valor-notícia determina que a noticiabilidade tem a ver com a capacidade de o acontecimento incidir ou ter impacto sobre as pessoas, sobre o país, sobre a nação.” (TRAQUINA, 2008, p. 80);
- D. **Proximidade:** utiliza o princípio da proximidade geográfica ou cultural de um público específico;
- E. **Tempo:** refere-se à factualidade de um acontecimento ou o prazo que o mesmo pode ser tratado para não ser considerado “velho”;
- F. **Novidade:** novos fatos que possam impulsionar a retomada ou o início de uma reportagem;
- G. **Inesperado:** fatos que fogem do fluxo natural.

Os critérios contextuais são relacionados à produção da notícia e contemplam:

- H. **Disponibilidade:** Diz respeito à facilidade na cobertura de um fato - seja proximidade, custos ou equipe;
- I. **Visualidade:** quando é analisada a possibilidade da exploração de uma matéria pelo âmbito visual;
- J. **Concorrência:** fator exclusivo do mercado, que prioriza notícias que podem ser dadas com exclusividade ou como principal fornecedor de informação sobre determinado assunto.

Já os critérios de construção dizem respeito à maneira com que a notícia deve ser construída.

- K. **Amplificação:** possibilidade de tornar uma informação grandiosa, para que ganhe mais visibilidade;
- L. **Relevância:** destaca a importância da notícia dar sentido a um evento, mostrando a relação entre os fatos e a vida do leitor ou ouvinte.
- M. **Personalização:** é o ato de atrair o público por meio das fontes utilizadas. Para Traquina, "valorizar as pessoas envolvidas no acontecimento: acentuar o fator pessoa" (TRAQUINA, 2005, p. 92)
- N. **Dramatização:** faz uso de uma narrativa dramática para aproximar ou chamar atenção sobre um acontecimento;
- O. **Consonância:** utilização de uma narrativa já conhecida pelo receptor, facilitando a aproximação e entendimento acerca de um fato.

Apesar de ter criado seus fatores fundamentais, o autor também acredita que “valores-notícia façam parte da cultura jornalística e sejam partilhados por todos os membros desta comunidade interpretativa”, mas “a política editorial da empresa jornalística pode influenciar diretamente o processo de seleção dos acontecimentos” (TRAQUINA, 2005, p. 93).

3.1.3. Ética e Responsabilidade Social

Parte do trabalho jornalístico é seguir as diretrizes que regem a boa prática da perspectiva da função social do jornalismo. A conduta profissional, guiada pelo Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros (2007) pela Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) esclarece fundamentos para valorização dos profissionais, bem como manutenção da qualidade do produto jornalístico oferecido à sociedade.

Com base no Código de Ética, entende-se que toda pessoa possui o direito de informar-se, bem como o jornalista possui o “compromisso com a responsabilidade social inerente à profissão” em sua atuação, visto que o artigo 8º destaca que “jornalista é responsável por toda a informação que divulga, desde que seu trabalho não tenha sido alterado por terceiros, caso em que a responsabilidade pela alteração será de seu autor” (FENAJ 2007)

Em relação à conduta profissional do jornalista, apresentada no Capítulo II do documento, está entre os deveres do profissional:

Art 6º - I - opor-se ao arbítrio, ao autoritarismo e à opressão, bem como defender os princípios expressos na Declaração Universal dos Direitos Humanos; XI - defender os direitos do cidadão, contribuindo para a promoção das garantias individuais e coletivas, em especial as das crianças, dos adolescentes, das mulheres, dos idosos, dos negros e das minorias; XIV - combater a prática de perseguição ou discriminação por motivos sociais, econômicos, políticos, religiosos, de gênero, raciais, de orientação sexual, condição física ou mental, ou de qualquer outra natureza. (FENAJ, 2007)

Da mesma forma, é explícito na conduta profissional, no artigo 7º que o jornalista não pode “usar o jornalismo para incitar a violência, a intolerância, o arbítrio e o crime” (FENAJ, 2007). Essas práticas prezam pela liberdade de imprensa, bem como para valorização da prática jornalística e dos acontecimentos nos quais o jornalismo ampara-se para representação da sociedade.

Em relação à mulher, o jornalista possui responsabilidade de cooperar com o combate à violência e o incentivo à diminuição das desigualdades da violência de gênero.

4. SINALIZADORES PARA UMA COMUNICAÇÃO FEMINISTA

Produzir uma comunicação efetiva, que, além de tudo, abranja e compreenda também ideais de igualdade ainda aparenta ser um desafio no contexto social em que estamos inseridos. A necessidade por esse tipo de linguagem não surge somente como uma prerrogativa jornalística, mas, também, como uma necessidade de equiparação histórica de uma linguagem que foi criada e aplicada para ser “psicologicamente instantânea” (HOLLANDA, 1994), ou seja, para ser majoritariamente masculina.

Uma crítica radical da literatura, feminista em seu impulso, trataria, antes de mais nada, do trabalho como um indício de como vivemos, como temos vivido, como fomos levados a nos imaginar, como nossa linguagem nos tem aprisionado, bem como liberado, como o ato mesmo de nomear tem sido até agora uma prerrogativa masculina, e de como podemos começar a ver e a nomear - e, portanto, viver- de novo - (HOLLANDA, 1994, p. 26)

Hollanda (1994) trabalha em seu livro *Tendências e Impasses: o feminismo como crítica da cultura* a necessidade de uma linguagem crítica feminista: uma forma de criar espaços para mulheres e colocar “[...] novas questões que possibilitem a revisão de ideias estabelecidas, das interpretações acerca destas ideias e das teorias decorrentes destas interpretações” (HOLLANDA, 1994, p.70). A autora defende o conceito de **linguagem das mulheres**:

O conceito de uma linguagem das mulheres não originou-se com a crítica feminista; é muito mais antigo e aparece frequentemente no folclore e mito. [...] Existem algumas evidências etnográficas de que em algumas culturas as mulheres desenvolveram uma forma de comunicação particular em razão da sua necessidade de resistir ao silêncio imposto na vida pública (HOLLANDA, 1994, p.37)

Já aplicada ao pós-feminismo, essa linguagem tem como ambição “[...] decodificar e desmistificar todas as perguntas e respostas disfarçadas que sempre sombrearam as conexões entre a textualidade e a sexualidade, gênero literário e gênero, identidade psicosssexual e autoridade cultural” (HOLLANDA, 1994, p. 27), partindo de uma luta política, questionando regularmente os conceitos preestabelecidos e construindo uma linguagem de alcance e aplicação de todos.

Partindo do pressuposto da aplicação de uma linguagem crítica feminista, também no jornalismo, estão se popularizando materiais instrutivos como o *Guia para Jornalistas sobre Gênero, Raça e Etnia*, da Federação Nacional dos Jornalistas, junto com a ONU Mulheres, e o *Minimanual do Jornalismo Humanizado*, produzido pela Organização Não-Governamental (ONG) Think Olga. Nos materiais é possível destacar alguns sinalizadores para elaboração de pautas relacionadas à mulher:

4.1. LINGUAGEM

Como já mencionado anteriormente, é preciso se desvencilhar da linguagem padrão já estabelecida, pensando uma nova forma de comunicação, que seja mais representativa. Nesse contexto, a mídia tem como um dos maiores desafios superar os padrões normativos e os estereótipos que prevalecem em seus conteúdos. “Cabe ao Jornalismo – que reúne profissionais diferenciados para lidar cotidianamente com a realidade social e suas dinâmicas – contribuir para a desconstrução de crenças, costumes, valores e práticas que reforcem a estrutura social racista, sexista e etnocentrista” (BASTHI, 2011, p.36)

4.2. ROMANTIZAÇÃO E CONSENTIMENTO

A permanência de uma visão masculina do mundo implica também na romantização das violências sofridas pela mulher. Ainda é comum encontrar, no jornalismo, expressões que suavizem um acontecimento. O uso de “sexo consentido” em caso de estupro ou relacionar uma situação de feminicídio com amor e ciúmes são exemplos disso. Quando um veículo opta por este tipo de abordagem, ele diminui relativamente a gravidade do crime e ainda corrobora a “[...] mensagem de que essa violência é um fim esperado para esse sentimento. Agressões, ameaças, surras e assassinatos não são gestos de amor” (THINK OLGA, 2016, p. 10)

Além disso, a defesa de um consentimento inexistente proporciona uma visão generalista da violência contra a mulher, vinculando outras situações da vida da vítima ao ocorrido e atenuando o evento em si.

Não importa o que a vítima fez antes ou depois do crime. Se decidiu perdoar o agressor ou se quis ir à uma festa: nada disso anula o que ela sofreu. As mulheres que decidem denunciar a violência que sofreram são colocadas sob um holofote e todos os seus passos são acompanhados na busca de sinais que provem que a sua versão dos fatos é uma mentira. Mas não existe protocolo em relação ao comportamento de uma mulher após sofrer uma violência. A ideia de que ela obrigatoriamente deve agir de maneira triste ou deprimida é, mais uma vez, colocar o foco sobre ela, minimizar a violência sofrida e atenuar a gravidade da agressão (THINK OLGA, 2016, p.11)

4.3. JULGAMENTO

A violência contra a mulher é uma violação aos direitos humanos. O uso de sensacionalismo e a produção de pautas rasas geram uma distorção dos fatos, fazendo parecer que a vítima é culpada pelo ocorrido. Como visto na análise, mesmo as pautas

informativas sobre a violência contra a mulher se resumem à aplicação de dados e não representam verdadeiramente o impacto de uma violência na vida na mulher.

Sempre que possível, mostre o impacto e as consequências da violência contra a mulher na vida da vítima, das filhas e dos filhos e para a sociedade. Cite exemplos de agressões anteriores a fim de revelar a dimensão do problema e estimular a busca de soluções. Nos casos de assassinatos de mulheres em crimes de feminicídio, faça sempre uma leitura sobre os vínculos da tragédia com outros assassinatos de mulheres. Trace um paralelo com as desigualdades de gênero e proponha alternativas à sociedade para evitar episódios como esse. (BASTHI, 2011, p. 50)

O jornalismo objetivo, em sua tentativa de imparcialidade, acaba gerando novas violências às mulheres, incentivando novos preconceitos e fugindo também dessa perspectiva de objetividade. É necessário, na produção jornalística, ver as vítimas em sua condição de vítima. Essa prática, ao contrário do que se pode pensar, não torna uma informação “parcial”; permite que sejam feitas abordagens aprofundadas sobre o assunto e as “[...] implicações do ponto de vista político, social, jurídico e os impactos na saúde física e mental da pessoa agredida” (BASTHI, 2011, p.50)

4.4. OBJETIFICAÇÃO E ESTEREÓTIPOS

Dentro de uma linguagem crítica feminista o ponto que é mais óbvio em sua contra argumentação é a busca por um posicionamento que diminua a objetificação das mulheres e a permanência de estereótipos nocivos à sociedade. Nesse contexto, o jornalista sempre adota uma posição crítica sobre os eventos cotidianos, evitando narrativas ou imagens que partam de um princípio sexista, estimulando o consumo de conteúdos que coloque a mulher em uma posição única de desejo e sensualidade, mesmo quando o contexto de aplicação seja propício para este tipo de linguagem. (BASTHI, 2011)

Mude o padrão estético e de dominação masculina das imagens, fotos ou ilustrações nas pautas que escolher produzir no dia a dia. Pergunte-se: qual imagem contribui para a diversidade e equidade de gênero na mídia? Qual critério de beleza está influenciando a minha escolha? Esse padrão corresponde à beleza presente na diversidade brasileira? (BASTHI, 2011, p.48)

4.5. DIVERSIDADE

Por fim, é preciso repensar desde já a posição que as mulheres ocupam no Jornalismo. A busca por igualdade inicia na decisão pelas pautas e segue com a escolha pelas fontes, o espaço e visibilidade que os grupos recebem em uma mesma pauta e

editoria. “Faça a opção pela diversidade de opiniões numa perspectiva de gênero, raça e etnia. Lembre-se que as mulheres são fontes igualmente qualificadas para atuar, sobretudo, nos espaços tradicionalmente masculinos (BASTHI, 2011, p.43).

No guia produzido pela Federação Nacional dos Jornalistas (2011), são apresentadas cinco sugestões para observação antes do início de uma pauta:

- 1) assumir uma postura diversificada na escolha da pauta; 2) utilizar critérios de gênero, raça e etnia para escalar a fonte da matéria; 3) definir, em caso de situação de risco da fonte, os critérios de abordagem; 4) usar uma linguagem na perspectiva de gênero, raça e etnia; 5) optar, sempre que possível, por imagens positivas de mulheres negras e indígenas para ilustrar o conteúdo de qualquer notícia digitalizada, impressa, eletrônica ou sonora. (BASTHI, 2011, p.38)

Somente ao criar um pensamento crítico será possível uma produção jornalística mais próxima do ideal, contemplando os mais diversos grupos e dando visibilidade para as mulheres, em contextos que não sejam exclusivos em pautas consideradas femininas. Um novo posicionamento midiático não resolverá todos os problemas e desigualdades, mas podem auxiliar na popularização de uma linguagem igualitária e na criticidade, em relação às violências que as mulheres sofrem.

5. LINGUAGEM – DISCURSO E INTERPRETAÇÃO SOCIAL

A linguagem é o elo do homem com o mundo e dos homens entre si (SILVA, 2006). Mesmo de forma imaterial, é o primeiro contato do homem com sua própria vida. Quando crianças, somos apresentados ao mundo por meio de um sistema de significação que se transforma em um reflexo do mundo (KRISTEWA, 1969). É por meio da linguagem que as pessoas compreendem e associam situações; mesmo que a realidade exista fora da linguagem, é através dela que se constrói os discursos de significados que farão com que os indivíduos interajam no mundo real (HALL, 2011).

A língua, no entanto, não deve ser pensada apenas na palavra falada. “A língua é um sistema de signos que exprimem ideias, e é comparável, por isso, à escrita e alfabeto dos surdos mudos, aos ritos simbólicos, às formas de polidez, aos sinais militares, etc. Ela é apenas o principal desses sistemas.” (SAUSSURE, 2002). Ela também traz uma mistura de “sons, cores, formas [...] que impressionam os órgãos de sentidos” (LAGE, 1993, p5). No processo de aprendizagem, o primeiro contato com a comunicação externa é por meio do visual. A partir da fala, a criança passa a substituir o objeto pela palavra, trazendo nomes que passam a representar esses objetos e que possuem uma carga de significados complexa e construída. (SILVA, 2006). Dessa forma, pode-se entender a linguagem como decorrente de um código, acionado a partir de ações recorrentes, de repetições e aceitações mútuas, em termos de significação, uma espécie de pacto, que entra em processo de repetição na sociedade. “É a gramática (morfologia e sintaxe) que torna possível o sentido e a unidade das sentenças que no seu conjunto formam o mundo. Portanto, para se chegar ao mundo/real a única possibilidade é sendo através da linguagem” (SILVA, 2006, p.32).

Certos códigos podem, é claro, ser tão amplamente distribuídos em uma cultura ou comunidade de linguagem específica, e serem aprendidos tão cedo, que aparentam não terem sido construídos - o efeito de uma articulação entre signo e referente - mas serem dados naturalmente. (HALL, 2011, p.371)

Bem por conta dessa construção por códigos, a própria definição de linguagem não possui um significado único. Para Bakhtin (2010) e Marx (1975), é um processo de interação social, no qual acredita-se na importância do lugar de fala e da própria visão do homem como um ser social, entendendo-se que a própria língua só existe porque existem locutores e interlocutores que a transformam em uma forma de comunicação efetiva.

Apesar das divergências e diferenciações, os autores concordam que a língua

[...] não é um sistema autônomo que se esgota no código, é heterogênea, opaca, histórica, variável e socialmente constituída, não servindo como

mero instrumento de espelhamento da realidade [...] a determinação se dá no uso efetivo. A língua não é o limite da realidade, nem o inverso. Língua é trabalho cognitivo e atividade social. (MARCUSCHI, 2000, p 81-83)

A linguagem, portanto, é responsável pela constituição dos sujeitos e pela produção de sentidos (ORLANDI, 1994). Saussure (2002) afirma que é a partir dessa significação que surge a abordagem racional da linguagem: o signo é fracionado em “significante” e “significado”, conferindo-se ao significado o estatuto de conceito e ao significante a imagem acústica, a materialidade da palavra. A reunião destes dois termos na unidade "signo" é função de sua pertença a um código. Esta vinculação entre a imagem acústica e o conceito, na proposição de Saussure, não é obrigatória, nem natural e também não é motivada (SAUSSURE, 2002). Dessa forma, traz consigo uma carga de significados que serão aceitos ou não conforme a realidade na qual está sendo aplicada e sua codificação.

Assim, para que haja uma comunicação efetiva, a linguagem por si só não basta. A própria estrutura da comunicação, formada pelo emissor > canal > mensagem > receptor, já não se mostra adequada aos modelos atuais de comunicação. Em função de sua pluralidade, o entendimento e aceitação do código que está sendo transmitido é fundamental, para que não ocorram ruídos.

Antes que essa mensagem possa ter um efeito [...], satisfaça uma necessidade ou tenha um uso, deve primeiro ser apropriada como um discurso significativo e ser significativamente decodificada. É esse conjunto de significados decodificados que tem um efeito, influencia, entretém, instrui ou persuade, com consequências perceptivas, cognitivas, emocionais, ideológicas ou comportamentais muito complexas. Em um momento determinado, a estrutura emprega um código e produz uma mensagem, em outro momento determinado, a mensagem desemboca na estrutura das práticas sociais pela via de sua decodificação. (HALL, 2011, p.368)

O efeito de sentido e o significado ou conteúdo dos enunciados são vistos como resultados de interação discursiva pela construção dos referentes e dos objetos de discurso. O objeto de discurso para Mondada,

[...] é um objeto constitutivamente discursivo, construído por meios e processos linguísticos [...] O objeto de discurso é construído realmente co-construído (por oposição ao dado ou preexistente) por um enunciator através de modos de formulações específicas. [...] Ressalte-se ainda que o objeto de discurso não é estabilizado uma vez por todas, mas está integrado num movimento discursivo, ativado e por ser desativado, introduzido para depois passar a um segundo plano, a desaparecer ou eventualmente ser reciclado (MONDADA, 1994. p. 62-64)

Ao analisar este próprio trabalho, por exemplo, é possível entender as consequências de uma interpretação diferente de uma mesma mensagem. Seja por outro lugar de fala ou apenas por uma compreensão não homogênea do discurso que foi apresentado, percebi-me desconfortável em relação à linguagem utilizada nas matérias relacionadas à mulher. Esse fator mostra que existiu uma decodificação destoante da provável proposta inicial. Somente por estudo da discursividade encontra-se, portanto, a

“espessura histórica”, buscando “compreender a maneira como as verdades são produzidas e enunciadas” (HALL, 2011, p.365).

5.1. O TEXTO JORNALÍSTICO

Apesar de ser categorizado, usualmente, à parte da literatura, o texto jornalístico não pode ser considerado um novo gênero (LAGE, 1993). Isso se deve, principalmente, porque “[...] a notícia se define, no jornalismo moderno, como o relato de uma série de fatos a partir do fato mais importante ou interessante; e de cada fato, a partir do aspecto mais importante ou interessante” (LAGE, 1993, p.16). Ainda assim, para José Marques Melo (1985), duas classificações definem o que denomina de categorias jornalísticas: o jornalismo informativo, que abrange notas, notícias, reportagens e entrevistas; e o jornalismo opinativo, que caracteriza editoriais, comentários, artigos, resenhas, colunas, crônicas, caricaturas e até mesmo cartas, no meio jornalístico (MELO, 1985, p. 63-66).

Também segundo Lage, a linguagem jornalística é uma prática comum em praticamente todas as comunidades e mobiliza diversos sistemas simbólicos (LAGE, 1993). Isso ocorre, porque a imprensa define os principais fatos e “[...] nenhum fato é um fato puro. todo fato é percebido e construído constantemente na forma de recategorização dos objetos de discurso” (SILVA, 2006, p.15).

Os fatos relevantes para a imprensa são aqueles providos de valores culturais estabelecidos e contrariados por pessoas com funções também determinadas dentro da escala social. A anormalidade do fato se origina das ideias, pensamentos e atos realizados fora das instituições. Já o campo de experiência/repertório vai fornecer a cada sujeito conhecimentos, crenças, atitudes e signos que são como que instrumentos de sua inserção no mundo e da sua possibilidade de comunicação com os outros. É aí que se possibilita a compreensão entre o que é dito e o que é pressuposto no momento de uma entrevista jornalística. Porém, é um fato específico, determinado e de interesse jornalístico que induzirá o repórter a entrevistar uma fonte participativa, própria e determinada. (SILVA, 2006, p.36)

Por consequência de uma padronização dos fatos estabelecidos socialmente, ao entrar em contato com a linguagem jornalística, o leitor passa a crer em uma suposta “verdade dos fatos”. Conforme Silva (2006, p.15),

segundo Putnam (1992), a ciência não procura descobrir a verdade, o que ela procura é construir uma imagem do mundo. A razão disso é que o 'mundo real' depende de nossos valores e vice-versa. É essa posição que adoto, isto é, o que o jornalismo apresenta ao leitor é um mundo construído a partir de valores já estabelecidos, contudo mutáveis.

A linguagem serve como principal fator de análise do discurso jornalístico, visto que ela oferece novos delineadores de um olhar sobre o mundo. Dessa forma, o profissional

precisa estar ciente de que a notícia pode comover, motivar revolta ou conformismo, agredir ou gratificar alguns de seus consumidores. (LAGE, 1993, p. 25). Mesmo com a concordância acerca de um fato, por exemplo, Thomas Patterson (1997 in TRAQUINA, 2005) assinala que a notícia é um relato altamente selecionado da realidade. Em busca de uma “objetividade” apresentada,

O texto jornalístico é estruturado predominantemente de enunciados relatados ou discursos representados, isto é, há muitos outros textos que o redator, que procura não aparecer, credita aos envolvidos nos fatos jornalísticos. Outra característica do discurso jornalístico é aparecer como um discurso da objetividade [...] na verdade, há uma intersubjetividade em que interlocutores contribuem para a compreensão da objetividade do mundo. Tanto os produtores da notícia quanto os leitores/ouvintes/telespectadores compartilham a construção do sentido da notícia, já que a linguagem supõe a referência a critérios públicos do uso linguístico. Em outros termos, os estados mentais, as percepções e as sensações precisam de critérios públicos que regulem o uso das expressões; (SILVA, 2006, 97)

A linguagem jornalística surge, então, como a combinação dos mais diversos relatos enunciativos com sentido de referir objetos do mundo. No entanto, mesmo que apresente para o leitor um fato “novo”, as informações que se referem a ele possuem também um fundo (*background*), que fornecem um tipo de leitura ou ponto de referência. (SILVA, 2006). Além disso, a notícia não surge apenas de um fato isolado. O diálogo é estabelecido entre jornalista e leitor, mas também entre as fontes escolhidas pelo jornalista para compor a notícia apresentada, não obtendo necessariamente uma objetividade de discurso, mas uma intersubjetividade entre as pessoas que o constroem. No entanto, a “intersubjetividade do texto jornalístico, ao contrário de torná-lo ‘subjetivo’, é um meio enriquecedor da “objetividade do mundo” (SILVA, 2006, p.97). Além disso, depende também da estratégia textual que interfere na organização de um discurso, visto que existe uma organização específica de apresentação que irá solicitar determinada interpretação por parte do seu destinatário.

Outro fator importante da construção de um discurso é apresentado por Grice (1982) apud Silva (2006), que afirma que os diálogos, principalmente em um processo jornalístico, não são processos desconexos no qual as fontes falam sozinhas. Os falantes cooperam entre si para obter uma conversa clara e com significado. Pensando nisso, o autor estabelece quatro máximas do chamado princípio cooperativo, quando o processo de comunicação gera conhecimento. As máximas desse processo são:

- A. **Qualidade** - o ato de acreditar que a fonte sempre vai contribuir com informações verdadeiras ou com aquilo que acreditam ser a ‘verdade dos fatos’, conforme seu ponto de vista ou local de fala. Partindo dessa máxima, o jornalista deve sempre

consultar diversas fontes, para se obter uma visão mais ampla sobre os acontecimentos;

- B. **Quantidade** - consultar fontes que possuam e contribuam com a maior quantidade possível de informações acerca do acontecimento, em prol da boa construção de uma matéria;
- C. **Pertinência** - também chamada de relevância, faz referência às associações relevantes que surgem por meio do processo de comunicação. “[...] é a máxima que leva a entender o sentido de coerência no discurso. No caso do repórter que entrevista sua fonte, as respostas às suas perguntas são indícios de pertinência quando a fonte está em condições de oferecer informações relacionadas às perguntas, mesmo que de forma indireta. (silva, 2006, p.39)
- D. **Modo** - essa máxima trata sobre informações claras e breves, evitando ambiguidades e indeterminações de discurso posteriormente.

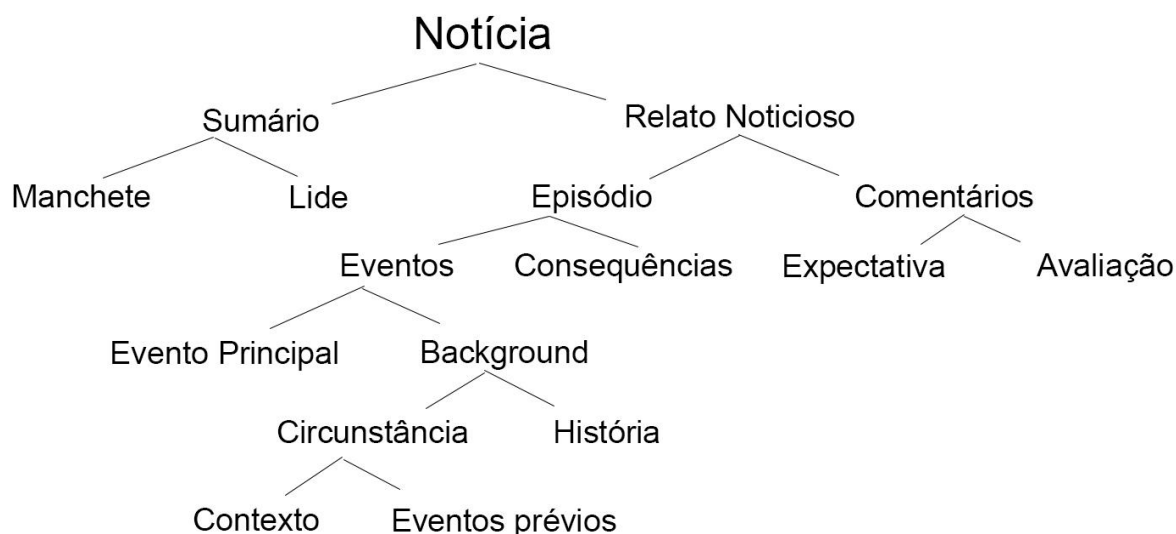
5.1.2. A Construção da Notícia

Além das características discursivas e de elaboração de uma notícia, existe também uma ordem estrutural preestabelecida, além da conscientização acerca dos agentes que compõem o evento noticiado. Aqui trabalhamos a importância dos Objetos Textuais, Objetos Visuais e Agentes Sociais.

5.1.2.1 Objetos Textuais

Todas as partes de uma notícia possuem sentido em seu contexto específico. Van Dijk (1992) apresenta um modelo teórico para a estruturação do discurso de uma notícia, buscando facilitar a identificação de partes e orientar os objetivos de cada segmento, conforme apresentado na figura abaixo:

Figura 1 - construção da notícia



Inicialmente, segundo esse modelo teórico, existem duas categorias hierarquicamente superiores: Sumário e Relato Noticioso (ou Relato Jornalístico). O primeiro compreende o **lide** e a **manchete**, que encabeçam a notícia e apresentam um breve resumo do que esta irá apresentar. Já o segundo compreende o **episódio** e **comentários**, e traz a notícia em si, com expansão de dados.

Manchete: está por cima da notícia - primeiro plano. A manchete finaliza a informação mais importante da notícia. Por meio dela, o leitor “identifica, observa, separa, começa e termina uma notícia” (DIJK, 1986, p.161). Na manchete, a representação da notícia em si, ganha destaque e posição de autoridade no texto e busca chamar a atenção do leitor dentre todas as possíveis notícias. Hoek afirma que “o título é a marca do texto” (HOEK, 1980, p.2). Já o Novo Manual de Redação da Folha de S.Paulo (1992) sustenta a importância desse artifício, visto que muitas vezes o leitor lê somente o título e, por meio dele, busca compreensão da matéria.

Lide: se apresenta no primeiro parágrafo da notícia, salvo algumas exceções em que o lide vem logo abaixo da manchete. O lide deve expressar as principais características do evento noticioso: QUEM, O QUE, COMO, QUANDO, ONDE e POR QUÊ. É o relato do fato principal.

Já na categoria Relato Noticioso, encontram-se o **episódio** e **comentários**, ambas compreendidas por outras subcategorias hierarquicamente inferiores. No episódio, encontram-se os eventos (evento principal e *background*) e as consequências. Já em comentários estão expectativas e avaliação.

Eventos: representa o acontecimento gerador da notícia. Nesta categoria compreende-se o **evento principal**, que apresenta as informações sobre os

fatos/acontecimentos que dão origem à notícia. Por haver mais de um evento principal. Também está em eventos a subcategoria **background**, na qual é apresentado o contexto social, político, histórico dos eventos ou as condições desses eventos relacionados ao evento principal. O *Background* é um critério de qualidade da notícia, pois é por meio dele que os leitores possuem contato com outros eventos relacionados, compreendendo melhor o evento apresentado. A formação do *background* se dá por meio das circunstâncias (contexto, eventos prévios) e histórias.

- A. **Circunstâncias:** descreve o lugar, o tempo, as causas e as situações em que sucedeu o evento principal. Abrange o **contexto**, ou seja, a situação e tempo presente ao qual a notícia foi concebida, e os **eventos prévios**, acontecimentos recentes que influenciam diretamente no evento apresentado.
- B. **Histórias:** apresenta eventos um pouco mais distantes na cronologia, mas que também podem estar relacionados ao acontecimento noticiado.

Consequências: ainda localizada dentro do episódio, apresenta as implicações e resultados do evento principal. Essa categoria organiza todos os elementos, hierarquizando-os com base no evento principal, trazendo o “fato jornalístico nas formas de notícia e reportagem [...] como evento mais relevante ou interessante, sendo os demais elementos considerados como os detalhamentos circunstanciais e avaliativos (SILVA, 2006, p.25)”. É nas consequências que surgem as citações, consideradas estratégicas, visto que são a representação e confirmação do discurso que está sendo apresentado pelo jornalista.

Ao final do Relato Noticioso são encontrados os **Comentários**. É nessa categoria opcional que geralmente apresentadas as **expectativas** e a **avaliação** do evento principal. Nas **expectativas** busca-se especular outras situações derivadas do fato noticioso. Já a **avaliação** traz os resultados da situação em questão.

5.1.2.2 Objetos Visuais

Conforme falado anteriormente, a linguagem não é única e exclusivamente um artifício de escrita. Os textos não-verbais, como multimídia ou imagético, também trazem significados e representações estudados, principalmente, pela Semiótica. Segundo Santaella (1983), a Semiótica ajuda a entender a construção do significado. É uma ciência moldável, visto que, à medida que nos aprofundamos no universo das linguagens, alteramos a percepção e a importância que se dá a cada signo.

As imagens, por exemplo, são composições visuais que já estamos acostumados a identificar, no entanto, a interpretação dessas composições diz respeito às construções

sociais em que cada pessoa está inserida. Para Costa, contudo, “[...] ver é conhecer, pois o cérebro foi desenvolvido para processar informações visuais organizando-as em modelos que reconstruem internamente a realidade, dando-lhes sentido”. (COSTA, 2005, p. 32) Assim, mesmo que a leitura da imagem dependa de informações externas para informação e sentido, as interpretações possibilitadas são naturais e espontâneas e direcionam, ainda que de forma distante, para uma mensagem principal.

Para compreender melhor essa lógica, o filósofo Peirce (1977), segundo Santaella (1983), destaca um estudo de interação das pessoas (e de suas concepções) com os signos. Isso porque para ele “[...] um signo, *ou representamen*, é aquilo que sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém.” (PEIRCE, 1977, in SANTAELLA, 1983, p. 12). Para o teórico são definidas três categorias, que representam a “visualização” de qualquer objeto ou discurso à consciência:

- Primeiridade - a consciência imediata, percepção espontânea sobre algo
- Secundidade - reação, compreensão e profundidade do seu conteúdo
- Terceiridade – experiência e associação provinda das mediações

A importância da leitura e interpretação das imagens surge, em grande parte, dos estímulos visuais que estabelecem informações ditas nas entrelinhas. Tais estímulos não são desprovidos de intenção e significado e, portanto, traduzem um discurso valorativo ou pretendem comunicar ideologias. Neste contexto, a imagem também pode ser caracterizada como um signo, visto que ela se torna o que é representada por quem a vê. Isso demanda uma carga de conhecimentos, universalizados ou individuais, acerca do conteúdo a ser mostrado.

A abordagem semiológica, com sua distinção entre diferentes níveis de codificação da imagem, fornece uma primeira resposta a essa questão: em nossa relação com a imagem, diversos códigos são mobilizados, alguns quase universais (os que resultam da percepção), outros relativamente naturais, porém já mais estruturados socialmente [...], e outros ainda, totalmente determinados pelo contexto social. (AUMONT, 2001, p. 250).

Schultze (2005) afirma que a imagem fotográfica, especialmente na imprensa, tem como objetivo convencer o leitor de um fato ocorrido. Por meio dos discursos de objetividade, sugere-se que o registro daquele fato é feito de forma objetiva e isenta pelo veículo que o divulga; no entanto, assim como no texto verbal é possível perceber uma variação de discurso, a fotografia também sofre variações. Da mesma maneira que o jornalista pode utilizar de um gesto para induzir a uma leitura de mundo, o leitor deve compreender a notícia como um todo e aprender a ler criticamente uma imagem, definido por Kellner (1995, p. 109) como “[...] apreciar, decodificar e interpretá-las, analisando tanto a

forma como elas são construídas e operam em nossas vidas, quanto o conteúdo que elas comunicam em situações concretas”.

5.1.2.3 Agentes Sociais

Além da escolha de palavras e imagens, outro elemento essencial na composição de um evento jornalístico, é a utilização dos atores sociais, visto que o jornalismo é tipicamente um ‘re-construção’ discursiva da realidade, quase sempre mediada por pessoas que estiveram ou estão presentes, de alguma forma, no acontecimento a ser noticiado. São diversos os agentes sociais que servem como fontes de informação, para os profissionais da imprensa, sendo eles de forma direta (como agentes de mudança no texto) ou indireta (servindo como base para as informações apresentadas na notícia) (ERICSON et al., 1989).

O jornalista tem, por essência, a função de mediação entre os acontecimentos e as pessoas. Essa mediação é realizada por meio de uma multiplicidade de vozes que se fazem presentes, seja pelo reforço de uma informação apresentada ou até mesmo a própria apresentação dos agentes sociais em si. Nesse ponto, os textos desempenham um papel importante, na construção da imagem desses personagens, sua definição de relações e identidades (HALLIDAY, 1978; FAIRCLOUGH, 1995).

Um aspecto importante é a análise da posição e espaço que esses atores assumem, no sentido global do texto. É por meio do jornalista que os personagens ganham voz ou não na imprensa, e também recebem representatividade. O uso das chamadas “fontes de informação” se dá, principalmente, para reforçar a autenticidade do texto. Conforme Charaudeau explica, “a instância midiática não pode, evidentemente, inventar as notícias” (CHARAUDEAU, 2009, p.147). É por isso que as máximas de Grice (1982), anteriormente citadas, são necessárias para a conclusão das notícias.

6 CONSTRUÇÃO E SUBJETIVIDADE - A MULHER NA SOCIEDADE

*Nenhuma mulher tem um orgasmo a limpar o
chão da cozinha.*

Betty Naomi Goldstein (Betty Friedan)

“Para que um ser humano seja humano, necessita que outro ser humano o “ensine” a ser humano” (FERNÁNDEZ, 1994). Todos os dias, as mulheres descobrem, de uma nova forma, qual o significado de estar no papel social denominado “mulher”. Mais do que o sexo biológico, aquele apresentado nos exames de gravidez e ao qual diz respeito ao órgão sexual que cada pessoa apresenta, todas as pessoas passam por um processo de aprendizagem que as vai ensinar o real significado de estar de acordo com a categoria - homem ou mulher.

Simone de Beauvoir, filósofa francesa apontada como pioneira nos estudos do movimento feminista, possui a famosa e polêmica frase "Não se nasce mulher, torna-se mulher" (BEAUVOIR, 1980, p.1), em seu livro, intitulado O Segundo Sexo. A sentença não busca somente refletir sobre a categorização que passamos assim que nascemos, mas também traz à tona o desconforto latente, que ainda permeia as ações na sociedade, em relação aos processos de identificação da mulher com os objetos que o compõem.

O bebê constrói um corpo, mas não um corpo assexuado. Constrói um corpo feminino ou masculino. Aprende a ser “ser humana” ou “ser humano”, aprende a falar como mulher ou como homem (segundo o que se espera de um homem ou de uma mulher) e a partir de sua condição de mulher ou homem (a partir de um organismo de mulher ou de homem); e assim todas as demais aprendizagens. (FERNÁNDEZ, 1994, p.25).

O processo de se tornar mulher é um percurso extremamente instável. Da mesma forma, suas garantias e direitos passam por variações e resistências, conforme a cultura, época e situação na qual as mulheres estão inseridas. Se as mulheres podem ser “construídas”, em cada uma das sociedades, o que define, afinal, a grande diferenciação entre pessoas, quando o quesito é violência?

Apesar do consenso sobre sexo e gênero e a implicação dessas definições, na prática, percebe-se que não existe a mesma concordância, nos aspectos que transformam a mulher em mulher. Oakley (1972) diz que

“'Sexo' é uma palavra que faz referência às diferenças biológicas entre machos e fêmeas [...]. 'Gênero', pelo contrário, é um termo que remete à cultura: ele diz respeito à classificação social em 'masculino' e 'feminino' [...]. Deve-se admitir a invariância do sexo tanto quanto deve-se admitir a variabilidade do gênero.” (OAKLEY, 1972, p.16).

Isso mostra que a união das palavras tenta, aos poucos, definir o que é a mulher na sociedade; no entanto, não é possível desconsiderar que, apesar de o gênero ser um dos definidores, na hierarquização da sociedade, o sexo ainda se apresenta como motivo de violência: basta uma criança nascer com órgão sexual feminino, para ser submetida às aplicações de brincos, à repressão de sexualização e a situações que, apesar de serem iniciadas, em função do acordo social (gênero), acabam sendo projetadas por causa do sexo.

Bourdieu chama essas diferenciações de Poder Simbólico. Para o autor,

É na correspondência de estrutura que se realiza a função propriamente ideológica do discurso dominante, intermediário estruturado e estruturante que tende a impor a apreensão da ordem estabelecida como natural (ortodoxia) por meio da imposição mascarada (logo, ignorada como tal) de sistemas de classificação e de estruturas mentais objectivamente ajustadas às estruturas sociais (BOURDIEU, 1989, p. 14)

Da mesma forma (e também em função das estruturas sociais), mulheres estão o tempo todo buscando, direta ou de forma forçada, a aprovação do masculino em suas vidas. Segundo Michele Perrot “no teatro da memória, as mulheres são uma leve sombra” (PERROT, 2005, p. 33), muito porque o feminino sempre foi considerado o lado menos valorizado.

A questão de silenciamento e superioridade pode ser vista em todos os contextos, seja de forma mais clara, como também nas entrelinhas. Quando procurado o termo “mulher” no Dicionário Aurélio (FERREIRA, 2019), é possível encontrar a seguinte definição: “1. Pessoa adulta do sexo feminino. 2 - Cônjuge ou pessoa do sexo feminino com quem se mantém uma relação sentimental e/ou sexual” (FERREIRA, 2019, n.p.)

Quando a mesma busca é feita utilizando a palavra “homem”, entretanto, as definições se expandem:

1 - Mamífero primata, bípede, com capacidade de fala, e que constitui o gênero humano. 2 - Indivíduo masculino do gênero humano (depois da adolescência). 3 - Humanidade, gênero humano. 4 - Cônjuge ou pessoa do sexo masculino com quem se mantém uma relação sentimental e/ou sexual. 5 - Pessoa do sexo masculino que demonstra força, coragem ou vigor. (FERREIRA, 2019, n.p.)

Em todos os contextos, ao mesmo tempo que a mulher é associada diretamente à reprodução, como único ser humano capaz de gerar vida, no próprio corpo, também é comparada, constantemente, com as definições preestabelecidas do outro - o homem. Nesse sentido, até mesmo a utilização do termo ‘outro’, para definir o oposto da mulher gera

constrangimentos, visto que, desde o início, é o feminino que está posicionado em segundo plano, sendo sempre inferior e submisso ao que o macho compreende como ideal.

O homem é pensável sem a mulher. Ela não, sem o homem. Ela não é senão o que o homem decide que seja; daí dizer-se o “sexo” para dizer que ela se apresenta diante do macho como um ser sexuado: para êle, a fêmea é sexo, logo ela o é absolutamente. A mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem e não este em relação a ela; a fêmea é o inessencial perante o essencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro (BEAUVOIR, 1980,p.10)

Pensar a diferença entre o homem e a mulher é muito mais complexo do que a simples interpretação dos órgãos que recebemos, quando nascemos. Simone de Beauvoir já falava que “[...] nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino” (BEAUVOIR, 1980, p.99). Com isso, entende-se que é a sociedade a definidora do gênero de cada ser humano, tornando o processo como algo impossível de ser considerado algo natural, biológico, mas sim definido socialmente.

Quando falamos sobre o tornar-se mulher, no seio da sociedade, entende-se que é a reprodução dos aspectos do gênero feminino a responsável pela submissão feminina e nosso apagamento social e histórico.

O gênero se manifesta materialmente em duas áreas fundamentais: 1) na divisão sociosexual do trabalho e dos meios de produção, 2) na organização social do trabalho de procriação, em que as capacidades reprodutivas das mulheres são transformadas e mais frequentemente exacerbadas por diversas intervenções sociais (Tabet, 1985/1998). Outros aspectos do gênero—diferenciação da vestimenta, dos comportamentos e atitudes físicas e psicológicas, desigualdade de acesso aos recursos materiais (Tabet, 1979/1998) e mentais (Mathieu, 1985b/1991a) etc.—são marcas ou consequências dessa diferenciação social elementar. (HIRATA et al., 2009, p. 220.)

Gênero representa a organização social de uma diferença, que, neste caso, é sexual, mas isso não significa que o mesmo produza diferenças físicas fixas e naturais, entre mulheres e homens; efetivamente, o gênero é o conhecimento que estabelece significados para diferenças corporais. “Não podemos ver as diferenças sexuais a não ser como uma função de nosso conhecimento sobre o corpo, e esse conhecimento não é puro, não pode ser isolado de sua implicação num amplo espectro de contextos discursivos” (SCOTT, 1988, p.2)

Sendo, então, a sociedade a responsável direta pelas definições dos personagens adequados para o “masculino” e “feminino, como também referido por Scott (1995), gênero representa:

[...] uma forma de identificar 'construções culturais' - a criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e mulheres (SCOTT, 1995, p. 75)

Na prática, contudo, o que essa diferenciação provoca na vida das mulheres? A obra de Simone de Beauvoir foi inteiramente dedicada a demonstrar o processo de desumanização de fêmeas humanas, a partir da socialização feminina. Isso ocorreu, porque, a partir do momento em que qualquer coisa, em sua devida categoria, é dividida, passa a existir um senso de categorização e hierarquização dessas categorias. Sendo assim, segundo Beauvoir (1980), para que fôssemos consideradas verdadeiramente mulheres, precisamos reproduzir os estereótipos de feminilidade, impostos na socialização. Crescemos atendendo a rituais de beleza, determinados comportamentos, maternidade, responsabilidade, sexualidade e outros tantos fatores.

Da mesma forma, a hierarquia que transforma as mulheres em seres frágeis e inferiores ao homem (seja por força física, hormônios ou maternidade) também limita o sexo feminino em âmbitos que envolvam a sociedade no geral, bem como direitos políticos, sociais e humanos.

6.1 VIOLÊNCIA DE GÊNERO - SER MULHER NO BRASIL

Se o gênero vai muito além do sexo biológico, seria o gênero uma escolha? Não para mulheres. O feminino sempre foi considerado motivo de opressão, que limita e violenta. Pierre Bourdieu (1989), tenta explicar a dominação masculina, como poder disciplinar que atribui poder simbólico sobre os corpos, que os diferenciam e os distinguem, em termos de valor, prestígio e define hierarquias. (BOURDIEU, 1989)

Em 2013, um estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) revelou que existem cerca de 527 mil casos e tentativas de estupro no Brasil, dos quais apenas 10% são direcionados à polícia (AGÊNCIA PATRÍCIA GALVÃO; INSTITUTO LOCOMOTIVA, 2016). Por mais que se fale sobre o assunto, a violência contra mulheres segue aumentando. Segundo o *Anuário Brasileiro de Segurança Pública* (2018), o número de mulheres assassinadas cresceu 6,1% em relação ao ano anterior; em casos específicos de feminicídio foram 1.133; 221.238 registros da violência doméstica do período (606 casos por dia); 61.032 casos de estupro - com um crescimento de 10,1% em relação à 2016. (FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2018).

A violência não se dá apenas no âmbito sexual. Segundo a Anistia Internacional do Uruguai (2012 in REVISTA FÓRUM, 2012), 70% das pessoas mais pobres do mundo são mulheres. Em 2018, conforme o *Fórum Econômico Mundial* (WEF, 2018), o Brasil ocupou a posição 95, em uma lista com 149 países, em um ranking de desigualdade de gênero, que avalia condições econômicas, de saúde, educação e envolvimento político das mulheres na sociedade. Neste último, o Brasil ocupa a posição 112º, sendo ultrapassado por países como Marrocos, Paquistão e Iraque. Essa diferença, ainda segundo o WEF, custará cerca de 202 anos para ser reduzida (WEF, 2018).

Segundo *Boletim Anual Mulheres e Mercado de Trabalho*, produzido pelo Observatório do Trabalho (2019), as mulheres ocupam 44% dos trabalhos formais no Brasil. Em Caxias do Sul, esse número chega aos 45% - 5% maior do que os dados da última década. Isso não simboliza um aumento de contratações femininas - na realidade, apresenta apenas uma retração das vagas formais desde 2014. A presença feminina, em mais postos de trabalho, também não representa um aumento nos salários. Em 2017, a defasagem entre os salários de Homens e Mulheres era de 16% na cidade - valor que já chegou a 27% há cerca de uma década - mesmo que 61% das profissionais apresentem Ensino Superior (OBSERVATÓRIO DO TRABALHO, 2019).

Os dados mostram que a violência é muito mais estrutural do que se pensa. Falta de oportunidades, profissionais desvalorizadas e a justificativa do auxílio maternidade ainda são exemplos de situações que provocam a desigualdade entre homens e mulheres.

Muito se deve, também, à falta de consenso em relação ao significado de violência de gênero. Segundo a *Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência Contra a Mulher*, é "qualquer ato ou conduta baseada no gênero, que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, tanto na esfera pública como na esfera privada" (BRASIL, 1996, art. 01). Já na Lei Maria da Penha, a descrição afunila para violência doméstica como "qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial (BRASIL, 2006, art.5º). A declaração adotada pela 25ª Assembleia de Delegadas da Comissão Interamericana de Mulheres aponta que a violência contra a mulher "[...] transcende todos os setores da sociedade, independentemente de sua classe, raça ou grupo étnico, níveis de salário, cultura, nível educacional, idade ou religião" (OEA, 1994, p. 02). Em comum acordo, no entanto, assim como Marilena Chauí defende no artigo *Participando do Debate sobre Mulher e Violência* (1985), entende-se que a violência é apenas um resultado, reproduzido tanto por homens quanto por mulheres, de uma autenticação da dominação masculina, ressaltando uma hierarquia que objetifica mulheres e as torna inferiores à condição

'masculina'. Da mesma forma, Scott (1988) caracteriza "[...] gênero como uma forma primária de significação das relações de poder", sendo a partir daí que o termo violência de gênero passou a se inserir nas discussões sobre mulheres.

6.2 SOB UMA ÓTICA FEMINISTA

É impossível falar da história das mulheres, sem considerar a contextualização do feminismo. Segundo Tilly (1994), a história das mulheres se diferencia das outras histórias porque envolve diretamente a política. Para a autora, a história das mulheres é diretamente a história de um movimento social, visto que foi escrita, majoritariamente, por feministas.

A esperança por um mundo com menos opressão, seja ela qual for, é a principal característica do feminismo.

O feminismo ressurgiu num momento histórico em que outros movimentos de libertação denunciavam a existência de formas de opressão que não se limitam ao econômico. Saindo de seu isolamento, rompendo seu silêncio, movimentos negros, de minorias étnicas, ecologistas, homossexuais, se organizam em torno de sua especificidade e se completam na busca da superação das desigualdades sociais (ALVES; PITANGUY, 1981, p. 7).

O feminismo propõe um projeto de sociedade alternativa, baseada em uma transformação profunda, priorizando os princípios de igualdade, que vão de encontro aos ideais patriarcais, presentes atualmente na sociedade - onde o homem ainda é visto como um ser superior. O movimento reúne um conjunto de discursos e práticas que dão prioridade à luta das mulheres para denunciar a desigualdade de gênero (DESCARRIES, 2002). Para Cott (1987, p. 4-5), o feminismo possui três componentes principais:

1. a defesa da igualdade dos sexos ou oposição à hierarquia dos sexos; 2. o reconhecimento de que a "condição das mulheres é construída socialmente, [...] historicamente determinada pelos usos sociais."; 3. a identificação com as mulheres enquanto grupo social e o apoio a elas.

Mesmo que as defesas dos movimentos sejam plurais e não busquem uma única pauta, as pautas feministas ganharam força com o passar do tempo. Desde sempre considerado um movimento político, provoca pressão no Estado, gerando diálogos necessários sobre a condição das mulheres e o interesse da população feminina. (VALENTE, 2000 in MIRANDA, 2009)

Também é perceptível o interesse de cada vez mais mulheres acerca do movimento. Com o aumento na acessibilidade às informações, as mulheres seguem empenhadas em conhecerem a história das mulheres e se conscientizarem em relação à opressão vivida (CASTELLS, 1999). Mesmo com uma ideologia voltada ao conhecimento, tanto de mulheres

quanto de homens, no entanto, o termo feminista ainda pode ser considerado negativo para uma parte da população.

Ser feminista significaria ser amarga. Principalmente, em relação ao relacionamento com os homens. A palavra “feminista” tem um peso negativo: a feminista odeia os homens, odeia sutiã, odeia a cultura africana, acha que as mulheres devem mandar nos homens; ela não se pinta, não se depila, está sempre zangada, não tem senso de humor, não usa desodorante (ADICHIE, 2015, p. 15).

Sempre marcado por esse caráter político-revolucionário, seu início não possui um consenso. No geral, acredita-se que o movimento surgiu com a Primeira Onda Feminista, nas últimas décadas do século XIX, com as *sufragetes* - mulheres participantes da burguesia que buscavam direito ao voto. Alves e Pitanguy (1981, p. 14-15), contudo, afirmam que o feminismo surgiu muito antes de sua popularização e nomeação. As autoras acreditam que, desde 195 d.C., já existiam movimentações diretamente ligadas à igualdade entre sexos - posição que retoma o preconceito e ironia acerca das demandas femininas.

No Brasil, a luta feminista também iniciou por meio da busca pelo direito ao voto. Outras demandas tratadas ainda na Primeira Onda brasileira, envolviam a relação de trabalho das mulheres, principalmente em fábricas (PINTO, 2003). O movimento passou por um momento de enfraquecimento geral, sendo retomado, principalmente, na década de 1960, após o lançamento de livros, que são utilizados até hoje, como instrução para as feministas, como *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir, e *A Mística Feminina*, de Betty Friedan. (PINTO, 2010). Essa retomada foi considerada a Segunda Onda Feminista, na qual as principais construções sobre gênero vistas neste capítulo foram teorizadas.

Durante a Ditadura Militar, os movimentos não enfraqueceram, mas passaram diretamente pelo filtro da censura. Somente com a volta da democracia, as políticas de direito das mulheres foram retomadas, agora tendo um âmbito muito mais amplo e social.

Com a redemocratização dos anos 1980, o feminismo no Brasil entra em uma fase de grande efervescência na luta pelos direitos das mulheres: há inúmeros grupos e coletivos em todas as regiões tratando de uma gama muito ampla de temas – violência, sexualidade, direito ao trabalho, igualdade no casamento, direito à terra, direito à saúde materno-infantil, luta contra o racismo, opções sexuais. Estes grupos organizavam-se, algumas vezes, muito próximos dos movimentos populares de mulheres, que estavam nos bairros pobres e favelas, lutando por educação, saneamento, habitação e saúde, fortemente influenciados pelas Comunidades Eclesiais de Base da Igreja Católica. Este encontro foi muito importante para os dois lados: o movimento feminista brasileiro, apesar de ter origens na classe média intelectualizada, teve uma interface com as classes populares, o que provocou novas percepções, discursos e ações em ambos os lados. (PINTO, 2010, p.17)

Com o passar do tempo, o movimento passou a agregar pautas que pudessem contemplar outras camadas da sociedade, discutindo desde os números da violência, a diferenciação salarial, o papel dos pais na criação dos filhos e a sexualidade. O movimento ganhou ainda mais força após a década de 1990, na chamada Terceira Onda Feminista, na qual se luta contra todos os tipos de opressão. Apesar disso, o feminismo ainda precisa ser debatido nos grupos sociais, visto que essa pauta ainda é confundida com uma dominação feminina. Também é preciso destacar que, apesar da evolução de algumas pautas, sobre a realidade feminina, muitas das reivindicações continuam as mesmas criadas em 1980.

Com o passar dos anos, a produção acadêmica foi ganhando uma nomenclatura própria, chamada Estudos Feministas. As chamadas 'militantes' levaram suas questões para as escolas e universidades, "[...] 'contaminando' o seu fazer intelectual com a paixão política" (LOURO, 2004, p. 16). A partir do que foi apresentado, essa monografia só está sendo proposta, devido ao conhecimento de história das mulheres descoberta exatamente pelo feminismo. A necessidade por igualdade, em todos os âmbitos, ainda precisa ser debatida e, mais do que isso, aponta para novas políticas de valorização da mulher na sociedade.

7. ANÁLISE: A MULHER NA VISÃO DO JORNALISMO BRASILEIRO

A análise desta pesquisa tem como base a identificação e interpretação da linguagem jornalística, no que diz respeito à mulher. Como um dos objetivos específicos desta pesquisa é a identificação das matérias relacionadas à mulher, utilizo, na análise, uma amostragem representativa das matérias, conforme as categorias abaixo, também apresentadas e detalhadas no capítulo 2 desta monografia:

- A MULHER EM FOCO - 2 matérias
- MAPA DA VIOLÊNCIA - 3 matérias
- EM DESTAQUE - 2 matérias
- MULHER E INFORMAÇÃO - 2 matérias

A intenção de uma amostragem é fazer um recorte representativo sobre o assunto, visto que a temática não é linear e não corresponde unicamente a um tipo de linguagem ou estilo de material jornalístico.

Neste contexto, a análise pode ser dividida em três partes. Na primeira são apresentadas as dez matérias de amostragem desta análise com identificação da categoria na qual foram inseridas, subcategorias (quando existentes), nome do veículo, data de publicação, link (quando correspondente à matéria online), a notícia na íntegra; um quadro comparativo com os principais elementos jornalísticos: título, linha de apoio, lide, descrição da foto ou imagem, legenda da foto ou imagem, editoria na qual a respectiva notícia pertence, nome do jornalista responsável pela produção do material, as citações apresentadas em cada notícia e também os seus destaques; e a análise em si.

Na segunda parte são feitas as considerações gerais sobre o que foi encontrado durante a análise das matérias.

E a terceira parte traz uma breve avaliação sobre os comentários encontrados nas matérias analisadas, visando compreender a forma como o leitor interpreta o conteúdo também.

Conforme as considerações acima, abaixo são apresentadas as matérias desta amostragem:

7.1. MULHER EM FOCO

Jornal Pioneiro

9 de março de 2011

<http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/noticia/2011/03/todas-elas-em-uma-como-sera-a-mulher-do-futuro-3233822.html>

Figura 2 - Todas elas em uma: como será a mulher do futuro?

Pioneiro Notícias

09/03/2011 | 10h21

Todas elas em uma: como será a mulher do futuro?

Elas terão as mesmas oportunidades que os homens no mundo corporativo?

Compartilhar    

Fabiano Moraes
fabiano.moraes@diario.com.br

A mulher do futuro jogará futebol. E bem. A sucessora da jogadora Marta receberá o mesmo reconhecimento de Pelé e um salário igual ao do português Cristiano Ronaldo, craque mais caro do esporte mais popular do mundo. A mulher do futuro também praticará esportes que hoje ainda não têm grande presença na mídia.

No mundo corporativo, terá as mesmas oportunidades que os homens. Daqui a 30 anos, o nascimento de uma menina será comemorado da mesma forma como é comemorado o nascimento de um menino em certos países. A mulher do futuro não será mais mutilada sexualmente. Para a sociedade do futuro, diferença sexual não será mais considerada diferença de destino.

A assertiva da antropóloga Carmen Rial, do Instituto de Estudos de Gênero da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), pode ser analisada sob dois prismas: o otimista dirá que as conquistas futuras serão justas, resultado das lutas das mulheres de ontem e de hoje; para o pessimista, 30 anos é tempo demais.



No Brasil, as mulheres têm remuneração em média 30% menor do que a dos homens
Foto: Reprodução / Reprodução

Herdeira do feminismo

A advogada Andréa Ventura tem 36 anos e é casada há cinco com o empresário Eduardo Dutra, 35. Eles são pais de Manuela, dois, e de Pedro, cinco. Típico casal de classe média alta com teoria suficiente para fazer passar à prática a divisão de tarefas em casa, ela não é tão efusiva na defesa de uma mudança de comportamento de homens e mulheres.

— Para que a mulher do futuro possa ter as mesmas oportunidades dos homens, teríamos que quebrar alguns paradigmas agora, com a geração da Manu. Não é isso que estamos vendo acontecer. Estamos tentando, mas as meninas ainda vão levar para a vida adulta as diferenças na criação de hoje. Por que meu marido nunca faz a lista do supermercado, por exemplo? — questiona.

Andréa é herdeira do feminismo, mas não se vê como uma feminista. Isso mostra que, meio século depois, o movimento social idealizado pelas barulhentas militantes nos anos 1960 mudou. Lutar pela igualdade entre os sexos parecia ser o futuro, mas o sentimento é de que algo se perdeu. Talvez porque nem sempre o que a mulher deseja é ser igual. Também porque, em tese, ninguém impede que a mulher priorize a carreira nem a obriga a ser a administradora do lar. É uma decisão individual — e aí está o complicador.

Terceira Onda

Na internet, a mulher de hoje escreve compulsivamente sobre sexo e moda. São as integrantes do que alguns estudiosos do comportamento feminino classificam de Terceira Onda do Feminismo. Elas acreditam que ser feminista é sentir prazer no sexo sem compromisso com mulheres e homens e consumir de forma incontrolável. Será esse o futuro?

— A nova geração será o resultado disso. Essas jovens não precisaram ir para as ruas, mas sabem se manifestar e, se preciso, até usarão as antigas armas. Mas estão tentando inventar novas e descobriram que é muito melhor lutar politicamente tendo prazer do que sofrendo — afirma a antropóloga Carmen Rial.

E os homens — assim como este repórter — acompanham a transformação das mulheres. Daqui a 30 anos, seremos a soma das características da mulher do futuro. Maridos lidando de uma forma menos neurótica com o envelhecimento e descobrindo juntos como tratar a vida sexual depois dos 60 anos.

Pais educando meninas a partir das premissas de uma sociedade igualitária, em que elas não precisarão temer retrocessos e que sejam responsáveis por suas escolhas. Que isso não leve três décadas para se tornar realidade.

:: Mais sensibilidade



Daniela Borth, 23 anos, vê a mulher daqui a 30 anos em cargos gerenciais de grandes empresas. Atualmente trabalhando como auxiliar administrativo em uma indústria de fundição de peças plásticas na cidade de Rio do Sul, onde mora, Daniela viaja quase 200 quilômetros a cada 15 dias para cursar MBA em Gestão Empresarial na Fundação Getúlio Vargas (FGV).

Única mulher em uma turma formada por engenheiros e administradores, ela colabora para melhorar a situação feminina em cursos de negócios. Donas de seis em cada 10 diplomas concedidos nos cursos de graduação, elas não chegam a formar 35% das turmas nas escolas de negócios do país.

Um ranking publicado em 2010 pelo jornal inglês Financial Times revelou que, em 75 programas considerados de elite no mundo, a participação feminina varia entre 7% e 39%. A explicação deve-se a dois fatores: alto custo e maternidade. No Brasil, as mulheres têm remuneração em média 30% menor do que a dos homens. E a média de idade de quem frequenta MBAs fica entre 30 e 35 anos, justamente o momento em que elas costumam definir se vão ou não ter filhos.

Daniela pretende ser mãe. Também prevê conciliar a criação das crianças com o trabalho:

— As mulheres são mais sensíveis, sempre daremos um jeito. Certamente sobrá um tempinho.

:: Excesso de cobrança



Para Sandra Rodrigues, 35 anos, a mulher do futuro será parecida com a mulher de hoje — ainda em busca das mesmas oportunidades na carreira e de salários iguais aos dos homens. A principal diferença é que trabalhará ainda mais.

A rotina como gerente de Negócios na Brognoli Negócios Imobiliários inclui reuniões, relatórios e a responsabilidade pela gestão de uma das unidades estratégicas da empresa. Talvez esta seja a origem da análise realista de futuro.

Na pirâmide de ascensão profissional, Sandra já ocupa a parte mais estreita. Uma pesquisa realizada pela Academy of Management Perspectives com as mil maiores empresas norte-americanas revela que quase a metade delas não possui uma única mulher entre seus principais executivos. Entre as demais, 29% têm apenas uma na diretoria, e 23%, duas.

No Brasil, a situação das executivas não é muito diferente, embora o percentual de diretoras tenha dobrado na última década, registrando 11%, de acordo com levantamento do instituto Ethos.

Casada há nove anos e mãe de Pedro, cinco, Sandra também sofre com a dupla jornada. Mas se considera "sortuda":

— Meu marido divide todas as tarefas domésticas comigo, desde antes do nascimento do Pedro. Mesmo assim, às vezes chego em casa e começo a arrumar as coisas antes mesmo de tirar o salto alto. Ele diz: "primeiro tire os sapatos!"

Veja o especial 'Mulher do Futuro':

Quadro 1 - Todas elas em uma: como será a mulher do futuro?

Título	Todas elas em uma: como será a mulher do futuro?
Linha de Apoio/Olho	Elas terão as mesmas oportunidades que os homens no mundo corporativo?
Lide	Não existe um lide padrão. O primeiro parágrafo contém: A mulher do futuro jogará futebol. E bem. A sucessora da jogadora Marta receberá o mesmo reconhecimento de Pelé e um salário igual ao do português Cristiano Ronaldo, craque mais caro do esporte mais popular do mundo. A mulher do futuro também praticará esportes que hoje ainda não têm grande presença na mídia.
Descrição da Foto	ilustração de uma mulher branca, de cabelo claro, sentada em uma poltrona. A mulher veste roupas formais com meias e chuteiras de futebol, além de usar um barrete na cabeça. Também possui um notebook no colo, uma mamadeira na mão ao lado direito e pesos de academia estão colocados no canto inferior esquerdo.
Legenda da Foto	No Brasil, as mulheres têm remuneração média 30% menor do que a dos homens
Editoria	Notícias
Assinatura/Jornalista	Fabiano Moraes
Citações	<p>— Para que a mulher do futuro possa ter as mesmas oportunidades dos homens, teríamos que quebrar alguns paradigmas agora, com a geração da Manu. Não é isso que estamos vendo acontecer. Estamos tentando, mas as meninas ainda vão levar para a vida adulta as diferenças na criação de hoje. Por que meu marido nunca faz a lista do supermercado, por exemplo? — questiona. (Andreia Ventura. Parágrafo 5)</p> <p>— A nova geração será o resultado disso. Essas jovens não precisaram ir para as ruas, mas sabem se manifestar e, se preciso, até usarão as antigas armas. Mas estão tentando inventar novas e descobriram que é muito melhor lutar politicamente tendo prazer do que sofrendo — afirma a antropóloga Carmen Rial. (parágrafo 8)</p> <p>— As mulheres são mais sensíveis, sempre daremos um jeito. Certamente sobrar um tempinho. (Daniela Borth. parágrafo 15)</p> <p>— Meu marido divide todas as tarefas domésticas comigo, desde antes do nascimento do Pedro. Mesmo assim, às vezes chego em casa e começo a arrumar as coisas antes mesmo de tirar o salto alto. Ele diz: "primeiro tire os sapatos! (Sandra Rodrigues, parágrafo 21)</p>
Destaques da Notícia	Andréa é herdeira do feminismo, mas não se vê como uma feminista. Isso mostra que, meio século depois, o movimento social idealizado pelas barulhentas militantes nos anos 1960

	<p>mudou. Lutar pela igualdade entre os sexos parecia ser o futuro, mas o sentimento é de que algo se perdeu. Talvez porque nem sempre o que a mulher deseja é ser igual. Também porque, em tese, ninguém impede que a mulher priorize a carreira nem a obriga a ser a administradora do lar. É uma decisão individual — e aí está o complicador. (parágrafo 6)</p> <p>Na internet, a mulher de hoje escreve compulsivamente sobre sexo e moda. São as integrantes do que alguns estudiosos do comportamento feminino classificam de Terceira Onda do Feminismo. Elas acreditam que ser feminista é sentir prazer no sexo sem compromisso com mulheres e homens e consumir de forma incontrolável. Será esse o futuro? (parágrafo 7)</p> <p>Única mulher em uma turma formada por engenheiros e administradores, ela colabora para melhorar a situação feminina em cursos de negócios. Donas de seis em cada 10 diplomas concedidos nos cursos de graduação, elas não chegam a formar 35% das turmas nas escolas de negócios do país. (parágrafo 12)</p> <p>Para Sandra Rodrigues, 35 anos, a mulher do futuro será parecida com a mulher de hoje — ainda em busca das mesmas oportunidades na carreira e de salários iguais aos dos homens. A principal diferença é que trabalhará ainda mais. (parágrafo 16)</p> <p>Casada há nove anos e mãe de Pedro, cinco, Sandra também sofre com a dupla jornada. Mas se considera "sortuda" (parágrafo 20)</p>
--	---

Conforme visto na apresentação das categorias de análise, a categoria mulher em foco visa homenagear as mulheres. Esta matéria faz parte da categoria devido à data apresentada, 9 de março de 2011, o que sugere um material relacionado ao Dia Internacional da Mulher, comemorado em 8 de março. Pode-se dizer, conforme o modelo teórico apresentado por Van Dijk (1992), que o evento principal da matéria, mesmo que indireto, diz respeito à data comemorativa apresentada no dia anterior. No entanto, apesar de claramente estar relacionado a essa motivação “especial”, o texto não trata o Dia da Mulher, como evento jornalístico, mas sim como gancho para a problemática apresentada na notícia.

Considerando também a máxima de que “o título é a marca do texto” (HOEK, 1980, p2), podemos afirmar que a notícia não cumpre com seu papel informativo, seja no título ou no lide na matéria. Na leitura de “Todas elas em uma: como será a mulher do futuro”, sugere-se que existem várias tipos de mulheres no mundo, mas apenas com a leitura da linha de apoio, “elas terão as mesmas oportunidades que os homens no mundo corporativo?” é que o leitor compreende que a discussão se trata de um comparativo entre as oportunidades de homens e mulheres no mundo.

Os primeiros três parágrafos cumprem a função de traçar esses comparativos. O jornalista, neste caso, utiliza principalmente o critério de dramatização (TRAQUINA, 2005), chamando atenção para as diferenças entre os sexos, porém sem apresentar qualquer dado sobre a devida situação no texto (a única informação é apresentada na legenda da ilustração da notícia). Já o restante da matéria divide em casos de mulheres que buscam debater as relações e diferenciações entre os sexos.

Sendo uma matéria produzida há quase uma década, um dos assuntos que também surge em meio aos casos é o feminismo, possível ver nos parágrafos 6 e 7:

Andréa é herdeira do feminismo, mas não se vê como uma feminista. Isso mostra que, meio século depois, o movimento social idealizado pelas barulhentas militantes nos anos 1960 mudou. Lutar pela igualdade entre os sexos parecia ser o futuro, mas o sentimento é de que algo se perdeu. Talvez porque nem sempre o que a mulher deseja é ser igual. Também porque, em tese, ninguém impede que a mulher priorize a carreira nem a obriga a ser a administradora do lar. É uma decisão individual — e aí está o complicador.

Na internet, a mulher de hoje escreve compulsivamente sobre sexo e moda. São as integrantes do que alguns estudiosos do comportamento feminino classificam de Terceira Onda do Feminismo. Elas acreditam que ser feminista é sentir prazer no sexo sem compromisso com mulheres e homens e consumir de forma incontrolável. Será esse o futuro?

É possível perceber que, apesar de tratar de um assunto que busca exatamente a igualdade (o feminismo), o tom do texto traz um código construído socialmente (HALL, 2011) que apenas reforça um estereótipo social: ele não explica qualquer ideia do feminismo, apesar de dizer que o movimento está enfraquecido, e também, no trecho “na internet, a mulher de hoje escreve compulsivamente sobre sexo e moda” reforça violências em um texto que se propõe a discuti-la, resumindo a mulher novamente à sua sexualidade e a itens historicamente “estabelecidos” à feminilidade, como a moda. Além de não trazer um dado sequer acerca de todos os assuntos abordados, o texto ainda deixa claro o posicionamento do jornalista acerca do movimento feminista e da sua visão de mundo sobre a mulher.

Os agentes sociais trazidos na matéria, ao menos, são mulheres. São apresentadas uma antropóloga e três casos de mulheres diferentes que falam suas ideias de mulher do futuro, com base em sua situação atual de vida. Para Charaudeau (2006), os atores sociais trazem o sentido global do texto. Neste contexto, por exemplo, é possível ver fontes de informação que, em seus contextos, apenas reforçam construções.

As frases apresentadas, por exemplo, trazem de forma intrínseca estereótipos de uma mulher mais emocional e que, majoritariamente, cuida da casa. Nos contextos aplicados, as frases parecem não fazer sentido.

A primeira, “as mulheres são mais sensíveis, sempre daremos um jeito. Certamente sobrá um tempinho”, localizada no parágrafo 15, é relacionada a um trecho que fala sobre os dados da mulher na carreira e a participação da mulher na economia. Apesar de trazer

uma breve informação, trazida como justificativa, em relação aos salários e maternidade, a única frase que ilustra o trecho, representada por Daniela Borth, trata exatamente sobre o esforço da mulher em conciliar vida profissional com a maternidade, justificado pela “sensibilidade feminina” - expressão que ainda é utilizada no intertítulo desse trecho.

Já a segunda citação, “por que meu marido nunca faz a lista do supermercado, por exemplo?”, trazida por Andreia Ventura no quinto parágrafo, até tenta trazer um ponto de vista mais igualitário, discutindo se a visão em relação às mulheres irá ou não mudar, conforme proposta da matéria. No entanto, quando observada no contexto aplicado, percebe-se, até na apresentação de Andreia, que ela já não acredita na mudança de paradigmas. Também, a citação logo é seguida por:

Andréa é herdeira do feminismo, mas não se vê como uma feminista. Isso mostra que, meio século depois, o movimento social idealizado pelas barulhentas militantes nos anos 1960 mudou. Lutar pela igualdade entre os sexos parecia ser o futuro, mas o sentimento é de que algo se perdeu. Talvez porque nem sempre o que a mulher deseja é ser igual. Também porque, em tese, ninguém impede que a mulher priorize a carreira nem a obriga a ser a administradora do lar. É uma decisão individual — e aí está o complicador.

O trecho traz um desvio claro, tanto do movimento feminista, quanto de igualdade entre gêneros, como se a espera por um mundo mais igual correspondesse a um molde de mulheres pré-montadas, que deveriam seguir um novo padrão de comportamento.

7.2. MULHER EM FOCO

GaúchaZH

8 de março de 2019

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/noticia/2019/03/ibge-mulheres-recebem-em-media-795-do-salario-dos-homens-cjsz32ld601a601uj53ox8ph5.html>

Figura 3 - IBGE: mulheres recebem, em média, 79,5% do salário dos homens



O número médio de horas trabalhadas por semana, porém, também é maior entre eles. A jornada padrão feminina tem 4,8 horas a menos do que a masculina: em média, o homem completou 42,7 horas semanais em 2018, enquanto a mulher trabalhou 37,9 horas. O cálculo das horas trabalhadas exclui os períodos dedicados a afazeres domésticos e cuidados de pessoas.



Quando entrou na empresa onde trabalha, Taline era uma das três mulheres entre aproximadamente 100 homens
Fernando Gomes / Agenda RBS

Alguns dos casos de maior diferença salarial estão nos profissionais de ciências e intelectuais, operários e artesãos, vendedores de comércio e mercados. Já os setores com maior igualdade salarial são as [Forças Armadas](#), polícia e bombeiros – em que praticamente não há variação entre os salários de homens e mulheres –, além de trabalhadores qualificados das áreas agropecuária, florestal, da caça e da pesca.

“Só há inovação com diversidade. A empresa tem de entender, valorizar e reconhecer a importância dos diferentes perfis.”

CLARISSA DAROIT
Gerente de RH

gerente de todo um setor. Felizmente, nunca senti o gênero como uma influência na minha carreira, sempre fui avaliada pela performance – explica Taline.

A gerente de RH Clarissa Daroit destaca a importância de se buscar um equilíbrio entre os sexos sem jamais diferenciar os salários dos profissionais femininos e masculinos.

Em [Canoas](#), Taline Teixeira, gerente de Engenharia de Processos da multinacional AGCO – fabricante de máquinas agrícolas presente em 150 países – ilustra bem essa busca pela igualdade salarial e de oportunidades no mercado de trabalho. Ela começou na empresa como estagiária em 2008. Na época, era uma das três mulheres entre aproximadamente 100 homens no setor em que trabalhava.

– Logo em seguida, eu fui efetivada como assistente, depois me formei e fui promovida a engenheira de melhoria contínua em 2013. Em 2014, virei líder de projetos, depois supervisora em 2016 e hoje sou

– Só há inovação com diversidade. A empresa tem de entender, valorizar e reconhecer a importância dos diferentes perfis. Ter um equilíbrio entre homens e mulheres vai tornar o negócio muito mais competitivo – garante ela.

LEIA MAIS

Advogadas organizam evento para o Dia da Mulher



Espectáculos, debates, exposições: oito dicas



As mulheres brasileiras que estão no [mercado de trabalho](#) têm formação maior, mas trabalham menos horas no total e recebem menos do que os homens no final do mês. Os profissionais do sexo masculino, por sua vez, são maioria na população de 25 a 49 anos que tem emprego fixo e ganham, em média, mais pela hora trabalhada: R\$ 14,2 contra R\$ 13 delas. Em 2018, o salário médio entre todos os postos de trabalho analisados é de R\$ 2.579 para os homens e R\$ 2.050 para as mulheres – ou seja, elas recebem 79,5% do salário deles.

Os dados fazem parte do estudo “Diferença do rendimento do trabalho de mulheres e homens nos grupos ocupacionais”, divulgado pelo [Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística \(IBGE\)](#) nesta sexta-feira (8), [Dia Internacional da Mulher](#). A pesquisa aponta que a discrepância salarial entre sexos segue existindo no Brasil. Mas há avanços. A diferença paga por hora trabalhada é a menor desde 2012: no ano passado, o valor do rendimento da mulher representava 91,5% daquele recebido pelos homens – percentual que já foi de 87,9% em 2013.

EIA MAIS

Defensoria Pública realiza mutirão de orientação sobre direitos da mulher nesta sexta-feira

Apoio sobre sexualidade, programação de Dia da Mulher e mais: os eventos da semana



Mitos sobre as mulheres que precisamos desconstruir de vez



E o nível de instrução delas é maior. Na população ocupada na faixa etária analisada, 22,8% das mulheres têm [Ensino Superior](#) completo, enquanto o percentual é de 18,4% entre os homens. A formação tem grande importância na definição do salário, mas o sexo ainda demonstra ser um fator determinante.

O estudo do IBGE mostra que, em 2018, o rendimento médio mais baixo, segundo o nível de instrução, era o de mulheres com [Ensino Fundamental](#) incompleto (R\$ 880). O mais elevado era recebido por homens de nível superior

completo (R\$ 5.928).

Espectáculos, debates, exposições: oito dicas para passar o Dia da Mulher com arte e cultura



A realidade, porém, não é sempre essa. Um levantamento feito pela empresa especializada em assuntos de mercado

Empresômetro aponta que foram extintos quase 3 milhões

de postos de trabalho para mulheres no Brasil desde 2011. O índice percentual de ocupação formal feminina até cresceu – 3% nesses oito anos –, mas o total de mulheres empregadas caiu de 14,3 milhões para 11,5 milhões.

Diferenças salariais entre homens e mulheres

Rendimento médio por profissão

Cargo	Homem	Mulher
Diretores e gerentes	R\$ 6.216	R\$ 4.435
Forças Armadas, policiais e bombeiros	R\$ 5.301	R\$ 5.338
Profissionais das ciências e intelectuais	R\$ 5.890	R\$ 3.819
Técnicos e profissionais de nível médio	R\$ 3.320	R\$ 2.386
Trabalhadores de apoio administrativo	R\$ 2.071	R\$ 1.785
Vendedores dos comércios e mercados	R\$ 1.958	R\$ 1.295

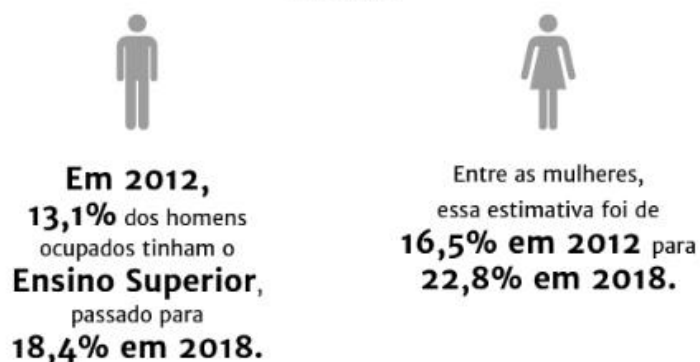
Rendimento médio por idade

De 25 a 29 anos 86,9% do salário dos homens	De 30 a 39 anos 81,6% do salário dos homens
De 40 a 49 anos 74,9% do salário dos homens	Total 79,5% do salário dos homens

Número médio de horas trabalhadas



Instrução



Fonte: estudo "Diferença do rendimento do trabalho de mulheres e homens nos grupos ocupacionais - Pnad Contínua 2018", do IBGE

Quadro 2 - IBGE: mulheres recebem, em média, 79,5% do salário dos homens

Título	IBGE: mulheres recebem, em média, 79,5% do salário dos homens
Linha de Apoio/Olho	Entre as pessoas empregadas de 25 a 49 anos, profissionais femininas têm maior percentual de graduação que homens, mas rendimento e carga horária médios são menores
Lide	As mulheres brasileiras que estão no mercado de trabalho têm formação maior, mas trabalham menos horas no total e recebem menos do que os homens no final do mês. Os profissionais do sexo masculino, por sua vez, são maioria na população de 25 a 49 anos que tem emprego fixo e ganham, em média, mais pela hora trabalhada: R\$ 14,2 contra R\$ 13 delas. Em 2018, o salário médio entre todos os postos de trabalho analisados é de R\$ 2.579 para os homens e R\$ 2.050 para as mulheres – ou seja, elas recebem 79,5% do salário deles.
Descrição da Foto	Mulher branca, à esquerda na foto, vestindo roupas pretas e utilizando óculos de segurança e protetores auricular. Ela sorri com os braços cruzados. Ao fundo, a fábrica de uma empresa.
Legenda da Foto	Taline Teixeira é gerente de Engenharia: "Felizmente, nunca senti o gênero como uma influência na minha carreira"
Editoria	Comportamento

Assinatura/Jornalista	Guilherme Justino
Citações	<p>– Logo em seguida, eu fui efetivada como assistente, depois me formei e fui promovida a engenheira de melhoria contínua em 2013. Em 2014, virei líder de projetos, depois supervisora em 2016 e hoje sou gerente de todo um setor. Felizmente, nunca senti o gênero como uma influência na minha carreira, sempre fui avaliada pela performance – explica Taline (parágrafo 8)</p> <p>– Só há inovação com diversidade. A empresa tem de entender, valorizar e reconhecer a importância dos diferentes perfis. Ter um equilíbrio entre homens e mulheres vai tornar o negócio muito mais competitivo – garante ela. (Clarissa Daroit. Parágrafo 10)</p>
Destques da Notícia	<p>Os dados fazem parte do estudo “Diferença do rendimento do trabalho de mulheres e homens nos grupos ocupacionais”, divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) nesta sexta-feira (8), Dia Internacional da Mulher. A pesquisa aponta que a discrepância salarial entre sexos segue existindo no Brasil. Mas há avanços. A diferença paga por hora trabalhada é a menor desde 2012: no ano passado, o valor do rendimento da mulher representava 91,5% daquele recebido pelos homens – percentual que já foi de 87,9% em 2013. (parágrafo 2)</p> <p>Em Canoas, Taline Teixeira, gerente de Engenharia de Processos da multinacional AGCO – fabricante de máquinas agrícolas presente em 150 países – ilustra bem essa busca pela igualdade salarial e de oportunidades no mercado de trabalho. Ela começou na empresa como estagiária em 2008. Na época, era uma das três mulheres entre aproximadamente 100 homens no setor em que trabalhava. (parágrafo 7)</p> <p>A realidade, porém, não é sempre essa. Um levantamento feito pela empresa especializada em assuntos de mercado Empresômetro aponta que foram extintos quase 3 milhões de postos de trabalho para mulheres no Brasil desde 2011. O índice percentual de ocupação formal feminina até cresceu – 3% nesses oito anos –, mas o total de mulheres empregadas caiu de 14,3 milhões para 11,5 milhões. (parágrafo 11)</p>

Em contraponto à primeira matéria do MULHER EM FOCO, optei por trazer uma notícia de cunho comemorativo, que estivesse em um contexto mais atual, visando comparar as pautas e observar as diferenças de posicionamento oito anos depois (relação de tempo entre uma matéria e outra).

A temática, de certa forma, é a mesma. Discute-se a diferença entre homens e mulheres, principalmente de um viés econômico. O evento principal dessa matéria é oculto - o Dia da Mulher. Essa informação é percebida, ao analisarmos a data de publicação do material. Apesar disso, tanto o sumário quanto o relato noticioso, apresentados por Van Dijk

(1992), traz como mote principal a desigualdade econômica, baseada nos dados apresentados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A matéria foca principalmente no caso de uma gerente, Taline Teixeira, que atua em uma empresa de máquinas agrícolas. Somos apresentados à própria Taline, que aparece também ilustrando a imagem, e também à gerente de RH da empresa, Clarissa Daroit.

A matéria perpassa com cuidado e clareza os dados apresentados. Desconsiderando o título e a linha de apoio, são seis parágrafos totalmente informativos, utilizando principalmente a pesquisa apresentada pelo IBGE. Conforme define Lage (1993), o jornalismo é um relato de uma série de fatos. Por isso, utiliza diversos discursos para compor a veracidade da história a ser contada. Também segue alguns passos do princípio cooperativo de Grice (1982), em relação à preocupação com as informações e a relevância do assunto. Com isso, a matéria tenta passar sua verdade, em relação às diferenças de salários, utilizando do maior número de informações, dados e estatísticas possíveis relacionadas ao tema.

Da mesma forma, uma das maneiras de tentar o convencimento acerca dos dados apresentados é por meio dos agentes sociais trazidos no texto. O jornalista propõe um espaço de discussão, por meio da representatividade desses agentes (CHARAUDEAU, 2006). É nesse contexto que entram Taline e Clarissa. Na fala de Taline, no parágrafo 8, observamos a seguinte frase: “Felizmente, nunca senti o gênero como uma influência na minha carreira, sempre fui avaliada pela performance”. Já na explicação dada pela gerente de RH, pensamos na solução para todos os dados enfrentados com “A empresa tem de entender, valorizar e reconhecer a importância dos diferentes perfis. Ter um equilíbrio entre homens e mulheres vai tornar o negócio muito mais competitivo”.

Independentemente de toda a contextualização apresentada pela jornalista e dos dados apresentados pelo IBGE, as soluções trazidas pelas duas fontes de informação tornam-se rasas e incoerentes com o resto do texto. Nos casos em que o evento principal é um acontecimento inédito, busca-se sempre fontes de informação que acompanharam ou ainda acompanham tal evento (ERICSON et al., 1989). Neste caso, como o evento principal é uma data comemorativa, buscam-se fontes que sejam relacionadas ao *background* apresentado pelo jornalista. Todavia, as únicas citações trazidas em todo texto não discutem as causas e consequências dos dados apresentados, apenas contrapõem. Isso fere o princípio da Quantidade de Grice (1982), que diz respeito a fontes que tragam o maior número de informações que possam crescer aos dados trazidos pelo jornalista.

7.3. MAPA DA VIOLÊNCIA

Mulher como vítima da violência

Portal G1

19 de setembro de 2018

https://g1.globo.com/sp/sorocaba-jundiai/noticia/2018/09/12/jovem-que-foi-estuprada-durante-anos-pelo-pai-e-teve-filho-com-ele-contrata-advogado-para-tira-lo-da-cadeia.ghtml?fbclid=IwAR0aIQKSh8EWREce8YV6r3DoBoc0S-4z2OwKHALwLHs_X_FG1UWWXCUI_nA

Figura 4 - Jovem que foi estuprada durante anos pelo pai e teve filho com ele contrata advogado para tirá-lo da cadeia

Jovem que foi estuprada durante anos pelo pai e teve filho com ele contrata advogado para tirá-lo da cadeia

Mulher de 27 anos teve um filho do próprio pai aos 20 anos, após anos de abuso sexual dentro de casa. Homem foi preso preventivamente por 30 dias e está no Centro de Triagem de Campo Limpo Paulista.

Por G1 Sorocaba e Jundiaí
12/09/2018 08h18 - Atualizado há 6 meses



A **mulher que foi estuprada durante anos pelo próprio pai** - e chegou a engravidar duas vezes - contratou um advogado para defendê-lo e tirá-lo da cadeia. O homem está preso preventivamente desde a segunda-feira (10) no Centro de Triagem de Campo Limpo Paulista (SP).

Segundo a Delegacia de Defesa da Mulher (DDM), que está responsável pelo caso, a mulher, hoje com 27 anos, estava abrigada em uma casa mantida pela prefeitura para vítimas de estupros, mas resolveu deixar o local para procurar um advogado para o pai assim que soube da prisão.

A vítima disse à Polícia Civil que começou a ser estuprada quando tinha sete anos. Os abusos aconteciam com frequência, na casa onde mora com o pai, a mãe, dois irmãos e uma irmã. No depoimento, a jovem afirmou que, a partir dos 15 anos, passou a manter relações sexuais com o pai de forma consentida.

Uma das investigadoras que cuidam do caso afirmou que a vítima só procurou a delegacia após ser aconselhada por uma amiga.



Homem confessou o crime na DDM de Jundiaí — Foto: Google Maps/Divulgação

Depoimento e prisão

Ao ser preso, o homem negou que tenha abusado da filha quando criança. Ele disse que as relações sexuais começaram quando ela tinha 15 anos, e aconteciam de forma consentida - versão confirmada pela vítima.

O caso só foi revelado à família no ano passado, quando a jovem contou à mãe que o pai abusava dela e que era o progenitor do seu filho.

Ao saber do caso, a irmã mais nova da vítima afirmou que também sofreu tentativa de estupro do pai e que testemunhou os abusos.

O homem deve permanecer preso por 30 dias, até que o inquérito seja analisado por um juiz.

A DDM afirmou que as vítimas estão passando por atendimento psicológico.

Veja mais notícias da região no **G1 Sorocaba e Jundiaí**

JUNDIAÍ

Quadro 3 - Jovem que foi estuprada durante anos pelo pai e teve filho com ele contrata advogado para tirá-lo da cadeia

Título	Jovem que foi estuprada durante anos pelo pai e teve filho com ele contrata advogado para tirá-lo da cadeia
Linha de Apoio/Olho	Mulher de 27 anos teve um filho do próprio pai aos 20 anos; após anos de abuso sexual dentro de casa. Homem foi preso preventivamente por 30 dias e está no Centro de Triagem de Campo Limpo Paulista.
Lide	A mulher que foi estuprada durante anos pelo próprio pai - e chegou a engravidar duas vezes - contratou um advogado para defendê-lo e tirá-lo da cadeia. O homem está preso preventivamente desde a segunda-feira (10) no Centro de Triagem de Campo Limpo Paulista (SP).
Descrição da Foto	Não possui uma foto principal. A foto de apoio traz duas viaturas policiais em frente à delegacia
Legenda da Foto	Homem confessou o crime na DDM de Jundiaí
Editoria	não se aplica
Assinatura/Jornalista	não se aplica
Citações	não se aplica
Destaques da Notícia	Segundo a Delegacia de Defesa da Mulher (DDM), que está responsável pelo caso, a mulher, hoje com 27 anos, estava abrigada em uma casa mantida pela prefeitura para vítimas de

	<p>estupros, mas resolveu deixar o local para procurar um advogado para o pai assim que soube da prisão. (parágrafo 2)</p> <p>A vítima disse à Polícia Civil que começou a ser estuprada quando tinha sete anos. Os abusos aconteciam com frequência, na casa onde mora com o pai, a mãe, dois irmãos e uma irmã. No depoimento, a jovem afirmou que, a partir dos 15 anos, passou a manter relações sexuais com o pai de forma consentida. (parágrafo 3)</p> <p>Ao ser preso, o homem negou que tenha abusado da filha quando criança. Ele disse que as relações sexuais começaram quando ela tinha 15 anos, e aconteciam de forma consentida - versão confirmada pela vítima. (parágrafo 5)</p>
--	---

A primeira subcategoria de MAPA DA VIOLÊNCIA traz a mulher como vítima da violência. Em notícias desse porte, é dever do jornalista defender os direitos sociais, além de ser proibido “usar o jornalismo para incitar a violência, a intolerância, o arbítrio e o crime” (FENAJ, 2007).

A notícia acima, publicada no portal G1, possui uma discrepância clara desde o título: “Jovem que foi estuprada durante anos pelo pai e teve filho com ele contrata advogado para tirá-lo da cadeia”. O evento principal da matéria é o fato de uma mulher, vítima de violência por parte do próprio pai, contrata um advogado para tirar quem a violentou da cadeia. Considerando que “o título é a marca do texto” (HOEK, 1980, p2), é possível afirmar que, desde sua apresentação, o texto traz um posicionamento (principalmente de culpa) e também reforça uma nova violência.

Considerando os critérios de Van Dijk (1986), a matéria pode ser dividida em três partes: o sumário: manchete, linha de apoio e lide; os eventos prévios e as consequências.

No sumário, manchete, linha de apoio e o primeiro parágrafo (lide) trazem o evento principal: uma mulher que contratou advogado para o homem que a violentou. Os três itens trazem exatamente a mesma informação, o que já representa uma falha jornalística, pois o leitor não se aprofunda no assunto. Outro aspecto é o valor-notícia aplicado nesta situação. Duas das características apresentadas por Traquina (2005), apenas o inesperado poderia ser utilizado como justificativa, visto que a notícia principal é a contratação do advogado, e não a violência em si. Apesar do estupro ter sido tema de uma matéria anterior não menos problemática (como é possível perceber no hiperlink), acredito em um jornalismo responsável, que contextualize o leitor e facilite a compreensão dos fatos.

Ainda considerando o sumário, a escolha das palavras reforça a violência com a vítima, pois a culpabiliza em relação à soltura do pai/violentador. Pena (2012, p.94) explica

que “estereótipos produzem estereótipos, em um ciclo interminável”. Esta afirmação claramente pode ser aplicada no contexto apresentado, visto “a responsabilidade moral do jornalismo se ampara no uso pleno de sua liberdade de informar e no respeito completo aos direitos do cidadão” (BAHIA, 1990) e este não apresentou responsabilidade jornalística para criação de um conteúdo crítico e respeitável.

A segunda parte da matéria traz um parágrafo de consequências. Neste, são usadas informações da Delegacia de Defesa da Mulher (DDM) e mostra como a vítima encontra-se na situação atual.

Já na terceira parte, os eventos prévios retomam brevemente o histórico da situação, com base no relato da jovem à polícia civil. Apesar de se basear nesses dados, não se compromete em filtrar e mediar as situações entre as frases. Pena (2012, p.160) diz que “a mídia reconstrói o acontecimento na operação jornalística, mas, junto com ela, vende a crença de que a montagem não interfere na construção da realidade”. Neste tipo de aplicação, o jornalismo reforça os estereótipos.

Quando traz um terço do texto com uma informação reiterada sem contextualização e quando traz afirmações indiretas da vítima, sem considerar os danos psicológicos e sem apresentar o contexto em que essa afirmação foi feita, o jornalista não somente reforça estereótipos, mas produz uma nova violência com alguém que virou notícia, em função de ter sido violentada.

7.4. MAPA DA VIOLÊNCIA

Informativo

Jornal Pioneiro

30 de setembro de 2018

<http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/geral/policia/noticia/2018/09/mais-de-10-ocorrencias-de-violencia-contra-mulher-foram-registradas-nas-ultimas-horas-em-caxias-10600544.html?fbclid=IwAR2Hn6gXwQfgrSLGWLIhkNHINwvLPly7NXiNIS1-fBS-PsiE60i7IO57Hhs>

Figura 5 - Mais de 10 ocorrências de violência contra mulher foram registradas nas últimas horas em Caxias



Quadro 4 - Mais de 10 ocorrências de violência contra mulher foram registradas nas últimas horas em Caxias

Título	Mais de 10 ocorrências de violência contra mulher foram registradas nas últimas horas em Caxias
Linha de Apoio/Olho	Registros variam desde agressões até ameaças de ex e atuais companheiros das vítimas
Lide	Treze ocorrências relacionadas à violência contra a mulher foram registradas entre às 13h de sexta-feira e 3h deste domingo na Polícia Civil de Caxias do Sul. Nove das vítimas solicitaram medidas protetivas à rede de proteção da mulher em Caxias.
Descrição da Foto	não se aplica
Legenda da Foto	não se aplica
Editoria	Polícia
Assinatura/Jornalista	não se aplica
Citações	As denúncias envolvem desde ameaças por mensagens de celular até agressões físicas. Há o registro de apenas uma prisão ocorrida na madrugada deste domingo no bairro Charqueadas. Nesse caso, o agressor seria o atual companheiro da vítima. (parágrafo 2)
Destaques da Notícia	não se aplica

O segundo segmento dentro de MAPA DA VIOLÊNCIA traz matérias de cunho informativo. Para representar essa amostragem, foi escolhida a matéria do Jornal Pioneiro, de Caxias do Sul, publicada em 30 de setembro de 2018. A matéria está em formato de nota, sem aplicação de citações, e a fonte de informação é baseada nos registros da Polícia Civil de Caxias do Sul.

A matéria é dividida em três parágrafos de duas frases cada. Todas as frases possuem um caráter impessoal e apenas destrincham o boletim de ocorrência. O material, no entanto, resume apenas as informações recebidas, sem fazer mediação para o leitor. Pensando novamente na estrutura de Van Dijk (1992), o texto informativo, que deixa subentendido aprofundar o conhecimento do leitor sobre o assunto, mostra-se raso nessa função. Isso porque o relato noticioso apresentado se resume nos eventos.

Apesar de, jornalisticamente, o texto não possuir quaisquer problemas, socialmente também não acrescenta verdadeiramente, na discussão em relação ao combate da violência. Isso porque a maior parte dos textos encontrados, na subcategoria Informativa de MAPA DA VIOLÊNCIA, traz notícias e notas, o que limita a profundidade do assunto abordado.

7.5. MAPA DA VIOLÊNCIA

Combate à violência de gênero

GaúchaZH

21 de março de 2018

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/noticia/2018/03/torneio-de-tenis-em-madri-anuncia-competicao-mista-contr-a-violencia-de-genero-cjf0i73dn04x501p4t70r6ftf.html>

Figura 6 - Torneio de Tênis em Madri anuncia competição mista contra a violência de gênero

CAPA GZH GAUÇHAZH ESPORTES

CAUSA NOBRE

Torneio de tênis em Madri anuncia competição mista contra a violência de gênero

Pelo quarto ano consecutivo, Madri lutará contra a violência de gênero

31/03/2018 - 08:00min

A organização do Masters e WTA Premier de Madri, na Espanha, anunciou a criação do Mutua Charity Manolo Santana, um torneio que promoverá equipes mistas com renda destinada a trabalhos sociais contra a violência de gênero na Espanha.

O torneio contará com duas equipes com quatro tenistas cada (dois homens e duas mulheres), que batalharão na prévia ao início da disputa das chaves do Masters e WTA Premier madrileno e tem a participação da número 1 do mundo Simona Halep e do espanhol Feliciano López, 32º da ATP confirmados na disputa.

Feli, que é diretor de relações e divulgações do torneio de Madri, é dos jogadores da ATP que sempre encampam as campanhas contra violência de gênero realizada há três anos, a cada edição da competição, com apoio do principal patrocinador dos torneios.

A Mutua Charity Manolo Santana terá transmissão da TV espanhola e prêmio para a equipe campeã de 50 mil euros. Os labores obtidos com a venda de ingressos e patrocínios serão destinados a trabalhos sociais voltados para a prevenção da violência de gênero e apoio à vítimas.

— Não perderia isso por nada no mundo. Jogar o torneio será muito especial. Lutarei muito para que minha equipe ganhe a primeira edição — revelou Feliciano López na divulgação do torneio.

MAIS LII

Risco de extinção d carseira de cobrado desafia trabalhador planejar o futuro

A melhor notícia do no empate sem gols

Horóscopo do mês: a previsão de cada 1 para abril de 2019

Quando Bolsonaro consumora a ditadura contra si mesmo

Mulher morre após esfaqueada na frente dois filhos em Catic Barbosa

RECOME

Quadro 5 - Torneio de Tênis em Madri anuncia competição mista contra a violência de gênero

Título	Torneio de Tênis em Madri anuncia competição mista contra a violência de gênero
Linha de Apoio/Olho	Pelo quarto ano consecutivo, Madri lutará contra a violência de gênero
Lide	A organização do Masters e WTA Premier de Madri, na Espanha, anunciou a criação do Mutua Charity Manolo Santana, um torneio que promoverá equipes mistas com renda destinada a trabalhos sociais contra a violência de gênero na Espanha.
Descrição da Foto	não se aplica
Legenda da Foto	não se aplica
Editoria	Esportes
Assinatura/Jornalista	não se aplica
Citações	— Não perderia isso por nada no mundo. Jogar o torneio será muito especial. Lutarei muito para que minha equipe ganhe a primeira edição — revelou Feliciano López na divulgação do torneio. (parágrafo 5)
Destaques da Notícia	O torneio contará com duas equipes com quatro tenistas cada (dois homens e duas mulheres), que batalharão na prévia ao início da disputa das chaves do Masters e WTA Premier

	<p>madrileno e tem a participação da número 1 do mundo Simona Halep e do espanhol Feliciano López, 32º da ATP confirmados na disputa. (parágrafo 2)</p>
--	---

Ainda dentro de MAPA DA VIOLÊNCIA é possível encontrar a subcategoria **combate à violência de gênero**. As matérias nesse segmento apresentam propostas (governamentais, individuais, coletivas e/ou isoladas), que buscam o cessamento das problemáticas apresentadas nas outras duas subcategorias apresentadas dentro desse segmento.

A matéria Torneio de Tênis em Madri anuncia competição mista contra a violência de gênero foi escolhida por dois motivos específicos: ser uma ação que não envolve diretamente o governo com a mudança de leis; e estar localizada na editoria de esportes (uma das que menos apresenta igualdade, se comparado ao número de notícias sobre esportistas homens).

Os critérios e valores-notícia de Traquina (2005), para a realização da matéria podem ser motivados principalmente pelos aspectos de notoriedade e personalização. Em relação ao seu lide, não responde perguntas básicas que pudessem destacar outros valores-notícias de factualidade e proximidade.

Quem: A organização dos Masters e WTA Premier de Madri

O que: Mutua Charity Manolo Santana

Como: - (apresentado no parágrafo seguinte)

Quando: - (sem informação apresentada no texto)

Onde: Madrid, Espanha

Por quê: combate à violência de gênero no país

A matéria pode ainda ser dividida em duas partes: o evento principal, destrinchado nos parágrafos 1, 2 e 4, e consequências, com a breve apresentação da fonte no parágrafo 3 e seu fechamento (citação) no parágrafo 5. Na apresentação do evento principal há a descrição do evento, sua realização, objetivos, premiação, consequências do torneio e apresentação de duas personalidades: a “ número 1 do mundo Simona Halep e do espanhol Feliciano López, 32º da ATP confirmados na disputa”.

Na segunda parte, ou consequências, somos apresentados a Feliciano, que dentro do torneio representa o “rosto” do maior patrocinador e é o garoto-propaganda do evento destinado ao combate da violência de gênero. Para reforçar seu posicionamento representativo, Feli - como é apresentado - promove o fechamento da matéria “Não perderia isso por nada no mundo. Jogar o torneio será muito especial. Lutarei muito para que minha equipe ganhe a primeira edição”.

A maior incongruência da matéria está na apresentação da sua principal fonte e no que ela representa no contexto apresentado. Não discutirei a decisão do torneio em colocar o nome e o principal representante como homens, mesmo sendo um evento que busca dar visibilidade às mulheres. De qualquer forma, é papel do jornalista decidir quais agentes farão parte de sua notícia, bem como a construção e representação que estes terão no texto (HALLIDAY, 1978; 1985; FAIRCLOUGH, 1995). Ao escolher o protagonista homem, entre os dois apresentados no texto, a notícia acaba trazendo uma sensação de contradição com o que está sendo apresentado, visto que é uma matéria para falar sobre a violência de gênero, mas ainda são homens que respondem pelas mulheres.

Uma das justificativas para a escolha é o critério de disponibilidade (TRAQUINA, 2005), considerando que a jogadora Simona Halep já é apresentada como número 1 do mundo, no ranking que promove o evento. Outra causa pode ser o recebimento do material pronto por meio de uma assessoria de imprensa, e a utilização na íntegra ou com adaptações pelo veículo de comunicação.

Ainda assim, é na citação que o jornalista ganha oportunidade de falar algo ou reforçar uma informação no texto. Neste caso especificamente, optou-se por um viés mais competitivo e comercial, ao invés de focar no objetivo do torneio em si: criar fundos para organizações de combate à violência. A frase, usada como fechamento da matéria, gera um breve estranhamento, pois não se relaciona necessariamente ao parágrafo que antecede, e também não aprofunda as informações sobre os objetivos do evento.

7.6. EM DESTAQUE

GaúchaZH

31 de agosto de 2017

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/gente/noticia/2017/08/ex-bbb-fani-pacheco-e-aprovada-em-vestibular-de-medicina-9884501.html>


Figura 7 - Ex-BBB Fani Pacheco é aprovada em vestibular de medicina

UHL, NOVA IGUAÇU

Ex-BBB Fani Pacheco é aprovada em vestibular de medicina

Inspirada pela situação que passou sua mãe, sister pretende se especializar em psiquiatria

31/08/2017 - 11h26min
Atualizada em 31/08/2017 - 11h46min



MAIS LID

Risco de extinção de cazeira de cobrador deafaia trabalhadore planejar o futuro

A melhor notícia do no empate sem gols

Horóscopo do mês: c a previsão de cada si para abril de 2019

Quando Bolsonaro comemora a ditadura contra si mesmo

Mulher morre após i esfaqueada na frenh dois filhos em Caio: Barbosa

RECOME

Seduzido pelas carin orquideas de Cingap

Projeto de equoterapi transforma vidas em

A ex-BBB Fani Pacheco foi aprovada no vestibular de medicina da Faculdade Estácio de Sá, em Angra dos Reis (RJ). A site participou do *Big Brother Brasil* em duas edições, 2007 e 2013.

Fani, que é formada em direito, já está matriculada. Suas aulas começam na próxima segunda-feira (4).

Leia mais

VIDEO: [Emilly Araújo, vencedora do BBB, entrega seus planos para o futuro](#)

[Ex-BBB Fani engorda 15 kg em nove meses e brinca: "Posso ser modelo plus size"](#)

"Ela está muito feliz. É a realização de sonho para ela, que sempre quis fazer medicina e se especializar em psiquiatria", informou a assessoria de imprensa de Fani.

A ex-BBB fluminense pretende cursar medicina para tratar de pacientes com distúrbios psicológicos, como era o caso da mãe – que sofria de esquizofrenia e morreu aos 59 anos, em 2014.

Quadro 6 - Ex-BBB Fani Pacheco é aprovada em vestibular de medicina

Título	Ex-BBB Fani Pacheco é aprovada em vestibular de medicina
Linha de Apoio/Olho	Inspirada pela situação que passou sua mãe, sister pretende se especializar em psiquiatria
Lide	A ex-BBB Fani Pacheco foi aprovada no vestibular de medicina da Faculdade Estácio de Sá, em Angra dos Reis (RJ). A site participou do <i>Big Brother Brasil</i> em duas edições, 2007 e 2013.
Descrição da Foto	Fani encontra-se à direita da foto, olhando para o lado, apoiada em pedras próximas ao mar. Ela veste biquini e está com os cabelos molhados
Legenda da Foto	não se aplica
Editoria	Gente
Assinatura/Jornalista	não se aplica
Citações	"Ela está muito feliz. É a realização de sonho para ela, que sempre quis fazer medicina e se especializar em psiquiatria", informou a assessoria de imprensa de Fani. (parágrafo 3)
Destaques da Notícia	não se aplica

O texto jornalístico utiliza de muitos artifícios para convencimento e replicação de uma informação. É a soma das fontes de informação, palavras e imagens que compõem o entendimento de um acontecimento e ajudam a moldar a interpretação do leitor acerca de um tema em específico. A matéria *Ex-BBB Fani Pacheco é aprovada em vestibular de medicina* traz alguns pontos de observação que representam bem a ambiguidade de um texto e a significação do mesmo.

Nesta matéria, será feita uma análise com base no texto, na apresentação da personagem e identificação de valores-notícia e na imagem ilustrativa.

A começar pela identificação dos valores-notícia, podemos afirmar que a motivação do material é baseada em dois aspectos principais: a fama da personagem principal (personalização e notoriedade) e o fator inesperado. A matéria faz parte da editoria “gente”, que costumeiramente explora notícias relacionadas à fofoca, atores, filmes e novelas, celebridades e curiosidades do meio artístico e cultural.

A análise das motivações jornalísticas, neste caso, é importante, porque, desde esse ponto, já podem representar o tom que a matéria vai tomar. Mesmo considerando o fator notoriedade, definido por Traquina (2005) como a importância ou fama do personagem principal do conteúdo jornalístico, o principal valor-notícia aplicado, neste caso, é o inesperado. Essa conclusão pode ser observada, diretamente no título, com a descrição da personagem principal como “ex-bbb” - é importante ressaltar que, apesar de esse ser o ponto-chave pelo qual o público reconhece a personagem, o conteúdo não condiz com os outros perfis correspondentes na editoria, pois não relaciona a uma situação em que ela atua no momento. Em situações semelhantes em outras matérias nessa mesma editoria, o gancho principal também é o inesperado. Quando associado este valor-notícia com o título em si, é possível perceber uma comunicação que reforça, de certa forma, estereótipos - os “ex-bbb’s” popularmente recebem um rótulo de futilidade e ignorância, apenas pela decisão de participar de programa reality show.

Em se tratando do texto, a principal motivação é o reforço de que Fani é ex-bbb. Dois dos quatro parágrafos citam algum termo relacionado ao problema, usado nesse caso como sinônimo ao nome de Fani, além dessas expressões também aparecerem em destaque no título e linha de apoio. Em termos gerais, a notícia busca apenas ser uma nota, não aprofundando, em linhas gerais, as informações apresentadas. A informação mais relevante aparece no último parágrafo, que apresenta a motivação da jovem pela profissão.

O que mais chama atenção, no contexto geral da notícia, é a fotografia escolhida para ilustrar a notícia. Para Baeza (2001) a imagem fotojornalística é aquela produzida ou adquirida pela imprensa com conteúdos próprios, diretamente relacionada aos valores da informação apresentada, e possuindo relevância social, política, econômica. Da mesma forma, uma das áreas que estuda a fotografia é a semiótica, pois por meio dela é possível é

possível analisar as representações que as imagens geram para as pessoas, conforme o ecossistema no qual o indivíduo está inserido (SANTAELLA, 1983).

Inicialmente, a fotografia utilizada não pode ser aplicada ao conceito de fotojornalismo. Apesar de trazer a personagem principal, não existe uma informação sequer na imagem que possa ser relacionada ao evento principal noticiado. Já pelo lado da semiótica, o ponto que se sobressai é o fato da personagem principal trajar apenas roupas de banho. A roupa utilizada, neste contexto, promove dois significados: uma exposição desnecessária do corpo da mulher em um assunto que não se relaciona a isso; e coloca em evidência o biotipo da personagem, que depois de anos como exemplo de corpo magro na mídia, reaparece na imprensa gorda e chamando atenção para essa mudança.

7.7. EM DESTAQUE

Revista Veja

18 de abril de 2016

<https://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>

Figura 8 - Marcela Temer: bela, recatada e “do lar”

Marcela Temer: bela, recatada e “do lar”

A quase primeira-dama, 43 anos mais jovem que o marido, aparece pouco, gosta de vestidos na altura dos joelhos e sonha em ter mais um filho com o vice

Por **Juliana Linhares**
© 18 abr 2016, 19h14



Marcela, mulher do vice, Michel Temer: jantares românticos e apelidos carinhosos (Bruno Poletti/Folhapress)

Marcela Temer é uma mulher de sorte. Michel Temer, seu marido há treze anos, continua a lhe dar provas de que a paixão não arrefeceu com o tempo nem com a convulsão política que vive o país – e em cujo epicentro ele mesmo se encontra. Há cerca de oito meses, por exemplo, o vice-presidente, de 75 anos, levou Marcela, de 32, para jantar na sala especial do sofisticado, caro e badalado

restaurante Antiquarius, em São Paulo. Blindada nas paredes, no teto e no chão para ser à prova de som e garantir os segredos dos muitos políticos que costumam reunir-se no local, a sala tem capacidade para acomodar trinta pessoas, mas foi esvaziada para receber apenas "Mar" e "Mi", como são chamados em família. Lá, protegido por quatro seguranças (um na cozinha, um no toalete, um na entrada da sala e outro no salão principal do restaurante), o casal desfrutou algumas horas de jantar romântico sob um céu estrelado, graças ao teto retrátil do ambiente. Marcela se casou com Temer quando tinha 20 anos. O vice, então com 62, estava no quinto mandato como deputado federal e foi seu primeiro namorado.

Michelzinho, de 7 anos, cabelo tigelinha e uma bela janelinha no lugar que abrigará seus incisivos centrais, é o único filho do casal (Temer tem outros quatro de relacionamentos anteriores). No fim do ano passado, Marcela pensou que esperava o segundo filho, mas foi um alarme falso. "No final, eles acharam que não teria sido mesmo um bom momento para ela engravidar, dada a confusão no país", conta tia Nina, irmã da mãe de Marcela. Ela se refez do sobressalto, mas não se resignou – ainda quer ter uma menininha. No Carnaval, Marcela planejou uns dias de sol e praia só com o marido e o filho e foi para a Riviera de São Lourenço, no Litoral Norte de São Paulo. Temer iria depois, mas, nos dias seguintes, o plano foi a pique: o vice ligou, dizendo que estava receoso de expor a família, devido aos ânimos acirrados no país. Pegou Marcela, Michelzinho, e todo mundo voltou para casa.

Bacharel em direito sem nunca ter exercido a profissão, Marcela comporta em seu *curriculum vitae* um curto período de trabalho como recepcionista e dois concursos de miss no interior de São Paulo (representando Campinas e Paulínia, esta sua cidade natal). Em ambos, ficou em segundo lugar. Marcela é uma vice-primeira-dama do lar. Seus dias consistem em levar e trazer Michelzinho da escola, cuidar da casa, em São Paulo, e um pouco dela mesma também (nas últimas três semanas, foi duas vezes à dermatologista tratar da pele).

Por algum tempo, frequentou o salão de beleza do cabeleireiro Marco Antonio de Biaggi, famoso pela clientela estrelada. Pedia luzes bem fininhas e era "educadíssima", lembra o cabeleireiro. "Assim como faz a Athina Onassis quando vem ao meu salão, ela deixava os seguranças do lado de fora", informa Biaggi. Na opinião do cabeleireiro, Marcela "tem tudo para se tornar a nossa Grace Kelly". Para isso, falta só "deixar o cabelo preso". Em todos esses anos de atuação política do marido, ela apareceu em público pouquíssimas vezes. "Marcela sempre chamou atenção pela beleza, mas sempre foi recatada", diz sua irmã mais nova, Fernanda Tedeschi. "Ela gosta de vestidos até os joelhos e cores claras", conta a estilista Martha Medeiros.

Marcela é o braço digital do vice. Está constantemente de olho nas redes sociais e mantém o marido informado sobre a temperatura ambiente. Um fica longe do outro a maior parte da semana, uma vez que Temer mora de segunda a quinta-feira no Palácio do Jaburu, em Brasília, e Marcela permanece em São Paulo, quase sempre na companhia da mãe. Sacudida, loiríssima e de olhos azuis, Norma Tedeschi acompanhou a filha adolescente em seu primeiro encontro com Temer. Amigos do vice contam que, ao fim de um dia extenuante de trabalho, é comum vê-lo tomar um vinho, fumar um charuto e "mergulhar num outro mundo" – o que ocorre, por exemplo, quando telefona para Marcela ou assiste a vídeos de Michelzinho, que ela manda pelo celular. Três anos atrás, Temer lançou o livro de poemas intitulado *Anônima Intimidade*. Um deles, na página 135, diz: "De vermelho / Flamejante / Labaredas de fogo / Olhos brilhantes / Que sorriem / Com lábios rubros / Incêndios / Tomam conta de mim / Minha mente / Minha alma / Tudo meu / Em brasas / Meu corpo / Incendiado / Consumido / Dissolvido / Finalmente / Restam cinzas / Que espalho na cama / Para dormir".

Michel Temer é um homem de sorte.

Quadro 7 - Marcela Temer: bela, recatada e "do lar"

Título	Marcela Temer: bela, recatada e "do lar"
Linha de Apoio/Olho	A quase primeira-dama, 43 anos mais jovem que o marido, aparece pouco, gosta de vestidos na altura dos joelhos e sonha em ter mais um filho com o vice
Lide	Não existe um lide definido. O primeiro parágrafo traz: Marcela Temer é uma mulher de sorte. Michel Temer, seu marido há treze anos, continua a lhe dar provas de que a paixão não arrefeceu

	<p>com o tempo nem com a convulsão política que vive o país – e em cujo epicentro ele mesmo se encontra. Há cerca de oito meses, por exemplo, o vice-presidente, de 75 anos, levou Marcela, de 32, para jantar na sala especial do sofisticado, caro e badalado restaurante Antiquarius, em São Paulo. Blindada nas paredes, no teto e no chão para ser à prova de som e garantir os segredos dos muitos políticos que costumam reunir-se no local, a sala tem capacidade para acomodar trinta pessoas, mas foi esvaziada para receber apenas “Mar” e “Mi”, como são chamados em família. Lá, protegido por quatro seguranças (um na cozinha, um no toalete, um na entrada da sala e outro no salão principal do restaurante), o casal desfrutou algumas horas de jantar romântico sob um céu estrelado, graças ao teto retrátil do ambiente. Marcela se casou com Temer quando tinha 20 anos. O vice, então com 62, estava no quinto mandato como deputado federal e foi seu primeiro namorado.</p>
Descrição da Foto	<p>Marcela aparece sorrindo no centro da imagem, vestindo uma blusa bordada de flores e traz uma echarpe preta sobre os ombros. Ao fundo e desfocado, luzes de um ambiente fechado</p>
Legenda da Foto	<p>Marcela, mulher do vice, Michel Temer: jantares românticos e apelidos carinhosos</p>
Editoria	<p>Brasil</p>
Assinatura/Jornalista	<p>Juliana Linhares</p>
Citações	<p>“No final, eles acharam que não teria sido mesmo um bom momento para ela engravidar, dada a confusão no país”, conta tia Nina, irmã da mãe de Marcela. (parágrafo 2)</p>
Destaques da Notícia	<p>Marcela Temer é uma mulher de sorte. (parágrafo 1)</p> <p>Marcela se casou com Temer quando tinha 20 anos. O vice, então com 62, estava no quinto mandato como deputado federal e foi seu primeiro namorado. (parágrafo 1)</p> <p>Bacharel em direito sem nunca ter exercido a profissão, Marcela comporta em seu <i>curriculum vitae</i> um curto período de trabalho como recepcionista e dois concursos de miss no interior de São Paulo (representando Campinas e Paulínia, esta sua cidade natal). Em ambos, ficou em segundo lugar. Marcela é uma vice-primeira-dama do lar. (parágrafo 3)</p>

Bela, Recatada e do Lar tornou-se um marco no jornalismo brasileiro - não necessariamente no bom sentido. A matéria, em formato de perfil, ganhou repercussão após sua publicação, em abril de 2016, primeiramente por estar representando uma instabilidade política - pós impeachment da presidenta Dilma Rousseff, e também pela indignação gerada nas redes sociais com a representação à figura principal.

O texto é dividido em título, linha de apoio, e cinco parágrafos que caracterizam, respectivamente, a relação de Marcela Temer com o marido Michel Temer, a relação da agente com a maternidade, sua vida profissional, sua relação com a beleza e, novamente, sua relação com o marido.

O material não segue o formato jornalístico tradicional, com lide e informações baseadas na pirâmide invertida. Independentemente de utilizar o formato usual ou não, a linguagem é responsável pela constituição dos sujeitos e pela produção de sentidos (ORLANDI, 1994). No caso de uma produção como *Bela, Recatada e do Lar*, que pode ser definida como jornalismo opinativo (MELO, 1985), a intencionalidade compõe ainda mais a construção de sentido do texto.

O título, *Marcela Temer: Bela, Recatada e “do Lar”*, mostra, assim como destaca Hoek (1980), a marca do que está para ser visto no relato jornalístico a seguir. A junção das três expressões, usadas nesse caso como adjetivo, propõe uma construção de personalidade como se fizesse questão de parecer merecedora de destaque. O fato dos adjetivos empregados serem usados como elogios indiretamente sugerem que mulheres belas (qual o conceito de beleza empregado nesta situação?), recatadas e que preferem cuidar dos afazeres domésticos são qualificadas para o cargo no qual Marcela passa a integrar - primeira-dama. A opção por essa analogia sugere o que Charaudeau (2008) considera como uma construção subjetiva do mundo, visto que o perfil inteiro de Marcela Temer é baseado em descrições e características que foram consideradas relevantes para a jornalista que produziu o texto.

A partir da linha de apoio, é possível perceber um movimento que será repetido ao longo da narrativa: o processo descritivo da personagem principal. “Quase primeira-dama”, “43 anos mais jovem”, “gosta de vestidos na altura do joelho” criam uma relação sobre a identidade de Marcela, visto que não são apresentados dados e ações relevantes sobre a vida da personagem para a geração do perfil.

A sequência do texto segue o mesmo formato descritivo apresentado na linha de apoio. Sempre partindo em um “gancho” terceiro, como o marido, o salão de beleza, a tia e o filho, são criadas diversas situações que tentam convencer o leitor de que Marcela possui um perfil adequado para o posto - seja por representar um padrão já institucionalizado de mulher perfeita na sociedade, ou por acreditar em seu poder de convencimento para tal cargo. O texto utiliza aspectos de linguagem voltados à incitação e persuasão (CHARAUDEAU, 2006), que buscam fazer o leitor crer na veracidade dos fatos contados, bem como tomar partido em relação ao contexto aplicado - neste caso, o apoio e a humanização do perfil do marido, ex-presidente Michel Temer, para melhor aceitação da mudança política que viria a ocorrer.

Além disso, na situação encontra-se um reforço do estereótipo feminino, restabelecendo “a criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres” (SCOTT, 1995, p.75), característica do gênero que o movimento feminista busca desconstruir diariamente.

Outro ponto apresentado é a utilização do mesmo tipo de expressão no início e final do texto. “Marcela Temer é uma mulher de sorte” e “Michel Temer é um homem de sorte” possuem significados diferentes em suas devidas aplicações. Quando se fala que Marcela é uma mulher de sorte, faz-se referência ao “romantismo” de Michel Temer pela forma como a trata, mesmo com 46 anos de diferença nas idades. Já na afirmação final, onde Michel torna-se um homem de sorte, subentende-se, pelo contexto, que a “perfeição” de Marcela (como bela, recatada e do lar), apresentada ao longo do relato, faz com que ele tenha a mulher certa para estar ao seu lado em um momento político conturbado.

7.8. MULHER E INFORMAÇÃO

Zero Hora

25 de novembro de 2018

Figura 9 - Bem-estar em primeiro lugar

Pequenas empresas ZERO HORA | GUIA DAS MELHORES EMPRESAS PARA TRABALHAR
SÉTIMA-FEIRA
25 DE NOVEMBRO DE 2018

BEM-ESTAR EM PRIMEIRO LUGAR

Com atenção aos **colaboradores**, atuação da DOC9 no ramo jurídico é marcada pela **integração** dentro do escritório e pelo ambiente de trabalho **descontraído**, que favorece o diálogo entre os colegas



RANKING

- 1º DOC9
- 2º Redeplast
- 3º System
- 4º Adtail
- 5º Conect

Ao pensar em uma empresa especializada em serviços jurídicos, logo vem à cabeça a imagem de um escritório sério e formal. A DOC9, no entanto, chegou ao mercado há nove anos para quebrar essa visão tradicional.

A inovação da DOC9, a colaboração interna entre as equipes e as oportunidades de crescimento a levaram ao topo da pesquisa do GPTW entre as melhores pequenas empresas para se trabalhar no Rio Grande do Sul em 2018.

Com sede em Porto Alegre, a empresa presta serviços para escritórios de advocacia, setores jurídicos empresariais e advogados autônomos com foco em qualidade, facilidade e segurança. Internamente, o clima é de motivação num ambiente de trabalho descontraído.

— Aqui, cada um fica à vontade para ser ele mesmo — aponta Amanda Cornet dos Santos, superintendente de Pessoas. Cuidar da satisfação dos colaboradores é uma preocupação que está enraizada na DOC9 desde a sua fundação. Por isso, a empresa buscou desenvolver programas para que os funcionários se sentissem bem no ambiente de trabalho e pudessem criar laços com seus colegas. Também há espaço para que os colaboradores façam suas sugestões, em pesquisas

de satisfação semestrais.

Para alcançar seus objetivos de resultado e qualidade, a empresa aposta no comprometimento e na colaboração. confraternizações, campanhas integradas e ações sociais são algumas das formas de incentivar a cooperação.

— Se um colega de outro setor me ajuda em um projeto, posso enviar carta de agradecimento a ele, que será lida para toda a empresa — explica José Eduardo Lima de Oliveira, estagiário de marketing.

O escritório aberto, sem salas ou mesas individuais, também favorece a integração. É um convite às pessoas a dialogar umas com as outras e a sair da sua zona de conforto.

TRABALHO EM EQUIPE

A construção do ambiente de trabalho agradável começa já no recrutamento para novas vagas. A análise de perfis favorece a seleção de pessoas que se adaptam ao ambiente descontraído e que se reconhecem com os valores da empresa. Outro aspecto importante é a retenção dos profissionais. Para isso, há um programa de carreira baseado em desempenho e resultados.

— Nossas vagas geralmente são iniciais e estimulamos

que as pessoas cresçam dentro da DOC9. Procuramos fechar as vagas táticas e estratégicas com recrutamentos internos — aponta Amanda.

O colaborador é avaliado periodicamente pelos superiores, pelos colegas e, também, analisa suas próprias ações: é a avaliação de competências periódica, em que o funcionário fica ciente das habilidades que precisa desenvolver para prosseguir na carreira dentro da organização.

— Acredito que uma empresa com valores e propósitos claros é o caminho. As pessoas precisam saber o que se espera delas e perceber que são reconhecidas por isso — afirma Lígia Amorim Pinheiro, gerente de Gestão de Pessoas.

ALGUNS PROGRAMAS DA DOC9

DOC PONTOS

Programa de métricas para os colaboradores da empresa com base em performance, inovações, indicações de colegas ou outras competências. Os pontos acumulados podem ser trocados por prêmios diversos.

ENCONTRO DE CARRERAS

Profissionais que buscam outra posição ou troca de área podem participar de um encontro para discutir os planos de carreira.

80% dos colaboradores apontam o relacionamento como aspecto positivo na pesquisa de satisfação interna

Ambiente open office favorece a integração entre as pessoas



Quadro 8 - Bem-estar em primeiro lugar

Título	Bem-estar em primeiro lugar
Linha de Apoio/Olho	com atenção aos colaboradores, atuação da DOC9 no ramo jurídico é marcada pela integração dentro do escritório e pelo ambiente de trabalho descontraído, que favorece o diálogo entre os colegas
Lide	Ao pensar em uma empresa especializada em serviços jurídicos, logo vem a cabeça a imagem e um escritório sério e formal. A DOC9, no entanto, chegou ao mercado há nove anos para quebrar essa visão tradicional.
Descrição da Foto	Três mulheres, duas brancas e uma negra, estão em uma mesa, sorrindo e olhando para papéis que estão sobre a superfície. Elas vestem casacos sociais de estilos diferentes. Ao fundo, uma cortina do lado esquerdo e a identificação da empresa na parede do lado direito.
Legenda da Foto	ambiente open office favorece a integração entre as pessoas
Editoria	Pequenas Empresas
Assinatura/Jornalista	não se aplica
Citações	<p>— Aqui, cada um fica à vontade para ser ele mesmo — aponta Amanda Cornetet dos Santos, superintendente de Pessoas.</p> <p>— Se um colega de outro setor me ajuda em um projeto, posso enviar carta de agradecimento a ele, que será lida para toda a empresa — explica José Eduardo Lima de Oliveira, estagiário de marketing.</p> <p>— Nossas vagas geralmente são iniciais e estimulamos que as pessoas cresçam dentro da DOC9. Procuramos fechar as vagas táticas e estratégicas com recrutamentos internos — aponta Amanda.</p> <p>— Acredito que uma empresa com valores e propósitos claros é o caminho. As pessoas precisam saber o que se espera delas e perceber que são reconhecidas por isso — afirma Lísia Amorim Pinheiro, gerente de Gestão de Pessoas.</p>
Destaques da Notícia	A construção do ambiente de trabalho agradável começa já no recrutamento para novas vagas. A análise de perfis favorece a seleção de pessoas que se adaptam ao ambiente descontraído e que se reconhecem com os valores da empresa. Outro aspecto importante é a retenção de profissionais. Para isso, há um programa de carreira baseado em desempenho e resultados.

MULHER E INFORMAÇÃO é a quarta categoria a ser apresentada nesta análise. Esse segmento, representado por três matérias, visa analisar os locais de fala das mulheres nas pautas rotineiras. A análise busca distinguir em quais situações mulheres são fonte de

informação, em quais posições elas se encontram e como são representadas dentro da narrativa jornalística.

O primeiro exemplo traz a matéria *Bem-Estar em Primeiro Lugar*, publicado no Guia de Melhores Empresas para Trabalhar da Zero Hora. O evento principal da matéria é a primeira colocação do ranking de melhores empresas obtida pela empresa DOC9. A reportagem foi escolhida por trazer mulheres em primeiro plano, nas fotografias que ilustram o texto e por trazer mulheres em três das quatro fontes de informação.

A construção do texto, por meio das citações, cria tanto a imagem dos personagens quanto o tom do texto (HALLIDAY, 1978; 1985; FAIRCLOUGH, 1995). Considerando que a matéria acima traz mulheres empreendedoras, falando sobre boas oportunidades de trabalho e considerando a afirmação “A construção do ambiente de trabalho agradável começa já no recrutamento para novas vagas. A análise de perfis favorece a seleção de pessoas que se adaptam ao ambiente descontraído e que se reconhecem com os valores da empresa”, o leitor cria uma familiaridade com o assunto, passa a ver mulheres também como boas líderes e observa, principalmente na imagem, que a equipe na qual o jornalista elogia é formada, majoritariamente, por mulheres.

7.9. MULHER E INFORMAÇÃO Zero Hora 25 e 26 de agosto de 2018

Figura 10 - formação sem escola 1

4 ZERO HORA | SEMEIO VIVA
SABADO E DOMINGO
25 E 26 DE AGOSTO DE 2018

EM FAMÍLIA

FORMAÇÃO SEM ESCOLA

O DIREITO DE PAIS DISPENSAREM AS INSTITUIÇÕES DE ENSINO E EDUCAREM OS FILHOS EM CASA SERÁ JULGADO PELO STF NA QUINTA-FEIRA. SAIBA COMO A PRÁTICA FUNCIONA E O QUE DIZEM OS ESPECIALISTAS

Guilherme Justino
gjustino@zero.com.br

A possibilidade de os pais decidirem educar seus filhos em casa é uma prática que vem ganhando espaço em todo o mundo. No Brasil, não há regulamentação que autorize ou impeça a educação domiciliar. A Constituição de 1988 garante que a educação é direito de todos e dever do Estado e da família, ser promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. Porém, ainda, que deve ser garantida a educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezoito) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria. Para o Ministério da Educação (MEC) e antes que, no passado, alguns decretos contrariar à prática, deixar de matricular crianças na escola fora o Estatuto da Criança e do Adolescente, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e a própria Constituição. Para quem defende a homeschooling, como sua alternativa é conhecida internacionalmente, não há por que impedir o estudo em casa – mais, inclusive, sugerem que os alunos sejam matriculados às mesmas escolas aplicadas nas escolas.

– O ensino domiciliar não é algo generalizado e, em sua maioria, pais que têm condições de prover-lhe, que vão dedicar um tempo da vida deles a esse tipo de educação, utilizando livros didáticos, vídeos para as mesmas coisas – explica o advogado João César Trevis Santos, assessor em Direito, autor da ação que será julgada no STF.

O QUE SERÁ DECIDIDO

O que caberá aos ministros decidir é a constitucionalidade da educação domiciliar: se isso pode ser feito no país ou não. No julgamento, não será definido, por exemplo, o método a ser aplicado, desde que possam ser estabelecidas condições mínimas para a prática. A tarefa de criar uma legislação a respeito caberá ao Congresso, em caso de autorização do STF. Caso contrário, os pais que hoje educam em casa podem, inclusive, responder criminalmente por isso.

Processos que entram tramitando em todos os tribunais judiciais sobre o tema estão parados desde dezembro de 2016, quando o ministro do Supremo Luis Roberto Barroso acatou um recurso extraordinário e determinou que as decisões relacionadas à educação domiciliar fossem suspensas até que o Corte desse um parecer final a respeito – o que deve acontecer nesta semana.

COMO FUNCIONA O HOMESCHOOLING

No homeschooling, os pais não frequentam escolas formais, mas o aprendizado se dá em casa, sob orientação e supervisão dos pais ou de professores particulares, geralmente a partir de um currículo preestabelecido e semelhante ao adotado nas escolas, além de cronogramas específicos. Não há professores, colegas e não se tem aulas, por exemplo – chamada em inglês, não as próprias famílias se responsabilizam por definir em que ritmo e com quais conteúdos será feita a formação do estudante.

Isso não quer dizer que não haja cobrança. A forma de acompanhar as descobertas e corrigir nos conteúdos é diferente, feita em ambiente familiar.

– Os pais que escolhem ensinar seus filhos em casa geralmente veem a escola como um fator externo, ruim mesmo, para a formação da criança, entendendo que uma série específica, como individualidade em sala de aula e bullying, atrapalha a aprendizagem – define Edson Prado de Andrade, advogado e fundador da Associação Brasileira de Defesa e Promoção da Educação Familiar (ABDEFPE).

Quando um Estado ou município identifica que um aluno deixou de estar matriculado em uma escola, costuma acionar o Conselho Tutelar ou comunicar o caso ao Ministério Público (MP).

A promotoria de Justiça Luciana Casarotti explica que, para o MP, nos casos de homeschooling há infração dos direitos do Estado e da família, uma vez que a frequência à escola é obrigatória a toda e qualquer criança, exceto em casos específicos de educação especial.

Independente de sua postura familiar, ainda que contra os pais, o direito de criação do adolescente em frequentar uma escola regular é tutelado pelo Ministério Público. Fez o encargo da família toda a educação de seus filhos poderia fazer com que fossem retirados daquele círculo, sem a intervenção

social com a sociedade, em toda sua diversidade, e fundamental para seu pleno desenvolvimento – afirma Luciana.

– A frequência obrigatória à escola, é bom lembrar, não se trata apenas de uma questão meramente pedagógica, mas sim de socialização de inclusão social – completa a promotora de Justiça Regional da Educação.

Cada caso não é uma prática regulamentada no Brasil, sendo os problemas da educação domiciliar está em encontrar que o estudante leve uma formação adequada. A alternativa para os alunos, desde o ano passado, quando o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) deixou de poder gerar esse diploma, tem sido buscar o certificado de Conclusão do Ensino Médio por meio do Exame Nacional de Certificação de Competências de Levens 2. Alunos (Enfoc). Para isso, no entanto, o candidato precisa ter no mínimo 18 anos completos na data da prova.

“A FREQUÊNCIA OBRIGATORIA À ESCOLA NÃO SE TRATA APENAS DE UMA QUESTÃO MERAMENTE PEDAGÓGICA, MAS SIM DE SOCIALIZAÇÃO, DE INCLUSÃO SOCIAL.”
LUCIANA CASAROTTI, PROMOTORA DE JUSTIÇA

“OS PAIS QUE ESCOLHEM ENSEJAR SEUS FILHOS EM CASA VEM A ESCOLA COMO UM FATOR ADVERSO PARA A FORMAÇÃO DA CRIANÇA, ENTENDENDO QUE UMA SÉRIE DE QUESTÕES ATROPAHAM A APRENDIZAGEM.”
EDSON PRADO DE ANDRADE, FUNDADOR DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DEFESA E PROMOÇÃO DA EDUCAÇÃO FAMILIAR



Figura 11 - Formação sem escola 2

ZERO HORA | CADERNO VIDA
SÁBADO 25 DE AGOSTO DE 2018



FORA DA SALA DE AULA, MAS COM DIPLOMA

Depois de completar todo o Ensino Fundamental e metade do Ensino Médio em escolas particulares de Porto Alegre, Diego Burger, aos 16 anos, decidiu de frequentar as aulas tradicionais. Identia em formação, participava de competições intermunicipais de tênis, e a família identificava que ele não conseguia conciliar esporte e colégio. Semouse se a isso uma imitação de Diego e da mãe, a advogada Adriana Burger, com o sistema de ensino brasileiro, e a alternativa encontrada foi a educação domiciliar.

— Da época público estão certos em cobrar que toda criança esteja na escola. Mas é preciso haver um diálogo porque às vezes, como no nosso caso, o *homeschooling* é uma opção dos pais e do próprio aluno — afirma Adriana, que já trabalhou como defensora pública.

Diego concluiu os estudos a distância e hoje, com 22 anos, estuda na Nanpa University, no Colorado (EUA) — instituição inspirada no budismo que é referência em mindfulness (atenção plena).

— Eu me sentia sufocado. Meu sonho era jogar tênis profissional e sabia que a escola não estava ajudando. Foi uma mudança muito rápida, que eu não estava esperando, então sabia que senti falta dos meus amigos, acabei ficando isolado. Mas era o que eu queria, amadureci e vi que fiz a escolha certa — reflete Diego.

Também educada em casa, uma jovem de Ceará deixou, no 6º ano do Ensino Fundamental, de frequentar a escola rural em que estava matriculada. Em 2012, quando tinha 11 anos, começou a ter aulas em casa, com os pais, que passaram a se reaver no compromisso de

passar os conteúdos para a filha. Na decisão, conforme os pais, pesou o fato de ela dividir a sala de aula com obrigações de outras idades e séries — mas chamadas classes multiseriadas —, o que não estava contribuindo para seu aprendizado.

— Não dá para dizer que é perfeito, porque há vários problemas que é preciso vencer, mas é um método interessante. O aluno não recebe nada mastigado, acaba aprendendo a pensar por conta própria, a ir atrás do que precisa saber — avalia o pai.

É o caso dessa jovem que será julgada no STF e vai encerrar a decisão para todos os outros processos sobre o tema no Brasil. Depois de completar 18 anos, o objetivo dela é fazer as provas necessárias para concluir o Ensino Médio e, com o certificado em mãos, tentar ingressar em alguma faculdade na área da saúde.

OS PRÓS E OS CONTRAS

Críticos afirmam que a educação domiciliar limita a socialização das crianças: sem frequentar um colégio, elas seriam privadas da diversidade, do contato com outras pessoas e ideias, de frustrações. Essa prática poderia representar, ainda, lacunas no aprendizado. Órgãos públicos concordam e afirmam que a escola desempenha um papel fundamental na vida de todos por dar aos estudantes experiências e valores diferentes daqueles apresentados pela família.

“A escola é indispensável para o pleno exercício da cidadania e, na medida em que os indivíduos são orientados para respeitar a diversidade com a qual inevitavelmente terão que conviver, contribui para a erradicação da discriminação e o respeito aos direitos humanos”, afirmou a Advogada Geral da União (AGU), representando o Ministério da Educação e o Conselho Nacional de Educação, além de procuradores de 19 Estados, em um parecer contra a constitucionalidade da educação domiciliar.

Para Luciane Muniz Barbosa, professora de educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), é preciso buscar uma regulamentação para a prática.

— É preciso que o Estado supervisione a educação que esses jovens estão tendo em casa — defende Luciane, que fez doutorado sobre o tema.

MAS SEGURANÇA E INTERESSE

Enthusiastas do *homeschooling* entendem que o modelo garante mais segurança, respeito e interesse por uma variedade maior de assuntos e de mais qualidade ao aprendizado.

Em tese de doutorado defendida na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP), o advogado Eliason Prado de Andrade partiu da hipótese de que a educação domiciliar era uma violação do direito da criança e do adolescente. No decorrer do trabalho, modos de identificação que o modelo seria um modo de garantir um bom ensino diante de condições adversas — seja qualidade do ensino, seja a prática de bullying.

— Não sou, por princípio, favorável à ideia de que a educação domiciliar simplesmente seja liberada. É uma alternativa para casos bem específicos. Mas, tempo no Brasil, escolas constituintes, na perspectiva de muitos pais, como lugares de fricção de violência não apenas física, mas simbólica. Então, é preciso levar esse método em consideração — afirma Andrade.

O advogado João César Torres Seno enumerou três razões pelas quais os pais optam por educar os filhos em casa: a primeira seria a identificação com a qualidade do ensino público; a segunda, problema principalmente em cidades do interior, são os classes multiseriadas — em que o professor trabalha, na mesma sala de aula, com várias séries do Ensino Fundamental simultaneamente —; a terceira razão seriam traumas com bullying, graves a ponto de a criança ou adolescente não querer mais frequentar a escola.

Quadro 9 – Formação sem escola

Título	Formação sem escola
Linha de Apoio/Olho	o direito dos pais dispensarem instituições de ensino e educarem os filhos em casa será julgado pelo STF na quinta-feira. Saiba como a prática funciona e o que dizem os especialistas
Lide	A possibilidade de os pais deixarem de matricular seus filhos em escolas públicas ou privadas e educá-los em casa será julgada pelo Supremo Tribunal Federal (STF) na próxima quinta-feira, 30 de agosto. Em discussão, um tema de opção organizacionais e pais que defendem a educação domiciliar a órgãos públicos e educadores que veem, nessa prática, problemas como falta de socialização e até abandono intelectual.
Descrição da Foto	Uma mulher branca está sentada em frente ao computador, como em uma conversa virtual. Ela veste uma blusa de lã preta e usa óculos. Na tela, um homem com fones de ouvido sorri. Ao lado do computador, na escrivaninha, itens de papeleria e decoração.
Legenda da Foto	Diego, hoje aluno de uma universidade dos EUA, concluiu seus estudos fora da escola com aprovação da mãe, Adriana
Editoria	Caderno Vida

Assinatura/Jornalista	Guilherme Justino
Citações	<p>— O ensino domiciliar não é algo generalizado: é uma luta de pais que têm condições de promovê-lo, que vão dedicar um tempo da vida deles a esse tipo de educação, utilizando livros didáticos típicos das escolas e se dispendo a levar os filhos para as mesmas provas — explica o advogado Júlio César Tricot Santos, mestre em Direito e autor da ação que será julgada no STF.</p> <p>0— Os pais que escolhem ensinar seus filhos em casa geralmente veem a escola como um fator adverso, ruim mesmo, para a formação da criança, entendendo que uma série questões, como indisciplina em sala de aula e bullying, atrapalha a aprendizagem — define Édison Prado de Andrade, advogado e fundador da Associação Brasileira de Defesa e Promoção da Educação Familiar (ABDPEF).</p> <p>— Independentemente da postura familiar, ainda que contra os pais, o direito da criança e do adolescente em frequentar uma escola regular é tutelado pelo Ministério Público. Deixar ao encargo da família toda a educação de seus filhos poderia fazer com que ficassem restritos àquele círculo, sem a convivência sadia com a sociedade, em toda sua diversidade, e fundamental para seu pleno desenvolvimento — afirma Luciana. <i>(promotora de Justiça Luciana Casarotto)</i></p> <p>— A frequência obrigatória à escola, é bom lembrar, não se trata apenas de uma questão meramente pedagógica, mas, sim, de socialização, de inclusão social — completa a promotora de Justiça Regional da Educação.</p> <p>— Os órgãos públicos estão certos em cobrar que toda criança esteja na escola. Mas é preciso haver um diálogo, porque às vezes, como no nosso caso, o homeschooling é uma opção dos pais e do próprio aluno — afirma Adriana, que já trabalhou como defensora pública.</p> <p>— Eu me sentia sufocado. Meu sonho era jogar tênis profissional e sabia que a escola não estava ajudando. Foi uma mudança muito rápida, que eu não estava esperando, então óbvio que senti falta dos meus amigos, acabei ficando isolado. Mas era o que eu queria, amadureci e vi que fiz a escolha certa — reflete Diego.</p> <p>— Não dá para dizer que é perfeito, porque há vários problemas que é preciso vencer, mas é um método interessante. O aluno não recebe nada mastigado, acaba aprendendo a pensar por conta própria, a ir atrás do que precisa saber — avalia o pai.</p> <p>“A escola é indispensável para o pleno exercício da cidadania e, na medida em que os indivíduos são orientados para respeitar a diversidade com a qual inevitavelmente terão que conviver, contribui para a erradicação da</p>

	<p>discriminação e o respeito aos direitos humanos”, afirmou a Advocacia Geral da União (AGU) — É preciso que o estado supervisione a educação que esses jovens estão tendo em casa — defende Luciane, que fez doutorado na área</p> <p>— Não sou, por princípio, favorável à ideia de que a educação domiciliar simplesmente seja liberada. É uma alternativa para casos bem específicos. Mas temos, no Brasil, escolas constituídas, na perspectiva de muitos pais, como lugares de risco, de violência não apenas física, mas simbólica. Então, é preciso levar esse método em consideração — afirma Andrade. <i>(advogado Édison Prado de Andrade)</i></p>
Destaques da Notícia	não se aplica

Formação sem escola foi escolhida devido à discrepância entre a posição de importância da mulher na fotografia e no contexto geral do texto. Schultze (2005) aponta a fotografia como uma forma de convencimento do ocorrido. Dessa maneira, até mesmo pela posição da fotografia na diagramação, posicionada ao lado do título “Formação Sem Escola” e do box ‘Fora da Sala de Aula, mas com Diploma’, o entendimento da personagem que aparece na fotografia em si passa por mudanças. Ao considerarmos os critérios semióticos de Peirce (1977), o leitor não aprofunda necessariamente seu conhecimento com a imagem, mas modifica sua interpretação na metade do caminho. Seguindo a linha do autor, podemos afirmar que:

Primeiridade: a mulher da fotografia estuda ou estudou em uma opção a distância (EAD);

Secundidade: ao iniciar a leitura do texto, pode-se entender que a mulher deve ser a professora do aluno e estará como uma das principais fontes de informação, falando sobre as resoluções do *homeschool*;

Terceiridade: apenas ao ler o box que contempla o case que o leitor percebe que, na realidade, a mulher que aparece em primeiro plano na foto é mãe do homem que está do outro lado do computador e que ele, na realidade, é o protagonista.

Este tipo de abordagem não representa uma violência aos personagens, mas jornalisticamente confunde o leitor pois promove uma identificação primária que não corresponde ao espaço que o agente em destaque ganha realmente no texto. A opção pela foto de Adriana (mãe de Diego e em evidência na fotografia) pode ser justificada pelo critério de disponibilidade (TRAQUINA, 2005), visto que o estudante não se encontra no Brasil.

7.10.COMENTÁRIOS

Em busca do entendimento e consolidação das teorias que foram aplicadas à análise, observou-se a sessão de comentários das matérias apresentadas na amostragem. A finalidade era compreender se os aspectos de linguagem analisados correspondiam à reação que os leitores possuem verdadeiramente, ao se expressarem em relação ao conteúdo lido.

Neste contexto, foram considerados apenas os comentários apresentados nas sessões disponíveis dentro dos sites, e não os comentários que possivelmente seriam encontrados em redes sociais, caso a notícia tenha sido compartilhada em alguma plataforma. Com base nessas restrições, apenas as matérias *Jovem que foi estuprada pelo pai e teve filho com ele contrata advogado para tirá-lo da cadeia* (Portal G1) e *Ex-BBB Fani Pacheco é aprovada em vestibular de medicina* (GauchaZH) possuíam material.

A primeira matéria, *Jovem que foi estuprada pelo pai e teve filho com ele contrata advogado para tirá-lo da cadeia*, apresentava 94 comentários, sendo:

Quadro 10 - comentários

CATEGORIA	NÚMERO	%
Usuários de nome masculino	56	59,6
Usuários de nome feminino	26	27,6
Usuários indefinidos	12	12,8
Comentários em relação ao acusado	13	13,8
Comentários em relação à vítima	21	22,3
Comentários em relação à família	16	17,0
Analogias e metáforas	4	4,3
Comentários aleatórios	40	42,6

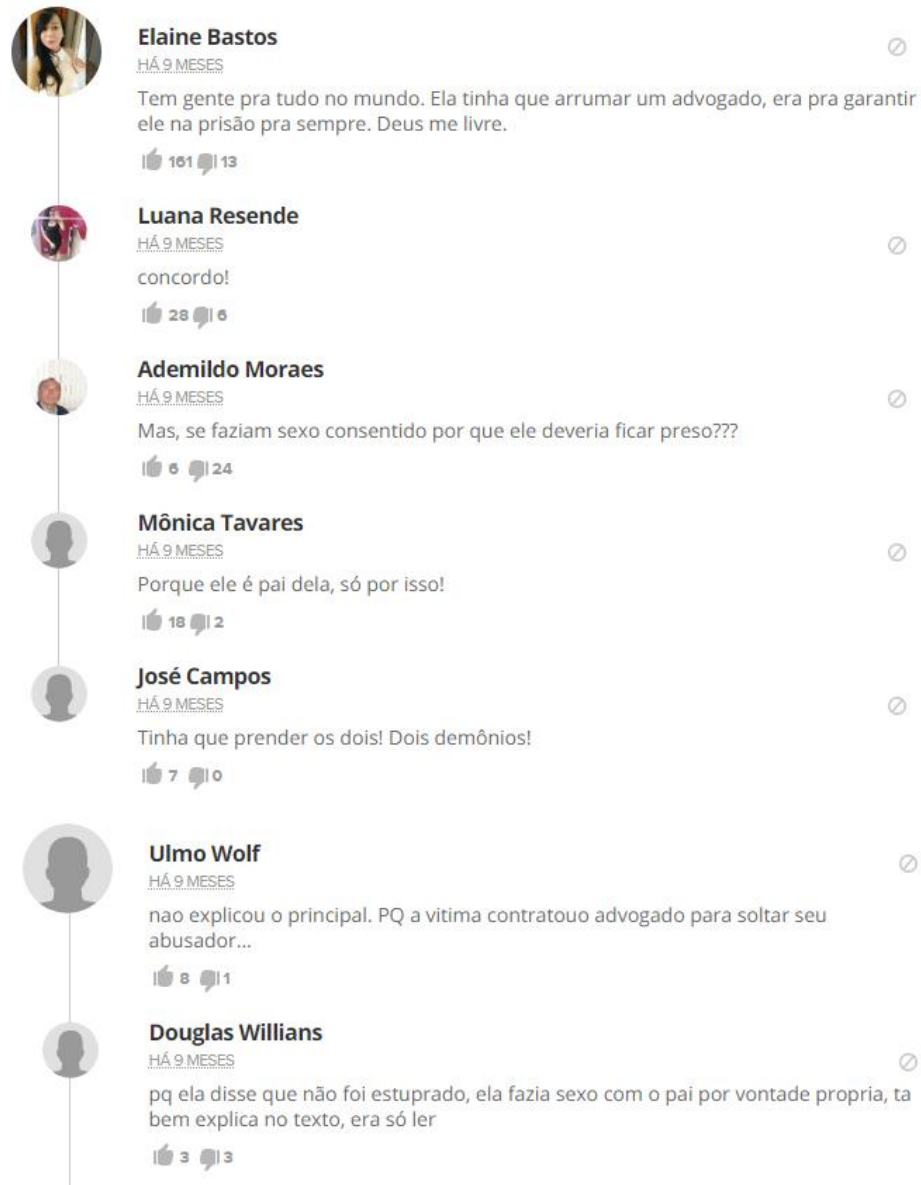
Primeiramente, percebe-se que 42,6% dos comentários apresentados não trazem informações sobre nenhum personagem e/ou informação apresentada na história. Os comentários aleatórios correspondem a frases soltas, concordância ou discordância de comentários anteriores e conversas entre os comentaristas, acerca assuntos terceiros e sobre eles mesmos – muitas vezes em tons agressivos e utilizando palavras inapropriadas.

Figura 12 - comentários 1



Nos outros comentários, sejam eles falando da família, da vítima, ou do acusado, o tom de censura e acusação dominam. O uso de palavras obscenas e a culpabilização da vítima reforça, mais uma vez, a construção de texto superficial dada pelo veículo. Nos próprios comentários, as pessoas interagem, questionando informações básicas sobre a matéria, mas, em função do discurso utilizado, o leitor faz a compreensão, baseado somente na sua visão de mundo, como é possível verificar nas imagens abaixo:

Figura 13 - comentários 2



Elaine Bastos
HÁ 9 MESES
Tem gente pra tudo no mundo. Ela tinha que arrumar um advogado, era pra garantir ele na prisão pra sempre. Deus me livre.
161 13

Luana Resende
HÁ 9 MESES
concordo!
28 6

Ademildo Moraes
HÁ 9 MESES
Mas, se faziam sexo consentido por que ele deveria ficar preso???
6 24

Mônica Tavares
HÁ 9 MESES
Porque ele é pai dela, só por isso!
18 2


José Campos
HÁ 9 MESES
Tinha que prender os dois! Dois demônios!
7 0


Ulmo Wolf
HÁ 9 MESES
nao explicou o principal. PQ a vitima contratou advogado para soltar seu abusador...
8 1


Douglas Willians
HÁ 9 MESES
pq ela disse que não foi estuprado, ela fazia sexo com o pai por vontade propria, ta bem explica no texto, era só ler
3 3


Outra situação resultante da falta de contextualização é a criação de hipóteses: neste caso, justificando a denúncia da vítima, como um ciúme devido à violência também ocorrer com a irmã e a “saúde” pelas relações com o abusador.

Figura 1412 - comentários 3


 **Alisson Bacelar**
HÁ 9 MESES
Ela está com saudade da Madeira do papai...
👍 20 🗨️ 58

 **Angelica Sousa**
HÁ 9 MESES
Q
👍 0 🗨️ 0

 **Alisson Bacelar**
HÁ 9 MESES
?
👍 1 🗨️ 2

 **Hamilton Zatt**
HÁ 9 MESES
quase isso,abriu a boca depois que soube que o papai tarado louco queria a irmã mais novinha...a sociedade brasileira esta falida de coerência familiar,lixos como esses merecem penas mais rigorosas..
👍 5 🗨️ 17

 **Hamilton Zatt**
HÁ 9 MESES
Ela somente denunciou porque sentiu ciúme do ato tentado contra a irmã,senão até hoje os pombinhos estariam Off em suas safadezas nojentas,tanto ele (bandido nojento) quanto ela ,burra e estúpida devem seguir o rigor da lei,ou vai se tornar piada casos como esse,quase igual a síndrome de Estocolmo,abusador herói e vítima sentido-se vitimizada pela sociedade.um horror! Mães cuidem seus filhos por favor!!
👍 20 🗨️ 27

 **Anderson Tavares**
HÁ 9 MESES
Cara se mata vai.Faz um favor para humanidade.
👍 7 🗨️ 2

Já uma pequena parcela das pessoas traz comentários que tentam contextualizar e justificar a ação da jovem. Os comentários de defesa se perdem em tantos de acusação e tentam fazer a função que seria da matéria: buscar entender psicologicamente o que leva uma vítima de violência a tentar inocentar seu violentador.

Figura 1513 - comentários 4

 **Bierland Reborn**
HÁ 9 MESES
Geum mais uma vez abrindo comentários em notícias em que não deviam deixar os trools e psicopatas se manifestarem.. depois são dois trabalho, apagar os comentários dos energúmenos e ainda fechar o espaço.... estagiários que não aprendem !!!!
👍 22 🗨️ 3

 **Massaru Myiamoto**
HÁ 9 MESES
Pois é, somente um completo idiota para esperar um comportamento lúcido da moça, mas para os advogados de esturpadores e criminosos em potencial do geum, tudo é motivo de xingar e fazer chacota.
👍 4 🗨️ 2

 **angelo anselmo**
HÁ 9 MESES
Suponho que ela sofra de algo c.omo a "Síndrome de Estocolmo" ou algo parecido. Uma criança que foi violentada desde os 7 anos pelo pai, dificilmente não terá problemas psicológicos.
👍 22 🗨️ 1

Passando para a segunda matéria com comentários, *Ex-BBB Fani Pacheco é aprovada em vestibular de medicina*, são encontrados apenas nove comentários, sendo: três parabenizando Fani Pacheco, três discutindo sobre a escolha pela foto e problematizando a opção, visto que não está relacionada com o conteúdo da notícia em si, dois tratando sobre a forma física da personagem com acidez “vai se especializar em gordologia” – comentário provocado novamente pela escolha da foto que ilustra a notícia, e um também em tom de ironia, que busca desmerecer o evento principal noticiado – uma ex-BBB que irá cursar medicina.

Apesar de não apresentar tantos conflitos quanto os comentários da matéria anterior, mostra que a escolha pela foto gera, em partes, desconforto para alguns leitores, bem como também provoca comentários que poderiam ser poupados caso fosse utilizada uma opção de imagem mais adequada para o conteúdo que está sendo apresentado.

Figura 16 - comentários 5



7.11. PERCEPÇÕES SOBRE A ANÁLISE

O objetivo de trabalhar com uma amostragem era criar uma análise representativa e diversificada. Há sinais que demonstram a possibilidade de que o jornalismo busca melhorar

seu posicionamento sobre a mulher com o passar dos anos, abordando pautas de maior interesse público e tentando fugir dos estereótipos de gênero estruturalmente consolidados.

Ainda assim, a análise mostra que esse senso-comum ainda está presente nas narrativas jornalísticas, muitas vezes de forma indireta, com fotos ou uso de palavras que provocam novos sentidos quando são recepcionados pelo usuário. Também são usados de forma direta, principalmente em textos opinativos como o *Bela, Recatada e do Lar*.

O jornalismo brasileiro ainda depende muito da rotina produtiva. A escolha das fontes por disponibilidade e não por relevância e a realização de matérias rasas são fatos que acabam prejudicando a luta e combate à violência contra a mulher, pois não conseguem promover um ambiente de reflexão e respeito quando levam informação ao receptor.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A luta feminista ainda é necessária. Por esse motivo, buscou-se, por meio desse estudo, analisar a linguagem jornalística em matérias que tratavam sobre a mulher e refletir sobre quais aspectos de linguagem a mulher é apresentada nas mais diversas abordagens jornalísticas. A amostragem para análise foi representada pelas matérias: *Todas elas em uma: como será a mulher do futuro?* (Jornal Pioneiro), *IBGE: mulheres recebem, em média, 79,5% do salário dos homens* (Zero Hora), *Jovem que foi estuprada pelo pai e teve filho com ele contrata advogado para tirá-lo da cadeia* (Portal G1), *Mais de 10 ocorrências de violência contra mulher foram registradas nas últimas horas em Caxias* (Jornal Pioneiro), *Torneio de Tênis em Madri anuncia competição mista contra a violência de gênero* (GauchaZH), *Ex-BBB Fani Pacheco é aprovada em vestibular de medicina* (GauchaZH), *Marcela Temer: bela, recatada e “do lar”* (Revista Veja), *Bem-estar em primeiro lugar* (Zero Hora), *Formação sem escola* (Zero Hora).

Para análise destes conteúdos foram utilizados, principalmente, princípios de semiótica de Santaella (1983), de construção de texto e discurso de Van Dijk (1992) e de identificação dos valores-notícia propostos por Traquina (2005), além de outros autores que complementaram a fundamentação teórica da pesquisa.

O objetivo principal da pesquisa foi abordar e analisar os aspectos da linguagem jornalística em matérias relacionadas à mulher, discutindo também, por meio dos objetivos específicos, a construção da linguagem jornalística, a identificação de matérias relacionadas à mulher a construção da mulher dentro desta linguagem. De qualquer maneira, não basta apenas apontar os erros dentro de um mercado que já é atacado corriqueiramente. Por isso, também foram sinalizados aspectos de uma linguagem feminista, representativa e amorosa, que pudessem contribuir para a rotina do profissional de jornalismo.

Em meio a tanta produção de conteúdo e tanto conhecimento que vem sendo adquirido acerca de um novo fazer comunicacional - mais inclusivo e que não corresponda a uma nova violência contra as mulheres - é perceptível que alguns padrões continuam sendo utilizados quando a mulher entra como assunto principal em um texto. Por meio das dez matérias apontadas na amostragem, buscava-se um conjunto representativo na pluralidade de textos. Ainda assim, essa pluralidade não é encontrada nos discursos.

A mídia apresenta e representa, identifica, dá voz e estimula imaginários. Ao produzirmos uma matéria, criamos um contexto no qual os personagens da matéria são inseridos. Quando os veículos de comunicação representam a mulher reforçando estereótipos e utilizando uma linguagem que produz uma nova violência, enrijecem as estruturas já conhecidas na sociedade, construídas por uma visão sexista do mundo.

Apresentar de não terem sido apresentadas hipóteses nesta pesquisa, a própria motivação já apontava para um olhar desconfiado em relação ao jornalismo. No entanto, somente após estudar os princípios do jornalismo, destacar os valores-notícia e trabalhar as questões de linguagem e discurso, foi possível perceber que o problema do jornalismo brasileiro pouco é com matérias escancaradamente machistas. No contexto atual, o jornalismo busca falar sobre pautas feministas e discute de forma mais clara a violência contra a mulher; no entanto, ainda peca na hora de procurar por fontes que sejam mulheres e também nos espaços dados a elas.

Desde o processo de seleção da amostragem já era possível perceber a discrepância entre as pautas, os locais de fala e as principais motivações que levavam as mulheres a serem pauta na mídia brasileira. De qualquer forma, são poucos os veículos de comunicação que não caem em clichês quando tratam sobre uma mulher em sua produção jornalística. O excesso de adjetivos, a utilização de falas que não correspondem com dados apresentados anteriormente e a opção por fotografias que não representam o contexto da pauta ainda são frequentes no meio jornalístico.

A pesquisa conseguiu cumprir todos os objetivos, e por meio dela foi possível perceber que ainda há muito o que estudar sobre essa problemática. Outras possibilidades que pretendo trabalhar neste campo são a relação entre a produção midiática e a aceitação dos direitos das mulheres; também as questões de assédio velado dentro do próprio meio jornalístico.

Particularmente, produzir esta monografia foi um desafio. Primeiro por perceber quão difícil é encontrar conteúdos que não reforcem estereótipos de gênero. Depois porque, como mulher, sentia-me afetada por muitas das reportagens encontradas durante o processo. Como aprendizado, seguirei tentando desconstruir diariamente essa estrutura que tanto oprime as mulheres em todo mundo, seja pessoal ou profissionalmente.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ALSINA, Miquel Rodrigo. **A construção da notícia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo?** São Paulo: Brasiliense, 1981.

AUMONT, Jacques. **A imagem**. Tradução de Estela dos Santos Abreu e Claudio C. Santoro. 6 ed. Campinas, SP: Papyrus, 2001.

BAHIA, Juarez. **Jornal, história e ética: história da imprensa brasileira**. Editora Ática SA. São Paulo. 4ª edição. 1990.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Martins Fontes, 2010

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. **Jornalismo Amoroso: quem quer (a)provar?**. REBEJ – Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo. Ponta Grossa, v.1, n.9, p. 93-118, jan. a jun. 2012.

_____, Maria Luiza Cardinale. **Cartografia de saberes na pesquisa em turismo: proposições metodológicas para uma ciência em mutação**. Rosa dos Ventos, v. 6, p. 342-355, 2014.

_____, Maria Luiza Cardinale. **Ecossistemas turístico-comunicacionais subjetivos: Sinalizadores teórico-metodológicos, no estudo de ecossistemas turístico-comunicacionais-subjetivos, considerados a partir de sua característica ecossistêmica, caosmótica e autopoietica**. 2018.

BARSTED, Leila Linhares. **Comunicação: é falando que a gente se entende**. In: PROJETO MULHER. Mulheres em Movimento. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero; Instituto de Ação Cultural, 1983.

BARBA, Montserrat Pan. **Que és el feminismo?** About Español. 2016. Disponível em: <https://www.aboutespanol.com/que-es-el-feminismo-1271569>. Acesso em: 6 de setembro de 2018.

BASTHI, Angélica. **Guia para jornalistas sobre gênero, raça e etnia** / Angélica Basthi (organização e elaboração) Brasília: ONU Mulheres; Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ); Programa Interagencial de Promoção da Igualdade de Gênero, Raça e Etnia (Fundo de Alcance dos Objetivos do Milênio, F-ODM), 2011. Disponível em: http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2013/01/guia_jornalistas.pdf. Acesso em: 15 mai. 2019.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Tradução de Sérgio Milliet. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1980.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução Fernando Tomaz. Editora Bertrand Brasil. Lisboa, 1989. Disponível em: [https://labmus.emac.ufg.br/up/988/o/BOURDIEU__Pierre._O_Poder_Simb%C3%B3lico_\(2\).pdf](https://labmus.emac.ufg.br/up/988/o/BOURDIEU__Pierre._O_Poder_Simb%C3%B3lico_(2).pdf). Acesso em: 10 jul. de 2018.

BRASIL. Decreto 1.973, de 1º de agosto de 1996. **Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher**. Brasília. Casa Civil, Subchefia

para Assuntos Jurídicos, 1996. Disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1996/D1973.htm. Acesso em: 6 de abr. 2019

_____. Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. **Lei Maria da Penha**. Brasília. Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos, 2006. Disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11340.htm. Acesso em: 13 abr. 2019.

BUENO, Ronaldo Velho. **Narrativas passageiras**: conversas de ônibus como subsídio para o agendamento do jornalismo. 2017. 147 f. Monografia (Comunicação Social, habilitação em Jornalismo) - Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul, 2017.

BITONI, Dulcília Helena Schroeder. **Mulher de papel**: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira. São Paulo: Loyola, 1981.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida**. Uma nova compreensão dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix. 1996.

CASADEI, Eliza Bacheга. **A inserção das mulheres no jornalismo e a imprensa alternativa**: primeiras experiências do final do século XIX. Revista Alteor – ECA/USP. Ano 2. Vol 1. 3ª edição. São Paulo, 2011

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. A era da informação: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHARAUDEAU, Patrick. **O discurso das mídias**. São Paulo. Editora Contexto. 1ª edição. 2009.

COSTA, Cristina. **Educação, imagem e mídias**. Coleção aprender e ensinar com textos; v.12 / coord. Geral Adilson Citelli, Ligia Chiappini. Editora Cortez. São Paulo, 2005.

COTT, Nancy. **The Grounding of Modern Feminism**. New Haven, Yale University Press. 1987.

DESCARRIES, Francine. **Um feminismo em múltiplas vozes, um movimento em atos**: os feminismos no Québec. In: Labrys, estudos feministas. Brasília: UnB, número 1-2, julho/dezembro, 2002.

ERICSON, Richard; BARANEK, Patricia; CHAN, Janet. (eds). **Negotiating Control**: a study of news sources. Milton Keynes: Open University Press, 1989.

FAIRCLOUGH, Norman. **Media Discourse**. London: Edward Arnold, 1995.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS - FENAJ. **Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros**. 2007. Disponível em: https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf. Acesso em: 05 fev. 2019

FELMAN, Shoshana. "Women and madness: the critical phallacy". *Diacritics*, 5 (inverno 1975): 10. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Tendências e impasses**: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro. Rocco, 1994

FERNÁNDEZ, Alicia. **A mulher escondida na professora**: uma leitura psicopedagógica do ser mulher, da corporalidade e da aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994. Disponível em:

http://maratavarepsictics.pbworks.com/w/file/etch/67625841/alicia_fernandez_-_a_mulher_escondida_na_professora.pdf. Acesso em: 15 mar. 2019

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio de Português Online**. 2019. Disponível em <https://dicionariodoaurelio.com>. Acesso em: 2 fev. 2019

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução Joice Elias Costa. 3.ed. Porto Alegre: Artemed, 2009.

FOLHA DE S. PAULO. **Novo manual de redação**. Folha de S. Paulo. São Paulo, 1992

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Anuário brasileiro de segurança pública**. Ano 12. São Paulo, 2018. 90p. Disponível em: <http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/02/Anuario-2019-v6-infogr%C3%A1fico-atualizado.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2019.

GALTUNG, J. e RUGE, M. **The structure of foreign news**. Journal of International Peace Research, vol 1. In: TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: por que as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2 ed, 2005

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GRICE, Herbert Paul. **Lógica da conversação**. In Pragmática – problemas, críticas, perspectivas da linguagem, bibliografia. Vol 4. Org. Marcelo Dascal. Unicamp. São Paulo, 1982

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Liv Sovik (org); Trad. Adelaine La Guardia Resende. Editora UFMG. Belo Horizonte, 2011.

HALLIDAY, Michael. **Language as social semiotic**. London: Edward Arnold, 1978.

HIRATA, H. et al. (Org.). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

HOEK, Leo H. **La marque du titre: dispositifs sémiotique d'une pratique textuelle**. La Haye, Mouton, 1980.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro. Rocco, 1994

INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO; INSTITUTO LOCOMOTIVA. **Percepções e comportamentos sobre violência sexual no Brasil**. 2016. Disponível em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/dados-e-fontes/pesquisa/percepcoes-e-comportamentos-sobre-violencia-sexual-no-brasil-instituto-patricia-galvaolocomotiva-2016/>. Acesso em: 18 jul. 2018

KELLNER, Douglas. **Lendo imagens criticamente: em direção a uma pedagogia pós-moderna**. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **Alienígenas em Sala de Aula**. 6.ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

KRISTEWA, Julia. **História da linguagem**. Ed.70. Lisboa, 1969.

LAGE, Nilson. **Ideologia e técnica da notícia**. 3 ed. Florianópolis: Insular / UFSC, 2001.

_____, Nilson. **Linguagem jornalística**. São Paulo. Editora Ática. 1ª edição. 1993

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 7ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais: o que são e como se classificam**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2000.

MARX, Karl. **Fondements de la critique de l'économie politique**. Vol I. Paris: éditions anthropos, 1975.

MELO, José Marques. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Editora Vozes. Petrópolis, 1985.

MONDADA, Lorenza. **Verbalisation de l'espace et fabrication du savoir: approche linguistique de la construction des objets de discours**. Université de Lausanne. 665 f. Lausanne, 1994.

MORAES, Paulo Roberto. **Geografia geral e do Brasil**. 4 ed. São Paulo: HARBRA. 2011

MUZART, Zahidé Lupinacci. **Uma espiada na imprensa das mulheres no século XIX**. Revista Estudos Feministas. CFH/CCE/UFSC. Vol. 11, n. 1, 2003.

OAKLEY, Ann. **Sex, Gender, and Society**. New York, Harper Colophon Books. 1972

OBSERVATÓRIO DO TRABALHO. **Boletim Anual Mulheres e Mercado de Trabalho**. NID/UCS. N 10. Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul, 2019. 17 p. Disponível em: https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/Boletim_Mulheres_2019.pdf. Acesso em: 5 mai. 2019

OCKRENT, Christine; TREIN, Sandrine. **O livro negro da condição das mulheres**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2011.

ORLANDI, E. P. **Discurso, imaginário social e conhecimento**. Em Aberto, a. 14, n. 61. Brasília, 1994.

PEIRCE, Charles S. **Semiótica**. Editora Perspectiva. São Paulo, 1977

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. 3ed. São Paulo. Contexto, 2012.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru: Edusc, 2005.

PETERS, Bettina. **La barrera invisible**. Revista Perspectivas. Santiago de Chile: Isis Internacional, n. 4, 1996.

PETRARCA, Fernanda Rios. **O jornalismo no Brasil: a gênese de uma profissão**. In: XII CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 31 de maio a 03 de junho de 2005, UFMG, Belo Horizonte, MG.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

_____, Céli Regina Jardim. **Feminismo, história e poder**. Revista Sociologia Política, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v18n36/03.pdf>. Acesso em 05 abr. 2018.

REVISTA FÓRUM. **Relatório mostra que 70% dos pobres do planeta são mulheres**. 2012. Disponível em:

https://www.revistaforum.com.br/relatorio_mostra_que_70__dos_pobres_do_planeta_sao_mulheres/. Acesso em: 6 abr. 2019

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **Jornalismo, literatura e política: a modernização da imprensa carioca nos anos 1950**. In: Estudos Históricos, n. 3. Rio de Janeiro, CPDOC/FGV. 2003.

ROCHA, Paula Melani. **A profissionalização no jornalismo e o mercado de trabalho para mulheres no Estado de São Paulo**. Revista Jurídica Eletrônica UNICOC, número 02, outubro de 2005.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral**. Organização de Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. Trad. de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 24ª ed. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2002.

SCHULTZE, Ana Maria. **Fotografia e educação: a escola como formadora de leitores críticos da imagem midiática**. IV Encontro Nacional dos Núcleos de Pesquisa da Intercom. Universidade Estadual Paulista. São Paulo, 2005. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/errata/AnaMaria.pdf>. Acesso em: 03 fev. 2019.

SCOTT, Joan W. **Women's History**. In: Past and Present, 101. Pp. 141-157. Republicado em Gender and the Politics of History. New York, Columbia University Press. 1988.

_____, Joan Wallach. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SILVA, Marconi Oliveira. **Imagem e verdade: jornalismo, linguagem e realidade**. 1 ed. Editora Annablume. São Paulo, 2006.

SILVA, Rafael Pereira. **Jornalismo no Brasil: a institucionalização de uma identidade profissional**. 2015. 14 f. 10º Encontro Nacional de História da Mídia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2015.

SOARES, Nana. **Em números: a violência contra a mulher brasileira**. O Estado de São Paulo. São Paulo. 07 set. 2017. Femicídio. Disponível em: <http://emails.estadao.com.br/blogs/nana-soares/em-numeros-a-violencia-contra-a-mulher-brasileira/>. Acesso em: 05 jul. 2018

SODRÉ, Muniz. **A comunicação do grotesco: introdução à cultura de massa brasileira**. 11 ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1972.

SODRE, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1966.

STUMPF, Ida Regina C. **Pesquisa bibliográfica**. In: DUARTE, Jorge; DUARTE, Antonio (Org.). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, 2014.

THINK OLGA. **Minimanual do Jornalismo Humanizado**. Parte I: Violência contra a mulher. 2016. Disponível em: https://think-olga.s3.amazonaws.com/pdf/violencia_contra_mulher.pdf. Acesso em: 15 mai. de 2019.

TILLY, Louise A. **Gênero, história das mulheres e história social**. Cadernos Pagu, vol 3. P 29-62. 1994

TOKARNIA, Mariana. **Mulheres assinam 72% dos artigos científicos publicados pelo Brasil**. Agência Brasil. Brasília, 2019. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-03/mulheres-assinam-72-dos-artigos-cientificos-publicados-pelo-brasil>. Acesso em: 24 mar.2019

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**: por que as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2 ed, 2005

_____, Nelson. **Teorias do jornalismo**. A tribo jornalística - uma comunidade interpretativa transnacional - Florianópolis: Insular, 2005

VALENTE, Virginia Vargas. **Presupuestos sensibles al género**: las experiencias en América Latina. In: MIRANDA, Cynthia Mara. Os movimentos feministas e a construção de espaços institucionais para a garantia dos direitos das mulheres no Brasil. NIEM/UFRGS. Porto Alegre, 2009.

VAN DIJK, Teun A. **Estrutura da notícia na imprensa**. In: KOCH, Ingedore V. Cognição, discurso e interação. Editora Contexto. São Paulo, 1992.

WOITOWICZ, Karina Janz. **Marcos históricos da inserção das mulheres na imprensa: a conquista da escrita feminina**. Ponta Grossa, 2008.

WORLD ECONOMIC FORUM. **Global Gender Gap Report. 2018**. Disponível em: http://reports.weforum.org/global-gender-gap-report-2018/?doing_wp_cron=1545060896.9536979198455810546875. Acesso em: 6 abr. 2019

Matérias jornalísticas:

Bem-estar em primeiro lugar. Zero Hora. Caderno Vida. Pg 4-5. Porto Alegre. 25 de novembro de 2018

Ex-BBB Fani Pacheco é aprovada em vestibular de medicina. GauchaZH. 31 de ago de 2017. Disponível em <https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/gente/noticia/2017/08/ex-bbb-fani-pacheco-e-aprovada-em-vestibular-de-medicina-9884501.html> Acesso em 31 de ago de 2017

Formação sem escola. Zero Hora. Guia de Melhores Empresas para Trabalhar. Pg 8. Porto Alegre. 25 e 26 de agosto de 2018

Jovem que foi estuprada durante anos pelo pai e teve filho com ele contrata advogado para tirá-lo da cadeia. Portal G1 Sorocaba e Jundiaí. 12 de set. de 2019. Disponível em < https://g1.globo.com/sp/sorocaba-jundiai/noticia/2018/09/12/jovem-que-foi-estuprada-durante-anos-pelo-pai-e-teve-filho-com-ele-contrata-advogado-para-tira-lo-da-cadeia.ghtml?fbclid=IwAR0alQKSh8EWREce8YV6r3DoBoc0S-4z2OwKHALwLHs_X_FG1UWWXCUI_nA> acesso em 10 de dez de 2018.

JUSTINO, Guilherme. IBGE: mulheres recebem, em média, 79,5% do salário dos homens. Zero Hora. 03 de mar. de 2019. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/noticia/2019/03/ibge-mulheres-recebem-em-media-795-do-salario-dos-homens-cjsz32ld601a601uj53ox8ph5.html> acesso em 8 mar. de 2019

LINHARES, Juliana. Marcela Temer: bela, recatada e "do lar". Revista Veja. 18 de abril de 2016. Disponível em: <

<https://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>> acesso em 10 de jun de 2018

Mais de 10 ocorrências de violência contra mulher foram registradas nas últimas horas em Caxias. Jornal Pioneiro. 30 de set. de 2018. Disponível em <
<http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/geral/policia/noticia/2018/09/mais-de-10-ocorrencias-de-violencia-contramulher-foram-registradas-nas-ultimas-horas-em-caxias-10600544.html?fbclid=IwAR2Hn6gXwQfgrSLGWLlhkNHINwvLPly7NXiNIS1-fBS-PsiE60i7IO57Hhs>> acesso em 30 de set. de 2018.

MORAES, Fabiano. Todas elas em uma: como será a mulher do futuro? Jornal Pioneiro. Caxias do Sul, 9 de março de 2011. Disponível em <
<http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/noticia/2011/03/todas-elas-em-uma-como-sera-a-mulher-do-futuro-3233822.html>> acesso em: 5 de jul de 2018

Torneio de tênis em Madrid anuncia competição mista contra a violência de gênero. Zero Hora. 21 de mar de 2018. Disponível em:
<<https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/noticia/2018/03/torneio-de-tenis-em-madri-anuncia-competicao-mista-contraa-violencia-de-genero-cjf0i73dn04x501p4t70r6ftf.html>>
Acesso em 07 de jan de 2019

ANEXO A – MATÉRIAS NA INTEGRA: ANEXO EM CD

APÊNDICE – PROJETO DE MONOGRAFIA: ANEXO EM CD